ISAAC ASIMOV

LUCKY STARR 5



O ROBÔ DE JÚPITER

LUCKY STARR 5:

O ROBÔ DE JÚPITER

ISAAC ASIMOV



Digitalização
DIGITAL SOURCE

Formatação
LEYTOR

Prefácio

Nos anos 50, escrevi uma série de 6 heróicas histórias sobre David “Lucky” Starr e suas batalhas contra malfeitores dentro do sistema solar. Cada uma delas tinha lugar numa diferente região do sistema, e em cada caso, eu fazia uso dos fatores astronômicos – como era então conhecido.

Agora, um quarto de século depois, a “*Fawcett*” está apresentando aquelas histórias em novas edições; mas que quarto de século foi este! Aprendeu-se mais sobre os mundos do nosso sistema solar neste último quarto de século que em todos os milhares de anos anteriores.

O *Robô de Jupiter foi escrito em 1956. Em meados de 1973, porém, a sonda para Jupiter, a “Pioner X”, passou por Jupiter e registrou um enorme campo magnético contendo densas concentrações de partículas carregadas. Os grandes satélites de Jupiter estão encerrados naquele campo, e a intensidade da radiação tornaria difícil ou mesmo impossível o vôo de naves tripuladas em suas vizinhanças.*

A viagem de Lucky através do sistema de satélites teria que ser corrigida, para levar em conta a intensa radiação, como se estivesse escrevendo o livro hoje. E em 1974, um 13º satélite de Jupiter foi descoberto, muito pequeno, com um comprimento de poucos quilômetros, e uma órbita bem semelhante à de Jupiter IX. Eu o mencionaria, se estivesse escrevendo o livro agora.

E*spero que meus gentis leitores gostem do livro, de qualquer modo, como de uma história de aventuras, mas, por favor,*

• 1 •
Problema em Júpiter Nove

Júpiter apresentava-se quase como um círculo exato de luminosidade opaca, metade do diâmetro aparente da Lua vista da Terra, mas com apenas um sétimo de claridade lunar face à grande distância do Sol. Mesmo assim, era uma visão de rara beleza.

Lucky Starr fitou-o pensativamente. As luzes da sala de controle estavam apagadas e a fraca luminosidade de Júpiter, no centro da visitela, fazia com que Lucky e seu companheiro parecessem meras sombras. Lucky disse: – Se Júpiter fosse oco, Bigman, você poderia colocar em seu interior mil e trezentos planetas do tamanho da Terra e ainda sobraria espaço. É mais pesado que todos os demais planetas juntos.

John Bigman Jones, que admitia ser chamado de tudo, menos de Bigman, pois tinha pouco mais de um metro meio de altura se se esticasse um pouco, era contra qualquer coisa que fosse enorme, exceto Lucky.

– E que vantagem há nisso tudo? – disse Bigman. – Ninguém pode pousar ou se aproximar dele.

– Talvez jamais aterrissemos nele – disse Lucky – mas estaremos bem perto disso logo que as naves Agrav sejam aperfeiçoadas. – Com os sirianos trabalhando – disse Bigman, franzindo o cenho em meio à escuridão – cabe a nós fazer com que isso aconteça.

– Bem, Bigman, veremos.

Bigman esmurrou com seu minúsculo punho a palma da outra mão:

– Dunas de Marte, Lucky, quanto tempo teremos que esperar aqui?

Estavam a bordo da nave de Lucky, a Shooting Starr, na órbita de Júpiter, com velocidades ajustada com Júpiter Nove, o satélite mais afastado do planeta gigante.

Esse satélite projetava-se imóvel a mil e quinhentos quilômetros de distância. Oficialmente, seu nome era Adrastea, mas, excetuando o maior e o menor, os satélites de Júpiter eram mais conhecidos popularmente por meio de números. Júpiter Nove tinha apenas cento e trinta quilômetros de diâmetro, na verdade era um simples asteróide, mas parecia ser maior que Júpiter, a vinte milhões de quilômetros de distância.

O satélite era uma rocha íngreme, cinzenta e de aspecto ameaçador à tênue luz solar, e mal despertava atenção. Ambos, Lucky e Bigman, haviam observado

centenas de vistas semelhantes no cinturão do asteróide.

De certo modo, porém, este asteróide era diferente. Sob sua crosta, milhares de homens e bilhões de dólares foram empregados na produção de naves que seriam imunes aos efeitos gravitacionais.

Contudo, Lucky preferia observar Júpiter. Apesar da distância deste em relação à nave, no momento (na verdade três quintos da distância de Vênus à Terra quando suas trajetórias mais se aproximam entre si), Júpiter era um disco grande o bastante para revelar suas zonas coloridas, a olho nu. Estas eram de um rosa pálido e azul-esverdeado como se uma criança tivesse lambuzado os dedos nas tintas frescas de um quadro recém-pintado e com eles deixado vestígios na imagem de Júpiter.

Por um instante, Lucky quase se esquecera dos perigos mortais encerrados na beleza aparente de Júpiter. Bigman teve de repetir sua pergunta num tom de voz mais alto:

– Ei, Lucky, quanto tempo teremos que esperar aqui?

– Você sabe a resposta, Bigman. Ficaremos até quando o Comandante Donahue vier nos apanhar.

– Eu sei. O que quero saber é por que razão temos de esperá-lo – Porque ele pediu – Oh, ele pediu. Quem ele pensa que é?

– O chefe do Projeto Agrav – disse Lucky pacientemente. Mesmo assim você sabe que não é obrigado a fazer o que ele manda.

Bigman sabia íntima e exatamente os poderes que Lucky tinha em mãos. Como membro do Conselho de Ciência, uma, organização brilhante e abnegada que combatia os inimigos da Terra dentro e fora do sistema solar, Lucky Starr podia tomar decisões mesmo contrárias àquelas dos elementos do mais alto escalão.

Mas Lucky não estava suficientemente preparado para tal. Júpiter representava um perigo já conhecido, um planeta letal e de gravidade insuportável; contudo, a situação em Júpiter Nove era ainda mais perigosa, pois não se sabia precisamente qual a natureza dos perigos – e até que Lucky tivesse uma noção mais exata desses perigos, procurava agir com cautela.

– Tenha paciência, Bigman – disse.

Bigman resmungou e acendeu bruscamente as luzes. – Não vamos ficar aqui o dia inteiro olhando Júpiter de olhos arregalados, não é?

Caminhou na direção da pequena criatura venusiana que se agitava para cima e para baixo no interior de seu aquaterrarium, a um canto da cabina do piloto. Deixouse ficar carinhosamente junto a ela, sua boca enorme abriu-se num sorriso de prazer.

A rã-V sempre produzia esse efeito em Bigman, e na verdade qualquer pessoa sentiria o mesmo.

A rã-V era um ser nativo dos Oceanos de Vênus. Uma coisa pequenina que, por vezes, parecia ter apenas olhos e pés. Seu corpo era verde e semelhante ao de um sapo, mas tinha só quinze centímetros de comprimento. Seus dois olhos enormes projetavam-se para fora das órbitas como amoras negras brilhantes, e sua boca proeminente, bastante torta, abria-se e fechava-se a intervalos regulares. Com rapidez encolhia suas seis pernas e comprimia-se contra o fundo de seu aquaterrarium, mas, quando Bigman abria o tampo superior deste, elas se desdobravam e ficavam compridas como pernas-de-pau.

Embora fosse uma coisinha horrível, Bigman sentia afeição por ela e esse sentimento era mais forte que ele. A rã-V sabia disso.

Bigman verificou cuidadosamente o cilindro de dióxido de carbono que mantinha a água do aquaterrarium num nível bom e saudável de saturação e certificou-se de que a temperatura da água era de 95° _ (Os oceanos quentes de Vênus eram envolvidos e saturados por uma atmosfera de nitrogênio e dióxido de carbono. Não havia oxigênio puro em Vênus, salvo nas cidades-domos situadas no fundo de seus baixios oceânicos, e este poderia ser mais desconfortável para a rã-V.)

– Você acha que há comida suficiente para ela? – perguntou Bigman, e como a rã-V ouvisse a pergunta, sua boca alongada apanhou um pedacinho verde da gavinha do capim venusiano que estava espalhado no aquaterrarium e mastigou lentamente.

– Vamos demorar a pousar em Júpiter Nove – disse Lucky. Então ambos entreolharam-se repentinamente, ao som estridente e inconfundível do sinal recebido.

Um rosto lívido e envelhecido surgiu no centro da visitela imediatamente depois que os dedos de Lucky fizeram os ajustes necessários.

–Aqui fala Donahue – disse a voz, animando-se. Sim, Comandante – disse Lucky. – Estávamos esperando-o.

–Abra as escotilhas para o acoplamento cilíndrico, então.

No rosto do comandante via-se claramente, como se escrita com letras garrafais, uma expressão de preocupação – preocupação e problemas.

Lucky já estava acostumado a esse tipo de semblante nas últimas semanas. Como a do Conselheiro Hector Conway, por exemplo. Para ele, Lucky era quase como um filho, e o velho homem não via necessidade de dissimular seus sentimentos.

O rosto corado de Conway, normalmente amável e seguro de si, em seus cabelos brancos, mostrava-se carrancudo e preocupado. -Há meses espero uma oportunidade de falar-lhe – disse.

– Problemas? – perguntou Lucky calmamente. Ele havia acabado de chegar de Mercúrio, e neste ínterim estivera em seu apartamento de Nova Iorque. – Não recebi nenhum telefonema seu.

– Você mereceu suas férias – falou Conway rispidamente. -Espero poder contribuir para torná-las mais longas.

– Mas o que é isso, tio Hector?

Os olhos sábios do conselheiro-chefe fitaram firmemente os olhos do jovem alto e dócil, à sua frente, e pareceu-lhe encontrar novo alento na serenidade daqueles olhos castanhos. – Sirius! -disse.

Lucky sentiu-se excitado. Era ela a grande inimiga afinal. de contas?

Haviam passado séculos desde as expedições pioneiras da Terra colonizaram os planetas de estrelas mais próximas. Novas civilizações tinham surgido naqueles mundos fora do sistema solar. Sociedades independentes que raramente lembravam de sua origem terrena.

Nos planetas sirianos floresceram as mais antigas e sólidas destas civilizações. A sociedade evoluíra em novos mundos onde uma ciência avançada foi introduzida, baseada em recursos alternativos inéditos. Não era segredo o fato de os sirianos, acreditando representar o melhor da raça humana, aguardarem o momento certo em que poderiam governar todos os povos em qualquer ponto do universo; e consideravam a Terra, o velho planeta-mãe, seu maior inimigo.

No passado, haviam feito o possível para tolerar os inimigos da Terra em seu próprio ambiente, mas nunca tinham-se sentido tão fortes a ponto de se arriscarem a deflagrar uma guerra.

Mas, e agora?

– O que há com Sirius? – perguntou Lucky.

Conway abaixou-se. Seus dedos tamborilavam levemente na mesa. – Sirius tomase mais forte a cada ano que passa – disse. – Sabemos disso. Mas seus mundos estão despovoados; são só poucos milhões. Ainda há mais seres humanos em nosso sistema solar do que o total existente em todas as galáxias próximas. Temos mais naves e cientistas; ainda estamos à frente deles. Mas, pelo Espaço, não manteremos essa dianteira se as coisas continuarem do jeito que vão.

– De que jeito?

– Os sirianos estão nos espionando. O Conselho dispõe de evidências conclusivas de que os sirianos estão completamente informados sobre nossas pesquisas Agrav.

– O quê? – Lucky ficou estarrecido. Havia poucas coisas mais ultra-secretas que o Projeto Agrav. Um dos motivos que concorreram para que a construção real fosse confinada a um dos satélites mais distantes de Júpiter foi justamente para que houvesse mais segurança. – Grande Galáxia, como isso pôde acontecer?

Conway sorriu com amargura. – A questão é exatamente essa. Como é que isso .

aconteceu? Estão obtendo informações de toda a espécie e não sabemos

como é que eles conseguem isso. Os dados do Agrav representam o perigo maior. Já tentamos desvendar o caso. Não há um homem no Projeto cuja lealdade não tenha sido comprovada plenamente. Tomamos todas as medidas de precaução possíveis. Assim mesmo, continuam a transpirar informações. Veiculamos desinformação e eles a receberam.

Sabemos disso através de nossa Inteligência. Forjamos dados de maneira tal que não poderiam ter transpirado e entretanto isso aconteceu.

– O quer dizer com não poderiam ter transpirado?

– Divulgamos algo, de forma que ninguém, na verdade, nem meia dúzia de homens estivessem a par de tudo. Mesmo assim. Isso nos levaria à conclusão de que alguns de nossos homens estariam envolvidos em espionagem e isso é uma coisa em que não podemos acreditar.

– Ou alguém tem acesso a todas as informações – disse Lucky.

– Isso é totalmente impossível. Deve ser algo que ainda não sabemos, Lucky. Você percebe a implicação? Se Sirius descobriu um novo meio de sondar nossas mentes, não estaremos a salvo por muito tempo. Jamais poderíamos organizar nossas defesas contra eles. Nunca poderíamos planejar algo contra eles.

– Espere, tio Hector. Grande Galáxia, pense um minuto. O que quer dizer com "sondar nossas mentes"? – Lucky fitou fixamente o velho.

O conselheiro-chefe animou-se. – Céus, Lucky , estou ficando desesperado. Não consigo entender como isso pôde ser feito. Os sirianos devem ter desenvolvido algum método de leitura mental, de telepatia.

– Como não? Acho que é possível. Nós conhecemos ao menos um dos métodos práticos de telepatia. As rãs-V venusianas.

– Exato – disse Conway. – Já pensei nisso também, mas eles não têm rãs-V venusianas.

Sei como vão as pesquisas sobre a rã-V. Ê preciso fazer milhares delas trabalharem juntas para tomar possível a telepatia. Manter milhares delas em qualquer outro lugar além de Vênus seria terrivelmente difícil e facilmente detectável, também.

E sem rãs-V, não há meio nenhum de produzir emissões telepáticas.

– Nenhum meio que já tenhamos desenvolvido – Lucky disse suavemente. – Longe disso. É possível que os sirianos estejam mais adiantados do que nós em pesquisa telepática.

– Sem rãs-V?

– Mesmo sem elas.

– Não acredito nisso – gritou Conway violentamente. – Não posso acreditar que os sirianos tenham resolvido qualquer problema assim sem nenhuma ajuda do Conselho de Ciência.

Lucky quase sorriu ao sentir o orgulho do velho pela organização, mas teve que admitir que havia ali algo mais do que simples orgulho. O Conselho de Ciência representava a maior reunião de intelectos que a galáxia já conhecera, e, durante um século, nenhum progresso científico digno de nota havia acontecido em qualquer ponto da galáxia que não fosse originário do Conselho.

Contudo, Lucky não pôde conter-se e comentou em tom sarcástico: – Eles estão à nossa frente em automação.

– Na realidade não estão – vociferou Conway. – Apenas em sua utilização. Os humanos inventaram o cérebro positrônico tornando possível o moderno homem mecânico.

Não esqueça isso. Cabe à Terra o mérito de todos os desenvolvimentos básicos. E justo que Sirius construa mais robôs e – ele hesitou – que tenha aperfeiçoado alguns detalhes de engenharia.

– Como eu descobri em Mercúrio – Lucky acrescentou inflexivelmente.

–- Sim. Eu sei, Lucky. Aquilo nos ameaçou bem de perto.

– Mas já passou. Vamos tratar do que nos ameaça agora. A situação é a seguinte:

Sirius está, com pleno sucesso, nos espionando e nada podemos fazer. – Sim.

– E o Projeto Agrav é o mais seriamente afetado. – Certo.

– E eu acho, tio Hector, que o senhor quer que eu vá a Júpiter ver se posso aprender algo a respeito.

Conway aquiesceu melancolicamente com a cabeça. – o que estou pedindo a você.

É injusto para você. Acostumei-me a considerá-lo como o meu ás, meu expediente infalível, aquele a quem posso confiar a solução de qualquer problema na certeza de que será resolvido. Mas o que pode você fazer aqui? Não há nada que o Conselho já

não tenha tentado, e não encontramos nenhum espião ou método de espionagem.

Que mais podemos esperar de você?

– Não só de mim. Terei ajuda.

– Bigman? – O ancião não pôde evitar um sorriso.

– Não só de Bigman. Permita-me perguntar-lhe algo. O senhor sabe se os sirianos não estão informados sobre nossas pesquisas com as rãs-Vem Vênus?

– Não – disse Conway –, nenhuma informação, que me conste, é do conhecimento deles.

– Então vou querer uma rã-V à minha disposição. – Uma rã V! Uma rã-V?

– Sim.

Mas que boa vontade a sua, hein? O campo mental de uma rã-V, sozinha, é

terrivelmente fraco. Você não conseguirá ler mentes.

– Certo, mas poderei captar indícios de uma forte emoção.

– Você poderia fazê-lo – disse pensativamente Conway. – Mas de que adiantaria?

– Ainda não sei ao certo. Terei até uma vantagem que os investigadores anteriores não tiveram. Uma reação emocional súbita de alguém poderia ajudar-me, poderia dar-me razões para suspeitas, ou direcionaria investigações posteriores. Então, também ...

– Sim?

– Se alguém tem poder telepático desenvolvido naturalmente ou por meios artificiais, eu poderia descobrir algo mais que um simples sinal de emoção. Eu descobriria um pensamento real, algum pensamento em particular, antes que essa pessoa aprendesse o bastante para proteger seus pensamentos de minha mente. Entende o que quero dizer?

– Ele poderia descobrir suas emoções também.

– Teoricamente, sim, mas eu estaria escutando-o para só então falar, e ele não.

Os olhos de Conway brilharam. – uma tênue esperança, mas, pelo Espaço, é uma esperança! Trarei sua rã-V ... nada mais, David – e ele só costumava chamar o nome verdadeiro de Lucky, aquele pelo qual o jovem conselheiro fora conhecido durante sua infância, em momentos de grande preocupação. – Quero que você avalie com precisão a importância disso. Se não descobrirmos o que os sirianos estão fazendo, significa que eles estão realmente à nossa frente, afinal. E isso quer dizer que não tardará muito para ser deflagrada uma guerra. A guerra ou a paz depende disso.

– Eu sei – disse Lucky brandamente.

• 2 •
A Fúria do Comandante

E assim aconteceu que Lucky Starr, o terráqueo, e seu amigo baixinho, Bigman Jones, nascido e criado em Marte, viajaram através do cinturão de asteroides rumo às distâncias longínquas do sistema solar. E foi por essa razão também que um ser nativo de Vênus, não exatamente um homem, mas um pequeno animal dotado de poderes para ler ou influenciar mentes por telepatia, os acompanhou.

Eles pairavam no espaço, agora, mil quilômetros acima de Júpiter Nove e aguardavam enquanto o túnel transportador flexível era acoplado entre o. Shooting Starr e a espaçonave do comandante. O túnel era ligado a cada uma das escotilhas de ar e formava uma espécie de passarela pela qual podia-se transitar em ambos os sentidos, de uma a outra nave, sem necessidade de usar traje espacial. O ar de ambas as naves combinava-se e um homem acostumado ao espaço, aproveitando a ausência de gravidade, podia lançar sozinho o túnel transportador depois de um simples impulso inicial e guiá-lo através das posições onde o mesmo era curvado com a suave força de ajuste de um simples empurrão de cotovelo bem dado.

As mãos do comandante foram as primeiras coisas que surgiram, ao ser aberta a escotilha. Apertaram a aba da entrada de forma tal que o comandante foi atirado como um brinquedo, caindo no campo gravitacional artificial localizado da Shooting Starr (ou campo pseudograv, como era usualmente chamado) apenas com um leve cambaleio. O ajuste fora feito com precisão, e, Bígman, que na verdade tinha grande prática de todas as operações técnicas de astronáutica, inclinou a cabeça em sinal de aprovação.

– Bom dia, Conselheiro Starr – disse Donahue asperamente. – Tem sido sempre um tanto difícil dizer-se "bom dia", "boa tarde", ou "boa noite" no espaço, onde, para sermos exatos, não existe manhã, tarde ou noite.

– Bom dia, Comandante – disse Lucky. – Houve dificuldades relacionadas com a nossa aterrissagem em Júpiter Nove responsáveis por essa demora?

– Dificuldades? Bem, elas são como você as vê – olhou ao redor e sentou-se num dos pequenos assentos do piloto. – Tenho estado em contato com o quartel-general do Conselho, mas eles dizem que devo tratar diretamente com você, por isso estou aqui.

O Comandante Donahue era um homem de fibra, e deixava em volta de si um clima tenso. Tinha o rosto profundamente marcado, cabelos grisalhos que mostravam, entretanto, sinais de terem sido outrora castanhos. Ao longo das costas de suas mãos havia veias azuis salientes. Falou em tom explosivo, vociferando suas frases em rápida sucessão de palavras.

Tratar consigo do quê, senhor? – perguntou Lucky.

Apenas uma coisa, Conselheiro. Quero que retome à Terra. -Por que, senhor?

O comandante evitou olhar diretamente para Lucky enquanto falava. – Temos um problema moral. A conduta dos nossos homens foi investigada, investigada e investigada.

E ao cabo de cada investigação todos eles tiveram sua lealdade comprovada e mais urna vez nova investigação será iniciada. Eles não vão gostar disso, tampouco você gostaria. Não gostam de pensar que estão sendo constantemente vigiados. E eu sinceramente estou do lado deles. Nossa nave Agrav está quase pronta e este não é um bom momento para perturbá-los, Cogitam de declarar greve.

Seus homens podem ter sido inocentados – disse calmamente Lucky –, mas ainda está havendo transpiração de informações.

Donahue encolheu os ombros. – Então deve originar-se de algum lugar. Deve ... – parou de falar e subitamente sua voz adquiriu um tom impropriamente amável. – Que é isso?

Bigman acompanhou seu olhar e disse imediatamente: – É nossa rã-V, Comandante, e eu sou Bigman.

O comandante não retribuiu a apresentação. Ao invés disso, aproximou-se da rã-V, fitando-a através de seu aquaterrarium. – É uma criatura de Vênus, não é?

– Exatamente – disse Bigman.

– Ouvi falar delas. Mas nunca tinha visto uma. É uma bonita coisinha saltitante, não é?

Lucky sentiu uma alegria contida. Não achara estranho que em meio a uma discussão muito séria o comandante mudasse completamente seu comportamento e ficasse absorto de admiração por uma pequena criatura aquática de Vênus que tornara isso inevitável.

A minúscula criatura fitava agora as costas de Donahue, que se achava fora do alcance de seus olhos negros, e inclinada sobre suas pernas extensíveis produzia estalidos com sua boca semelhante a um bico de papagaio. Em todo o universo conhecido sua sobrevivência era um caso ímpar. Não tinha meios de defesa ou carcaça protetora de qualquer espécie. Não tinha garras, dentes ou chifres. Sua boca alongada podia morder, mas, mesmo assim, sua mordida não causaria qualquer dano a nenhuma criatura maior que ela.

Contudo, multiplicaram-se livremente ao longo da superfície coberta de ervas daninhas do Oceano Venusiano, e nenhum dos ferozes predadores das profundezas oceânicas as perturbava, simplesmente porque podiam controlar emoções. Instintivamente suscitaram a simpatia das outras espécies, inspirando-lhes uma atitude amigável e tirando-lhes todas as intenções agressivas. Por isso sobreviveram. Fizeram mais que isso. Floresceram.

Esta rã-V, em particular, estava incutindo em Donahue, é claro, sentimentos de cordialidade, de maneira que o militar apontou em sua direção através do vidro de seu aquaterrarium e gargalhou ao vê-Ia levantar a cabeça e enfiá-Ia ao longo de suas pernas que se contraíam à medida que Donahue movia seus dedos para baixo.

– Você-não acha que podíamos trazer algumas delas para Júpiter Nove, hem, Starr? – perguntou. – Desejamos muito ter animais de estimação aqui. A presença deles vez por outra empresta aquele ar de lar verdadeiro.

– Não é muito prático – disse Lucky. – É difícil manter as rãs-V. Elas devem ser colocadas num ambiente saturado de dióxido:ido de carbono, você sabe. Oxigênio puro é venenoso para elas. Isso complica as coisas.

– Você quer dizer que elas não podem ser mantidas num aquário comum?

– Às vezes podem. Como em Vênus, por exemplo, onde o dióxido de carbono é abundante e onde podem ser soltas no oceano sempre que se sentem mal. A bordo de uma nave, ou num mundo mal ventilado, você não vai querer lançar continuamente no ar dióxido de carbono, e é por isso que um ambiente fechado é melhor.

– Oh! – disse o comandante, melancólico.

– Voltemos ao assunto inicial da nossa discussão – disse Lucky vivamente. – Devo recusar sua sugestão de partir. Tenho uma missão e devo cumpri-Ia.

O comandante levou alguns segundos para libertar-se do encanto produzido pela rã-V. Seu semblante endureceu. – Tenho certeza que você não entende totalmente a situação. – Virou-se subitamente olhando com desdém para Bigman.

– Repare em seu amigo, por exemplo.

O pequeno marciano, empedernido, ruborizou-se. – Eu sou Bigman, com já lhe disse.

– Na verdade, não me parece um grande homem – falou o comandante.

E embora Lucky colocasse a mão no diminuto ombro do amigo, numa atitude de apoio, isso de nada adiantou. Bigman exclamava em altos brados: – A grandeza de um homem não está na aparência externa, senhor. Meu nome é Bigman, e sou um grande homem para você ou qualquer um, não importa o meu tamanho. E se não acredita nisso ... – Sacudia energicamente o ombro. – Deixe-me ir, Lucky, tá? Esse grosso aí. ..

– Você poderia esperar só um minuto, Bigman? – instou Lucky. – Vamos descobrir o que é que o comandante está tentando dizer.

Donahu ficara espantado ante o súbito ataque verbal de Bigman. – Tenho certeza de que não tive nenhuma intenção de ofender ninguém com a minha observação – disse. – Se o magoei, sinto muito.

– Magoou? – disse Bigman, sua voz era um grito agudo e curto. – A mim? Escute uma coisa, eu jamais perco a calma, e já que você me pede desculpas, vamos

esquecer tudo. – Ajeitou o cinturão e baixou as mãos, dando uma forte palmada, na altura dos joelhos, em suas botas de cor laranja e vermelha, herança de um passado no qual fora um jovem fazendeiro marciano e sem as quais nunca aparecia em público (a menos que estivesse usando outras de cores igualmente berrantes).

– Serei franco com você, Conselheiro – disse Donahue, dirigindo-se novamente a Lucky. -" Tenho quase mil homens aqui em Júpiter Nove, e todos, todos eles, estão com os nervos à flor da pele. Têm de estar. Estão longe de casa. O trabalho que executam é difícil Correm riscos enormes. Encaram a vida de um ponto de vista pessoal, rude. Por exemplo, confundem e não vêem com bons olhos quaisquer forasteiros. Às vezes os recém-chegados não aguentam a situação e voltam. Às vezes machucados.

Se permanecem até o fim, tudo bem.

– E isso é permitido oficialmente? – inquiriu Lucky.

– Não. Mas tem caráter extra-oficial. Precisamos manter os homens de cabeça fria, de algum modo, e não podemos ter certeza de que não iremos indispô-los, provocando seu mau humor. É difícil substituir homens treinados, aqui. Não são muitas as pessoas que desejam vir para as luas de Júpiter, você sabe. Então, o adestramento inicial também é útil para eliminar aqueles que não se adaptam. Os que não são aprovados nos testes iniciais iriam eventualmente falhar em outros aspectos, com toda a certeza. É por esse motivo que mencionei seu amigo. – O comandante levantou as mãos, apressado em continuar. – Agora, não me interprete mal. Concordo que ele é grande no caráter e capaz de qualquer coisa que você queira. Mas será que ele vai estar à altura do que está por vir? Você está, Conselheiro?

– Você quer dizer que podemos ser mal compreendidos?

– Não será fácil, Conselheiro – disse Donahue. – Os homens sabem que você está

aqui. As notícias se espalham, de algum modo. – Sim, eu sei – murmurou Lucky.

O comandante franziu as sobrancelhas. – Em todo caso, eles sabem que está aqui para investigá-los e não terão a mínima consideração para com você. Estão de péssimo humor e vão machucá-lo, Conselheiro Starr. Peço-lhe que não pouse em Júpiter Nove, pela segurança do projeto, pela minha e por sua própria segurança. É tudo, tentei ser o mais sincero possível com você.

Bigman arregalou os olhos ante a mudança que ocorrera na fisionomia de Lucky.

Sua aparência habitual, tranquila, pacífica, havia sumido. Seus olhos castanhos escuros endureceram-se, e os traços clássicos do seu rosto simpático mostravam algo que Bigman raramente vira antes: ódio implacável. Cada músculo

do corpo de Lucky parecia tenso.

Lucky falou com a voz carregada: – Comandante Donahue, sou um membro do Conselho de Ciência. Obedeço apenas à diretoria do Conselho e ao Presidente da Federação Solar de Mundos. Sou seu superior hierárquico e você obedecerá às minhas ordens e decisões.

– Considero o aviso que acabou de dar-me como a evidência de sua própria incompetência.

Não diga nada, por favor; ouça-me. Você não tem condições de controlar seu pessoal e não está apto a comandar seus homens. Agora ouça isto: Eu vou pousar em Júpiter Nove e vou efetuar minhas investigações. Vou controlar seus homens, já que você não está em condições de fazê-lo.

Fez uma pausa enquanto o outro, ofegante, tentava inutilmente concatenar algo. – Compreendeu, Comandante? – vociferou.

O Comandante Donahue, rosto congestionado, quase irreconhecível, rugiu: – Levarei isto ao conhecimento do Conselho de Ciência. Nenhum fedelho malcriado pode falar desse jeito comigo, Conselheiro ou não. Vou comparar minha folha corrida como Comandante com a de qualquer outro em serviço. Além disso, o aviso que lhe dei também constará do meu relatório, e se você for ferido em Júpiter Nove, correrei com prazer o risco de uma corte marcial. Nada farei para ajudá-lo. Na verdade, espero ... espero que eles lhe ensinem boas maneiras, você ...

Virou-se bruscamente cheio de ódio, caminhando em direção da escotilha aberta, ainda acoplada ao túnel espacial que levava à sua própria espaçonave. Subiu com dificuldade, apoiando-se nas paredes e tropeçando.

Bigman observou amedrontado os calcanhares do comandante desaparecerem túnel afora. A raiva do homem fora tão intensa que o pequeno marciano tinha a impressão de senti-Ia em sua própria mente como se ondas de calor o percorressem todo.

– Uau, esse camarada estava uma fera mesmo! – disse Bigman. – Você o deixou furioso.

Lucky assentiu com a cabeça. – Ele estava indignado, sem dúvida.

– Olhe, talvez ele seja o espião – disse Bigman. – Poderia saber de muita coisa. Teria as melhores oportunidades.

– Ele seria também o mais investigado, portanto sua suposição é duvidosa. Mas, ao menos, ele nos ajudou numa pequena experiência, e quando o vir novamente terei de desculpar-me.

– Desculpar-se? – Bigman estarreceu-se. Em seu firme ponto de vista, desculpas eram algo que só as outras pessoas tinham de pedir . -Por quê?

– Venha cá, Bigman, você acha que eu realmente quis dizer tudo aquilo que eu disse?

–Você não estava com raiva?

– Para dizer a verdade, não.

– Foi uma farsa, então?

– Pode chamá-Ia assim. Eu queria deixá-lo irritado, muito irritado e consegui. Percebi isso de imediato, desde o princípio.

– Desde o princípio?

– Você não percebeu? Não sentiu todo o ódio dele sobre você?

– Pelas Dunas de Marte! A rã-V!

– É claro! Ela captou a raiva do comandante e a retransmitiu para nós. Eu precisava saber se uma rã-V era capaz disso. Nós testamos isso na volta à Terra, mas até que eu pudesse tentar nas condições atuais, não teria certeza absoluta. Agora estou certo.

– Ela transmite bem.

–Eu sei. Isso prova, ao menos, que temos uma arma, uma arma, afinal.

• 3 •
O Corredor Agrav

– Ótimo – disse Bigman impetuosamente. – Então estamos fazendo progressos.

– Espere – disse Lucky. – Vamos devagar, amigo. Esta é uma arma não específica.

Poderemos captar uma forte emoção, porém talvez jamais captemos aquela que irá

nos revelar a chave do mistério. É como ter olhos. Podemos ver, contudo nem sempre vemos a coisa certa.

– Você conseguirá – disse Bigman com segurança.

A descida em direção de Júpiter Nove fazia Bigman relembrar vividamente manobras semelhantes feitas no cinturão de asteroides Conforme Lucky havia explicado na viagem ao exterior, a maioria dos astrônomos considerava Júpiter Nove um verdadeiro asteróide em sua origem; provavelmente o maior que fora atraído pelo tremendo campo gravitacional de Júpiter há vários milhões de anos .

Na verdade, Júpiter havia atraído um número tão grande de asteroides que aqui, a vinte e quatro milhões de quilômetros .do planeta gigante; existia uma espécie de cinturão de mini-asteroides pertencentes somente a Júpiter. Os quatro maiores dentre estes, com um diâmetro de sessenta e cinco a cento e cinquenta quilômetros, eram: Júpiter Doze, Onze, Oito e Nove. Além deles, havia no mínimo mais de uma centena de satélites com mais de dois quilômetros de diâmetro, não numerados e nem levados em consideração. Suas órbitas só foram determinadas nos últimos dez anos quando Júpiter Nove começou a ser utilizado como centro de pesquisa antigravitacional, e a necessidade de viagens de ida e volta a ele tornou importante a população do espaço adjacente.

O satélite· que se aproximava avultava-se contra o céu e tornava-se um mundo tosco de picos e canais rochosos, não atenuados pela inexistência de ar ao longo dos bilhões de anos de sua história. Bigman, ainda pensativo, disse: – Lucky, por que, pelo Espaço, chamam este satélite de Júpiter Nove? Ele não é o nono a contar de Júpiter, de acordo com o Atlas. Júpiter Doze está muito mais próximo.

Lucky sorriu. – O seu problema, Bigman, é que você é mimado. Como você nasceu em Marte, pensa que a humanidade conhece a astronáutica desde sua criação. Olhe, rapaz, faz apenas mil anos que a primeira espaçonave foi inventada pelo homem.

– Sei disso – protestou Bigman indignado. – Não sou ignorante. Recebi educação.

Não vá começar a exibir sua grande sabedoria.

Lucky deu um sorriso largo, e bateu duas vezes na cabeça de Bigman com o nó dos dedos. – O que tem dentro dessa cabecinha?

O punho de Bigman avançou na direção do abdome de Lucky, mas este o segurou em pleno ar e imobilizou seu pequeno amigo.

– É tão simples como isto, Bigman. Antes que as viagens espaciais fossem iniciadas, o homem vivia restrito à Terra e tudo que sabia sobre Júpiter era aquilo que podia ver através de telescópios. Os satélites estão numerados de acordo com a ordem em que foram descobertos, compreende?

– Oh! – disse Bigman, e desvencilhou-se. – Pobres ancestrais! – Deu uma gargalhada, como sempre fazia, ao imaginar seres humanos confinados em um mundo, perscrutando longinquamente, da mesma maneira como ele esforçou-se para ver-se livre do aperto de Lucky.

Lucky continuou: – Os quatro grandes satélites de Júpiter são numerados Um, Dois, Três e Quatro, é claro, mas os números dificilmente são usados. Os nomes Io, Europa, Ganimedes e Calisto são mais familiares. O satélite mais próximo de todos, o menor, é Júpiter Cinco, enquanto que os mais afastados são numerados até Doze.

Aqueles depois do Doze foram descobertos somente após o início das viagens espaciais e quando o homem chegou a Marte e ao cinturão de asteroides. Preste atenção agora. Temos que fazer os ajustes para a aterrissagem.

Era deslumbrante, pensou Lucky, como alguém podia achar pequeno um mundo de cento e quarenta quilômetros de diâmetro vendo-o à distância, é claro, era pequeno se comparado a Júpiter ou mesmo à Terra, e seu diâmetro era pequeno o bastante para fazê-lo caber dentro do Estado de Connecticut, perfeitamente; e sua superfície era menor que a da Pensilvânia.

E ainda, igualmente, quando se manobra para chegar ao pequeno mundo, quando se contempla sua nave em imensos hangares e conduzida por gigantescas garras (operando contra uma força gravitacional de quase zero mas contra inércia total)

para uma grande caverna com capacidade para abrigar centenas de naves do tamanho da Shooting Starr, ele nem de longe parecia pequeno.

E quando se observa um mapa de Júpiter Nove na parede de um escritório e estuda a rede de cavernas subterrâneas e corredores dentro dos quais está sendo executado um complicado programa, ele começa a parecer realmente grande. As projeções horizontal e vertical do volume de trabalho de Júpiter Nove estavam indicadas no mapa, e embora só uma pequena parte do satélite estivesse sendo usada, Lucky podia ver que alguns dos corredores penetravam quase três quilômetros superfície adentro e os outros espalhavam-se só subterraneamente por

aproximadamente cento e cinquenta quilômetros.

– Um trabalho fantástico – disse suavemente ao oficial que o acompanhava.

O Tenente Augustus Nevsky assentiu com a cabeça. Seu uniforme estava impecável.

Usava um fino bigode louro e cerrado, e seus grandes-olhos azuis tinham o hábito de fitar diretamente as pessoas como se estivesse em perpétua atenção.

– Ainda estamos em desenvolvimento – falou com orgulho. Ele havia se apresentado a Lucky, um quarto de hora atrás, assim que este e Bigman desembarcaram da espaçonave, como guia pessoal escolhido pelo Comandante Donahue.

Lucky comentou, algo surpreso: – Guia ou guarda, Tenente? Você está armado.

O homem permaneceu impassível. – Minhas armas fazem parte do regulamento para oficiais em serviço, Conselheiro. Você verá como vai precisar de um guia aqui.

Entretanto pareceu descontrair-se , e havia um sentimento humano comum nele quando ouviu o comentário de alegria e admiração dos visitantes sobre o projeto.

Disse: – é claro que a ausência de qualquer campo gravitacional digno de nota torna exequíveis certas artimanhas de engenharia que na Terra não funcionariam. Os corredores subterrâneos não necessitam praticamente de nenhuma estrutura de suporte.

Lucky concordou com a cabeça. – Creio que a primeira nave Agrav está quase pronta para decolar – disse.

O tenente nada falou por um momento. Seu rosto permaneceu impassível, novamente sem qualquer sinal de emoção ou sentimento. Então ele falou inflexivelmente:

– Vou mostrar-lhes seus alojamentos primeiro. Podemos chegar até lá mais facilmente pelo Agrav, se eu puder convencê-los a utilizar um corredor Agrav.

– Ei, Lucky – chamou Bigman subitamente excitado. – Olhe isto.

Lucky voltou-se. Era só um gato cinzento, apresentando aquele semblante de tristeza grave que os gatos normalmente têm, e suas costas arquearam-se prontamente ao sentir os dedos curvados de Bigman. Ele ronronava.

Lucky disse: – O comandante havia me dito que eles gostam de criar animais de estimação aqui. É seu este, tenente?

O oficial entusiasmou-se. – Ele é um pouquinho de cada um de nós. Há alguns outros por perto, também. Eles chegam nas naves de suprimentos, às vezes. Temos alguns canários, um periquito, ratos brancos, peixe-dourado. Coisas assim. Mas não temos nada semelhante ao seu – e seus olhos mostraram sinais de inveja ao

olhar rapidamente para o aquaterrarium com a rã-V, enfiado sob o braço de Lucky.

Bigman estava concentrado no gato. Não havia vida animal . nativa em Marte, e os pequenos animais de estimação da Terra sempre tinham para ele um sabor de novidade.

– Ele gosta de mim, Lucky.

– É ela – disse o tenente, mas Bigman não deu a mínima atenção. A gata, cauda levantada a prumo com apenas a parte dianteira movendo-se languidamente, caminhou atrás dele, virando-se agilmente, ora mostrando um lado, ora outro, aos afagos carinhosos de Bigman.

E então o ronronar cessou, e a mente de Bigman foi invadida por um toque puro de súbito apetite.

Espantou-se por um instante, e então notou que a gata estava agachada levemente na posição de caçar alguma coisa, fruto do seu instinto de milhões de anos.

Os olhos verdes e estreitos da gata fixaram-se diretamente na rã-V.

Mas o instinto felino tão característico desapareceu tão rapidamente como havia surgido. A gata aproximou-se languidamente do recipiente de vidro que Lucky segurava e fitou-o curiosamente, ronronando de contentamento.

A gata também gostou da rã-V. Tinha de fazê-lo.

– Você estava dizendo que teríamos de usar o Agrav para chegar aos nossos alojamentos -- disse Lucky. – Você nos explicaria o que isso quer dizer?

O tenente, que estivera contemplando carinhosamente a rã-V, fez uma pausa para recuperar sua perspicácia antes de responder. – Sim, é bastante simples. Nós temos campos gravitacionais artificiais aqui em Júpiter Nove como em qualquer asteróide ou espaçonave para essa finalidade. Estão dispostos em cada um dos corredores principais, terminal a terminal, de forma que você pode utilizá-lo em toda a sua extensão em ambas as direções. É como atirar-se diretamente num buraco na Terra.

Lucky aquiesceu com a cabeça. – Qual a velocidade da queda?

– Bem, essa é a questão. Normalmente, a gravidade empurra constantemente e você cai mais e mais rápido ...

– Foi por isso que perguntei – interpôs Lucky secamente.

– Mas isso não acontece com os controles Agrav. O Agrav é realmente antigravitacional.

Nenhuma gravidade, compreende? O Agrav pode ser usado para absorver, armazenar, ou transferir energia gravitacional. O único detalhe é que você cai bem rápido, entende? Nada mais. Com um campo gravitacional na direção oposta, também, você pode até cair lentamente. Um corredor Agrav com dois campos pseudogravitacionais é muito simples e tem sido usado como trampolim para uma

nave Agrav que esteja operando num campo' gravitacional simples. Agora os Alojamentos de Engenheiros, que é onde ficam seus alojamentos, fica apenas pouco mais de um quilômetro daqui e o caminho mais curto é através do Corredor A- 2. Prontos?

– Estaremos assim que você nos explicar como operar os controles Agrav.

– Não é muito complicado. – O Tenente Nevsky deu um pequeno equipamento, composto de uma couraça leve, para cada um dos dois, ajustando-os aos ombros e cintura, explicando rapidamente sobre os controles.

E então disse: – Queiram me seguir, cavalheiros, o corredor fica apenas a alguns metros daqui.

Bigman hesitou à entrada do corredor. Não sentia receio do espaço propriamente, ou das quedas. Mas em toda a sua vida fora acostumado a saltar gargantas sob a gravidade de Marte ou em gravidades menores. Desta feita, o campo pseudo-gravitacional estava sob uma gravidade totalmente igual à normal da Terra, e sob sua influência o corredor apresentava-se como um buraco brilhantemente iluminado, a pique, aparentemente, direto para baixo, mesmo que na realidade (a impressão que Bigman tivera) ele acompanhasse, bem de perto, paralelamente, a superfície do satélite.

– Esta é a alameda que leva ao Alojamento de Engenheiros -disse o tenente. – Se fôssemos até lá pelo outro lado, "para baixo", daria a impressão de ser noutra direção.

Ou poderíamos alterar as posições de "acima" e "abaixo" através de ajustes apropriados em nossos controles Agrav.

Reparou a expressão no rosto de Bigman. – Você vai se acostumar à idéia. Tornase logo natural depois de um certo tempo.

Caminhou para o corredor e não desceu nem um centímetro. Era como se estivesse de pé sobre uma plataforma invisível.

Falou gravemente: – Ajustaram o mostrador em zero?

Bigman ajustou o seu, e instantaneamente toda a sensação de gravidade desapareceu.

Caminhou em direção ao corredor.

Agora a mão do tenente virou com precisão o botão central de de seu próprio painel de controle, e ele desceu, ganhando velocidade, Lucky o seguiu, e Bigman, que preferia ter caído mais rápido, por todo o comprimento do corredor sob gravidade dupla, e ter-se amassado todo, a não fazer o mesmo que Lucky, respirou fundo e deixou-se cair.

– Ajustem novamente a zero – disse o tenente – e estarão se deslocando em velocidade constante. Procurem sentir isso.

Durante o trajeto, de vez em quando aproximavam-se ou passavam perto de

letreiros luminosos verdes que brilhavam com os dizeres MANTENHA-SE DESTE LADO. O vulto brilhante de um homem passou subitamente (realmente em queda) em direção contrária. Este estava indo numa velocidade muito maior que a deles.

–Acontecem colisões às vezes, Tenente? – perguntou Lucky. – Na verdade, não – disse ele. – O homem experiente procura verificar se não há pessoas vindo em sua direção ou se não vai colidir com alguém, e assim torna-se bem fácil descer devagar ou subir velozmente. É claro que os rapazes às vezes chocam-se sem querer. É um tipo de disputa divertida, mas que acaba, às vezes, com algumas clavículas quebradas. – Olhou rapidamente para Lucky. – Nossos rapazes divertem-se de maneira violenta.

– Entendo – disse Lucky. – O comandante avisou-me.

Bigman, que tinha ficado a observar atentamente o fundo do bem iluminado túnel através do qual estava caindo, deu um grito hilariante. – Ei, Lucky, isso é um divertimento pra quem é meio louco, hem? – e virou seus controles para a posição positiva.

Afundou mais rápido, sua cabeça deslocou-se para baixo até que ficou na altura do pé de Lucky, então lançou-se mais para baixo em velocidade crescente.

– Pare com isso, seu idiota! – gritou o Tenente Nevsky. – Ajuste de volta para os negativos!

– Bigman, devagar! – gritou Lucky imperiosamente. Alcançaram-no, e o tenente exclamou indignado: – Não faça mais isso! Existem barreiras e divisões de toda a espécie ao longo destes corredores, e se você não conhece seu caminho, quando menos esperar estará batendo violentamente contra uma delas.

– Aqui, Bigman – disse Lucky. – Segure a rã-V. Isso vai lhe dar alguma responsabilidade e fazê-lo comportar-se direito, espero. – Ah, Lucky – disse Bigman, envergonhado.

– Eu estava só chutando meus calcanhares um pouquinho. Pelas Dunas de Marte, – Lucky...

– Está tudo bem – disse Lucky. – Não houve nada – e Bigman acalmou-se logo.

Bigman olhou novamente para baixo. Cair em velocidade constante não era exatamente o mesmo que cair livre no espaço. No espaço tinha-se a impressão de que nada tinha movimento. Uma espaçonave poderia estar viajando numa velocidade de centenas de milhares de quilômetros por hora e ainda assim permaneceria a impressão de imobilidade total ao redor. As estrelas distantes nunca se movem.

Aqui, porém, tudo dava uma sensação de movimento. As luzes e aberturas e as diversas conexões que se alinhavam nas paredes do corredor relampejavam ao passar.

No espaço, espera-se que não haja "acima" e "abaixo", mas aqui era tudo

confuso e parecia que algo estava errado. Se olhasse "para baixo", atrás de seus pés, parecialhe tudo certo. Quando ele olhava "para cima", entretanto, tinha uma rápida sensação de que "acima" era na verdade "abaixo", que ele estava em pé de cabeça para baixo caindo "para cima". Olhou seus pés novamente para livrar-se rapidamente daquela sensação.

– Não é muito perigoso dar cambalhotas – disse o tenente.

– Qualquer pessoa acostumada ao Agrav pode endireitar novamente sua posição.

Os iniciantes, contudo, podem achar um pouco difícil. Vamos desacelerar agora. Gire o mostrador para os negativos e mantenha-o aí. Cerca de menos cinco.

Movia-se lentamente sobre eles enquanto falava. Seus pés oscilavam ao nível dos olhos de" Bigman.

Bigman girou o mostrador, tentando desesperadamente alinhar-se com o tenente.

E enquanto desacelerava, "acima" e "abaixo" tomaram-se claros para ele, mas da maneira errada. Ele estava de cabeça para baixo.

– Ei, o sangue está vindo todo pra minha cabeça – gritou.

– Há apoios para os pés ao longo dos lados do corredor – disse rapidamente o tenente.

– Enganche um deles com a ponta do pé quando alcançá-lo e largue-o rapidamente.

Ele fez uma demonstração. Sua cabeça efetuou um movimento giratório e ele inverteu a posição dos pés. Deteu o movimento giratório apoiando a mão na parede.

Lucky fez o mesmo, e Bigman falhava em suas tentativas devido a suas pernas curtas; procurou alcançar um dos apoios, finalmente. Rodopiou bruscamente e alcançou a parede só um pouquinho desconfortavelmente, mas conseguiu endireitarse.

Enfim estava novamente de cabeça para cima. Não estava mais caindo, porém subindo como se tivesse sido disparado de um canhão e elevando-se lentamente mais e mais contra a gravidade; mas, afinal, estava com a cabeça para cima.

Quando estavam movendo-se lentamente, Bigman olhou preocupado para seus pés e pensou: Vamos cair novamente. E subitamente o corredor deu a impressão de ser um poço profundo, sem fim, e sentiu um aperto no estômago.

Mas o tenente disse: – Ajuste a zero – e imediatamente eles pararam de mover-se para baixo. Apenas moviam-se para cima, como num elevador suave, lento, até que chegaram ao nível transversal onde o tenente, ajeitando o pé num apoio, se deteve suavemente.

Alojamento dos Engenheiros, cavalheiros – disse.

– E um comitê de recepção – acrescentou Lucky gentilmente.

No corredor, cerca de cinquenta homens esperavam por eles.

– Você falou que eles gostavam de jogos violentos, Tenente, e talvez queiram jogar agora – disse Lucky.

Caminhou com firmeza para o corredor. Bigman, de narinas estufadas de excitação e agradecido por estar na firme pseudograv de um piso sólido, agarrou o aquaterrarium da rã-V firmemente e ficou nos calcanhares de Lucky, encarando os homens que os aguardavam em Júpiter Nove.

• 4 •
Iniciação!

O Tenente Nevsky tentou fazer sua voz soar autoritária enquanto colocava as mãos na coronha de seu explosor. – Que estão fazendo aqui?

Ouviu-se um pequeno murmúrio vindo dos homens, mas de modo geral permaneceram calmos. Olhos fixos naquele que, de pé, estava à frente, como se esperassem que ele falasse.

O líder deles estava sorrindo, e sua fisionomia mostrava-se enrugada numa expressão de aparente cordialidade. Seu cabelo eriçado, partido ao meio, tinha um fraco reflexo alaranjado. Seus ossos molares eram largos e mascava chiclete. Sua vestimenta era de fibra sintética como a dos outros, mas diferentemente destas, sua camisa e calças eram ornamentadas com grandes botões de metal. Quatro deles na parte da frente da camisa, cada um deles nos dois bolsos, e quatro abaixo, na parte lateral de cada uma das pernas da calça: quatorze ao todo. Pareciam não ter finalidade alguma; só para serem exibidos.

– Muito bem, Summers – disse o tenente, virando-se para ele. – O que é que os homens estão fazendo aqui?

Summers falou com a voz suave e lisonjeira: – Bem, pensamos que agora, Tenente, seria agradável encontrarmo-nos com o recém chegado Ele veria muito de nós. Faria perguntas. Por que não deveríamos encontrá-lo agora?

Olhou para Lucky Starr enquanto falava, e por um momento houve um traço gélido naquele olhar que mostrara antes toda brandura.

– Vocês deviam estar trabalhando -_. disse o tenente.

– Tenha dó, Tenente – retrucou Surmmers, mascando seu chiclete ainda mais devagar e de modo mais debochado. – Nós estivemos trabalhando. Agora queremos dar um alô.

O Tenente estava obviamente indeciso quanto à sua próxima atitude. Olhou duvidosamente para Lucky.

– Quais são os nossos dormitórios, Tenente? – perguntou Lucky.- Quartos 2A e 2B, senhor. Para encontrá-los ...

– Eu os acharei. Estou certo de que um destes homens me indicaria o caminho. E agora, Tenente Nevsky, que já nos trouxe, acho que sua tarefa está encerrada. Vê-loei noutra ocasião.

– Não posso deixá-lo – murmurou amedrontado o Tenente Nevsky.

– Acho que pode.

– Claro que pode, Tenente – disse Summers, com um sorriso mais irônico que das outras vezes. – Um simples alô não vai machucar o rapaz. – Houve uma

gargalhada abafada vinda do homem que estava atrás dele. – E além do mais, pediram a você que fosse embora.

Bigman aproximou-se de Lucky e murmurou num sussurro urgente: – Lucky, deixe-me dar a rã-V para o Tenente. Não posso lutar e segurá-lã, ao mesmo tempo.

Você a segura – disse Lucky, – Eu a quero exatamente aqui ... _ Bom dia, Tenente.

Tem permissão para partir!

O tenente hesitou, e Lucky falou num tom que, pela calma, soou como aço: – Isso é uma ordem, Tenente.

O rosto do Tenente Nevsky apresentava a rigidez do soldado.

Disse imediatamente: – Sim, senhor.

Então, surpreendentemente, hesitou um momento ainda e lançou um olhar para a rã-V, nos braços de Bigman, enquanto esta mascava a fronde de uma samambaia. – Cuidem bem desse bichinho. – Virou-se e com dois passos estava no corredor Agrav, desaparecendo quase que imediatamente.

Lucky voltou-se na direção do homem novamente. Não alimentava ilusões. Estavam de cara amarrada e isso significava trabalho, porém a menos que pudesse encará-los e provar-lhes que ele queria realmente trabalhar ali, como também sua missão poderia redundar em fracasso devido à frieza da hostilidade deles. Ele teria que levar a melhor sobre eles, de algum modo.

O sorriso de Summers tinha se tornado um pouco mais astuto.

Ele disse: – Bem, agora, amigo, o rapaz de uniforme já se foi. Podemos conversar.

Chamo-me Red Summers. Qual é o seu nome?

Lucky sorriu em retribuição. – Meu nome é David Starr. E este é meu amigo Bigman.

– Parece-me que ouvi chamarem você de Lucky durante aqueles cochichos todos ainda há pouco.

Meus amigos me chamam Lucky.

Isso é bom, não? Quer continuar tendo sorte?

– Conhece algum modo eficiente?

– É claro que conheço, Lucky Starr. – Subitamente seu rosto contorceu-se numa expressão carrancuda de ódio amargo. – Suma de Júpiter Nove.

Ouve um alarido rouco de aprovação dos outros e algumas vozes repetiam em altos brados: – Suma! Suma!

Aglomeraram-se avançando, mas Lucky não arredou pé. – Tenho razões importantes para ficar em Júpiter Nove. – Nesse caso, receio que não seja um cara de sorte – disse Summers. – Você é um novato e parece estúpido, e novatos estúpidos' se machucam em Júpiter Nove. Nós nos preocupamos com você.

– Acho que não vou me machucar.

– Isso é o que você pensa, hem? – disse Summers. – Armand, venha cá.

Das filas de homens atrás dele, adiantou-se um homem enorme, cara redonda, muito musculoso, de ombros largos e troncudo como um barril. Era meia cabeça mais alto que o metro e oitenta e cinco de Lucky, e fitava o jovem conselheiro com um sorriso que deixava à mostra seus dentes amarelados, afastados uns dos outros.

Os homens começaram a sentar-se pelo chão. Gritavam e faziam brincadeiras entre si como se estivessem aguardando o início de· algum jogo.

– Ei, Armand – alguém gritou – cuidado para não pisar no rapaz!

Bigman avançou com olhar furioso na direção da voz, mas não pôde identificar quem havia falado.

– Você ainda pode ir embora, Starr – disse Summers.

– Não tenho nenhuma intenção de fazê-lo – retrucou Lucky – especialmente no momento em que, parece-me, estão tencionando preparar algum jogo divertido.

– Não pra você – disse Summers. – Agora ouça, Starr, estamos de olho em você.

Desde que ouvimos rumores de que viria. Já estamos fartos de vocês, bisbilhoteiros da Terra, e não vamos mais aturar isso. Tenho homens distribuídos em vários níveis.

Saberemos se o Comandante vai tentar se intrometer, e se ele o fizer, então, por Júpiter, estamos prontos para entrar em greve. Não é isso, homens?

– Certo! – repetiu o coro em uníssono.

– E o Comandante sabe disso – completou Summers. – E não acho que vá interferir.

Portanto isso nos dá a chance de iniciá-lo e depois então, perguntarei a você novamente se quer partir. Se você é uma pessoa consciente, é claro.

– Você vai criar uma porção de problemas por nada – disse Lucky. – Que estou fazendo para prejudicá-los?

– Você não fará nada para nós – disse Summers. – Isso eu garanto.

Bigman disse, com sua voz tensa e sibilante: – Olhe aqui, seu estúpido, você está falando com um conselheiro. Você já parou para pensar o que acontece se você escarnecer do Conselho de Ciência?

Summers olhou subitamente para ele, colocou seus punhos nos quadris e curvou a cabeça para trás numa gargalhada. – Ei, homens, isso fala. Eu estava tentando imaginar o que era. Dá a impressão de que o Bisbilhoteiro Lucky trouxe seu pequeno irmãozinho para protegê-lo.

Bigman ficou lívido, mas encoberto pelo som da gargalhada. Lucky parou e falou quase num sussurro: – Seu trabalho é carregar a rã-V, Bigman. Eu cuidarei de Summers.

E, pela Grande Galáxia, Bigman, pare de retransmitir ódio! Não consigo nada com a rã-V, a não ser isso.

Bigman pigarreou fortemente, duas, três vezes.

– Agora, Conselheiro Bisbilhoteiro – disse Summers suavemente –, você sabe usar os controles Agrav?

– Acabei de fazer isso, Sr. Summers.

– Bem, iremos só testá-lo para termos certeza disso. Não conhecemos ninguém no pedaço que não tenha experimentado todas as cordas do Agrav. É perigoso demais.

Certo pessoal?

– Certo! – rugiram novamente.

– Aqui, Armand – disse Summers, e apoiou uma das mãos em um dos ombros enormes de Armand. -:- É nosso melhor mestre. Você aprenderá tudo sobre como manobrar no Agrav com ele. Ou poderá saber se ficar fora do caminho dele. Sugiro que você entre no corredor agora. Armand vai juntar-se a você.

– E se eu não quiser ir? – disse Lucky.

– Aí então o jogaremos lá dentro de qualquer jeito e Armand irá depois de você.

Lucky assentiu com a cabeça. – Vocês me parecem determinados. Não há regras para esta minha primeira lição?

Houve uma gargalhada desenfreada, mas Summers manteve suas mãos levantadas.

– Apenas mantenha-se fora do caminho de Armand, Conselheiro. É a única regra que terá que lembrar. Ficaremos assistindo da borda do corredor. Se tentar rastejar para fora do corredor Agrav antes de terminar sua lição, jogaremos você novamente lá dentro, e há homens parados em outros níveis, observando, e eles estarão prontos para fazer o mesmo.

– Dunas de Marte! – gritou Bigman. – Seu homem é vinte quilos mais pesado que Lucky e conhece o Agrava fundo!

Summers voltou-se para ele, simulando surpresa. – Não! Nunca pensei nisso. Que vergonha! – os homens deram gargalhadas. – Vamos lá, Starr. Entre no corredor, Armand.

Arraste-o, se for preciso.

– Ele não precisará fazer isso – disse Lucky. Virou-se e caminhou na direção do espaço aberto do enorme corredor Agrav. Assim que seus pés flutuaram no espaço vazio, seus dedos atingiram de leve a parede, e isso fê-lo balançar-se lentamente, num movimento oscilatório, e com outro toque na parede, parou no meio do espaço, encarando os homens.

Houve alguns comentários sobre a habilidade de Lucky, e Armand aquiesceu

com a cabeça, falando pela primeira vez com uma voz ressonante e grave em tom de reconhecimento.

– Ei, homem, nada mal.

Summers, lábios contraídos e novamente de olhar carrancudo, franzindo a testa, atingiu Armand com um golpe certeiro nas costas. – Não converse, seu imbecil! Vá

atrás dele e trate-o assim.

Armand caminhou lentamente para a frente. – Ei, Red – disse – não vamos ganhar muito com isso.

O rosto de Summers contorceu-se em fúria. – Entre lá! E faça o que eu mandei.

Contei-lhe o que ele é. Se não nos livrarmos dele, eles mandarão mais gente pra cá. – Suas palavras foram murmuradas num tom áspero, porém sem muita convicção.

Armand caminhou para dentro do' corredor e ficou cara a cara com Lucky.

Lucky, por um momento, quase deixou-se levar por uma distração. Estava concentrado nos fracos sinais de emoção transmitidos a ele pela rã-V. Alguns desses sinais ele podia reconhecer sem dificuldade, tanto pela natureza quanto pelo emissor deles.

Red Summers era quem emitia sentimentos mais facilmente identificáveis: medo e ódio mesquinho mesclados com uma ânsia de vitória. Armand deixava à mostra um pouco de preocupação. Ocasionalmente ocorriam pequenos sinais de excitação vindos de um ou de outro, e às vezes Lucky podia identificar o emissor porque o impulso coincidia com um grito de alegria ou de ameaça. Tudo isso tinha de ser separado dos vestígios constantes do ódio de Bigman, é claro.

Agora, entretanto, ele fitava os olhos estreitos de Armand e mantinha-se atento aos movimentos deste, que se balançava para cima e para baixo, a poucos centímetros de seu rumo. Os dedos de Armand haviam se introduzido nos controles do seu tórax.

Lucky imediatamente ficou alerta. Seu oponente estava alternando a direção gravitacional, movendo os controles para lá e para cá. Estaria tentando confundir Lucky?

Lucky tinha profunda consciência de que, apesar de toda a sua experiência no espaço, era inexperiente com o tipo de imponderabilidade usado no Agrav, que não era uma imponderabilidade absoluta, como no espaço, mas algo podia ser alterado à vontade.

E subitamente Armand lançou-se para baixo como se caminhasse através de um alçapão ... só que caiu para cima! .

À medida que as pernas robustas de Armand moviam-se atrás da cabeça de

Lucky, elas oscilavam ora juntas ora separadas, como se quisessem agarrar a cabeça de Lucky numa chave.

A cabeça de Lucky foi atirada automaticamente para trás, seu corpo balançou-se em tomo de seu centro de gravidade e, por um momento, ele sentiu-se desequilibrado, debatendo-se em vão. Um ruído ensurdecedor de gargalhadas ecoou vindo dos homens que assistiam.

Lucky sabia o que havia de errado. Devia ter-se enganado com a gravidade. Se Armand subiu, Lucky deveria ter ajustado seus controles para elevar-se juntamente com ele ou para descer atrás dele. E agora poderia dar um impulso gravitacional que o empurraria para fora. Em gravidade zero, poderia precipitar-se aos tropeções indefinidamente Porém, antes que seus dedos pudessem tocar os controles, Armand elevava-se acima dele e ganhava velocidade para baixo. À medida que caía atrás de Lucky outra vez, Armand aplicou uma certeira cotovelada no quadril de Lucky. Atirou-se bem para longe e seus dedos grossos agarraram os tornozelos de Lucky, arrastando-o cada vez mais para baixo. Armand empurrava com força e chegou a agarrar os ombros de Lucky. .

– Você precisa treinar muito, meu caro – empesteou com seu hálito horrível o cabelo de Lucky.

Lucky levantou as mãos à altura da cabeça e livrou-se imediatamente do aperto de Armand.

Lucky ajustou seus controles gravitacionais para cima e firmou-se assim em seu movimento ascendente colocando de modo preciso seu pé nos ombros do outro, acelerando seu deslocamento e reduzindo o de seu rival. Agora parecia-lhe que estava caindo de cabeça para baixo e sentia com nervosismo a sensação de que suas reações estavam tomando-se mais lentas. Ou seriam os controles do Agrav que estavam de alguma forma tomando-se mais vagarosos? Testou-os e nisso sentiu sua falta de experiência para tirar conclusão definitiva, mesmo assim teve a impressão de que havia alguma coisa errada com eles.

Armand estava sobre ele agora, gritando alto, empurrando-o violentamente, tentando usar seu corpo mais pesado para lançar Lucky duramente de encontro à parede.

Lucky levou sua mão em direção aos controles para inverter a direção da gravidade.

Preparou seus joelhos para dar um empurrão para cima a fim de ficar junto de Armand e desequilibrá-lo de sua posição; Mas foi Armand quem alterou primeiro seu campo gravitacional, fazendo Lucky perder sua posição.

Os pés de Armand gora atiraram-se para trás, de encontro à parede do corredor, e, num instante, em posição de ataque, lançou-os num coice contra a parede oposta.

Lucky bateu violentamente de encontro à parede, escorregando um pouco ao longo dela antes que pudesse colocar seu tornozelo num dos trilhos metálicos e seu corpo balançava-se para dentro e para fora do corredor aberto.

Armand sussurrou asperamente nos ouvidos de Lucky:

– Já chega, senhor? Basta dizer ao Red que vai embora. Não quero machucá-la muito.

Lucky sacudiu a cabeça. Estranho, pensou, que o campo gravitacional de Armand tivesse atingido o seu no momento da alteração' dos controles. Ele havia visto a mão de Armand mexer nos controles e tinha certeza de que fora ele quem primeiro ajustara os seus.

Com um movimento brusco, Lucky deu uma cotovelada certeira no estômago de Armand. Armand grunhiu de dor e Lucky aproveitou para encolher as pernas e endireitar-se. Os dois homens separaram-se e Lucky viu-se livre.

Desviou-se agilmente antes que Armand voltasse à carga, e nos momentos seguintes procurou manter-se longe do outro. Estava começando a aprender como usar os controles e eles estavam se movendo lentamente. Só conseguia evitar Armand devido a sua habilidade no uso dos apoios para os pés ao longo dos corredores e à sinalização semelhante à inversão cabeça-pés.

E então, enquanto flutuava como uma pluma, incitando Armand a atirar-se contra ele, ajustou seus controles Agrave estes não responderam prontamente. Não houve nenhuma mudança no campo gravitacional; nenhuma sensação de aceleração em qualquer sentido.

Ao invés disso, Armand atirou-se sobre ele novamente, grunhindo, e então Lucky sentiu-se bater de encontro à parede do corredor com força atordoante.

• 5 •

Pistolas de Agulhas e Vizinhos

Bigman tinha plena confiança na capacidade de Lucky para lidar com qualquer brutamontes, e apesar de sentir uma raiva profunda daquela turba nada amigável, não sentia medo algum.

Summers surgiu à borda do corredor acompanhado de um outro companheiro, de compleição escura, que apregoava, com voz rouca, os eventos que se sucediam, como se fosse um jogo de pólo aéreo no subetérico.

Houve gritos de alegria quando Armand, pela primeira vez, atirou Lucky violentamente contra a parede do corredor. Bigman assistia a tudo com desdém. É claro que aquela gritaria toda parecia maravilhosa para o lado deles. Esperem só até Lucky aprender a malícia da técnica Agrav. Ele poderia fazer picadinho desse Armand. Bigman tinha certeza disso.

Porém, quando o cara moreno berrou: Armand deu-lhe uma gravata agora. Vai fazê-lo cair pela segunda vez; pés contra a parede; encolhe-se e lança-se e vejam só a queda, beleza!, Bigman começou a ficar preocupado.

Estava bem perto da borda do corredor. Ninguém prestava atenção a ele. Era uma vantagem do seu pequeno porte.. As pessoas que não o conheciam tinham tendência a pensar que não representava um perigo possível, a ignorá-lo.

Bigman olhou para baixo e viu Lucky impulsionando-se para afastar-se da parede.

Armand pairava por perto, esperando. : .

– Lucky! – gritou com voz trêmula.

– Mantenha-se longe!

Seu grito perdeu-se em meio à balbúrdia, mas o mesmo não ocorreu à voz do homem escuro, que havia adquirido um tom coloquial, ao lado de Red Summers. Bigman podia ouvi-Ia.

– Dê uma força ao bisbilhoteiro, Red. Assim vai perder a graça – disse o cara escuro.

– Não quero que haja intervenção de ninguém. Quero que Armand termine o trabalho – grunhiu Summers em resposta.

Bigman, por um momento, não percebeu o significado da súbita mudança, mas foi só por um instante, pois logo seus olhos fixaram-se súbita e precisamente na direção de Red Summers cujas mãos, mantidas bem junto do peito, manipulavam um objeto que Bigman não pôde identificar.

– Pelas Dunas de Marte! – gritou Bigman sem fôlego. Virou-se rápido. – Você, Summers!

Seu trapaceiro!

Esta era uma daquelas ocasiões em que Bigman sentia-se feliz por ter consigo urna pistola de agulhas, mesmo a despeito de Lucky desaprovar tal coisa. Lucky considerava-a como. uma arma pouco confiável, devido à dificuldade de mirar com precisão que esta apresentava, mas Bigman antes poderia duvidar que tinha só pouco mais de meio metro de altura do que de sua própria pontaria.

Vendo que Summers não se voltou ante o insulto, Bigman comprimiu a pistola de agulhas que empunhava só o bastante para ativá-Ia.

Simultaneamente, um raio de luz de dois metros surgiu diante do nariz de Summers, e houve um leve "pop". Não chamava muito a atenção. Só as moléculas de ar estavam sendo ionizadas. Summers saltou, contudo, e o pânico, transmitido pela rã-V, instalou-se imediatamente.

– Todos vocês – gritou Bigman. – Parem! Parem, seus desmiolados miseráveis. – Um outro disparo da pistola de agulhas cortou o ar, desta feita acima da cabeça de Summers onde todos podiam ver claramente.

Poucas pessoas usavam pistolas de agulhas, já que eram caras e cujo porte era difícil de obter, mas todos sabiam como era um disparo de uma pistola de agulhas, se feito em condições sub-etéricas, e também os prejuízos que poderia causar.

Era como se os cinquenta homens rudes tivessem parado de respirar.

Bigman sentia-se acuado pelo medo enregelante de cinquenta homens amedrontados.

Encostou-se à parede e disse: – Agora, ouçam, todos vocês. Quantos de vocês sabem que o safado do Summers está usando um dispositivo 'para sabotar os controles Agrav do meu amigo? Está havendo trapaça nesta luta!

– Você está errado. Está errado – disse Summers, rangendo dentes.

– Ah, é? Pois fique sabendo que você só é macho quando tem cinquenta do lado contra apenas dois. Vamos ver se continua valente contra uma pistola de agulhas. É difícil acertar um tiro com ela, é claro, posso até errar o alvo – disse Bigman.

Cerrou o punho novamente, e desta feita o "pop" do disparo foi perfeitamente ouvido e um raio iluminou todos os que presenciavam a cena, além de Bigman, que de todos eles era o único que sabia o momento exato de fechar os olhos.

Summers deu um grito estrangulado. Não tinha sido atingido, mas o botão de cima de sua camisa havia desaparecido.

– Boa pontaria, se posso falar assim – disse Bigman –, mas acho que ter sorte sempre é pedir muito. Eu o aconselharia a não se mexer, Summers. Quero que fique como uma pedra, seu trapaceiro, porque, se você se mexer, posso errar o tiro e arrancar um pedaço da sua pele, e isso vai feri-Ia muito mais do que a perda de um

botão.

Summers fechou os olhos. Sua testa transpirava. Bigman calculou a distância e atirou pela segunda vez.

Pau! Smack! Mais dois botões foram arrancados.

– Pelas areias de Marte, hoje é o meu dia de sorte! Não foi bom você ter evitado que alguém se intrometesse? Bem, mais um, para terminar o serviço.

E desta feita Summers gritou agoniado. Sua camisa foi rasgada e a pele avermelhada ficou à mostra.

– Ai! – disse Bigman – não no nariz. Agora acho que estou meio confuso e provavelmente vou errar o próximo tiro por dez centímetros ... a menos que esteja pronto a dizer algo, Summers.

– Está bem – gritou o outro. – trapaceei.

– Seu homem era mais pesado. Tinha mais experiência e mesmo assim você não permitiu uma luta limpa. Você não tem nenhuma chance, tem? Desista de suas intenções ... Veja bem, entretanto. De agora em diante, será uma luta limpa no corredor.

Ninguém se mexe até que alguém saia do corredor – disse Bigman calmamente.

Fez uma pausa e olhou fixamente para a mão que empunhava a pistola de agulhas, a qual movia-se lentamente de um lado para o outro. – Mas, se sua vontade de trapacear retomar, só ficarei um pouquinho desapontado. E quando estou desapontado, não há ninguém que possa dizer-me o que devo fazer. Eu poderia apenas ficar desapontado e louco o bastante para disparar esta pistola de agulhas na multidão, e não há nada no mundo que você possa fazer para evitar que eu a pressione dez vezes.

Portanto, se há dez de vocês cansados desta vida, apenas torçam para que o seu rapaz vença o Lucky Starr.

Bigman começava a ficar preocupado, sua mão direita empunhando a pistola de agulhas, o braço esquerdo curvado sobre o recipiente com a rã-V. Desejava ansiosamente pedir a Summers que mandasse seus homens de volta, que fizesse terminar a luta, mas receava ferir os brios de Lucky. Conhecia-o muito bem para saber que este não permitiria que a luta acabasse por negligência de sua parte.

Um vulto desapareceu zunindo do campo de visão, depois outro. Houve um impacto como se um corpo tivesse se chocado na parede, então um segundo e um terceiro.

Depois, silêncio.

Um vulto passou de volta, puxando o outro pelo pé.

O que dominava a situação entrou sorrateiramente no corredor; o outro, que estava seguro, o acompanhou e caiu feito um saco de areia.

Bigman deixou escapar um grito. O homem que estava de pé era Lucky. Seu rosto estava ferido e ele mancava, mas era Armand quem estava inconsciente.

Fizeram Armand recuperar os sentidos com certa dificuldade.

Tinha um galo na cabeça que parecia uma pera, e um hematoma num olho mantido fechado. Embora seu lábio inferior estivesse sangrando, ele tentou dar um sorriso com grande esforço, e disse: – Por Júpiter, esse camarada é uma fera selvagem!

Ficou de pé e colocou os braços em volta de Lucky num abraço de urso. – Foi como lutar com dez homens depois que ele recuperou seu equilíbrio. Ele é muito bom.

Inesperadamente, os homens estavam muito animados. A rã-V havia transmitido inicialmente calma, introjetada rapidamente como excitação.

_ O rosto de Armand abriu-se num sorriso largo e ele limpou o – sangue com as costas da mão. – Este Conselheiro me agrada. Qualquer um que ainda quiser lutar com ele terá que me enfrentar também. Onde está o Red?

Red Summers, porém, tinha ido embora. O instrumento que deixara cair à ordem de Bigman também havia desaparecido.

– Ouça, Sr. Starr, preciso dizer-lhe. Não foi minha a idéia, mas o Red falou que tínhamos de nos livrar de você senão sua presença aqui traria problemas para todos nós – disse Armand.

Lucky levantou a mão. – É um engano pensarem assim. Ouçam, todos. Não haverá

nenhum problema para qualquer terráqueo leal. Isso eu garanto. Vamos esquecer esta luta. Foi um pouco de provocação, mas podemos esquecer isso. Da próxima vez em que nos encontrarmos, vamos estar de cabeça fresca. Não aconteceu nada.

Certo?

Animaram-se de maneira contagiante e alguns gritaram: – Ele é simpático! Viva o Conselho!

Lucky já estava prestes a sair quando Armand disse: – Ei, espere. – Respirou fundo e perguntou: – O que é isso? – apontando para a rã-V.

– Um animal venusiano – respondeu Lucky. – Nosso bicho de estimação.

– É bacana. – O gigante acercou-se dela. Os demais aproximaram-se para observá-la e tecer comentários de apreciação, e apertar a mão de Lucky e garantir-lhe que estariam do seu lado a qualquer momento.

Bigman, incomodado com os empurrões involuntários, gritou finalmente: – Vamos para os alojamentos, Lucky, ou juro que ainda mato um destes caras.

Houve um instante de silêncio e os homens comprimiram-se para dar passagem aos dois.

Lucky encolhia-se de dor enquanto Bigman aplicava água fria no seu rosto inchado, na privacidade de seus alojamentos.

– Alguns homens estavam comentando algo sobre as pistolas de agulhas naquela aglomeração final – disse Lucky –, mas na confusão não entendi a história direito. Suponho que pode contar-me, Bigman.

Com relutância, Bigman explicou as circunstâncias.

Lucky emendou pensativamente: – Percebi que meus controles. estavam desligados, mas considerei isso falha mecânica especialmente quando aconteceu novamente após minha segunda queda. Não sabia que você e Red Summers lutavam acima de minha cabeça.

Bigman sorriu, maliciosamente-, Pelo Espaço, Lucky, você não está pensando que eu iria deixar aquele sujeito fazer uma trapaça daquelas com você, não é?

– Poderia haver uma outra maneira que não fosse a pistola de agulhas.

– Nada mais poderia tê-los esfriado daquele jeito – respondeu Bigman magoado. – Você queria que eu apontasse o dedo pra eles e dissesse: Malvados! Malvados! Além disso, eu tinha que meter medo naqueles pamonhas.

– Por quê? – perguntou Lucky prontamente.

– Pelas Areias de Marte, Lucky, você derrubou o sujeito duas vezes e eu não sabia se você tinha condições de fazê-lo. Estava tentando fazer com que Summers terminasse a luta.

– Poderia. ter sido pior, Bigman. Poderíamos não ter conseguido coisa nenhuma com isso. Poderia haver homens certos de que o grito de "trapaça" fora só um truque de alguém não muito esportivo.

– Sei que você imaginou isso, mas eu estava nervoso.

– Não havia nenhuma necessidade disso. Depois que meus controles responderam corretamente, as coisas correram muito bem. Armand estava certo de que me havia vencido, e quando percebeu que eu ainda tinha forças para lutar, a luta pareceu-lhe fugir ao controle. Isso acontece às vezes com pessoas que acham que nunca poderiam perder. Quando não vencem rapidamente, ficam confusas, e não conseguem vencer.

– Sim, Lucky – disse Bigman sorrindo.

Lucky ficou em silêncio por um ou dois minutos, e disse então: – Não gosto desse "Sim, Lucky". O que você fez?

– Bem – Bigman terminou de aplicar o curativo para ocultar o ferimento e parou para refletir sobre o que tinha feito, de modo crítico –, eu não podia ajudá-lo, mas esperava que derrotasse o sujeito, compreende?

– Não, acho que não.

– E eu disse pra todo mundo lá que se Armand derrotasse você, eu mataria tantos quantos eu pudesse. – Você não estava falando sério!

– Talvez estivesse. De qualquer maneira, eles pensaram que eu estava. Não duvidaram disso depois que me viram arrancar com a pistola de agulhas quatro botões da camisa daquele trapaceiro. Portanto, havia cinquenta caras lá, mesmo incluindo o Summers, que estavam suando na esperança cega de que você derrotasse Armand.

É isso, então.

– Bem, eu não poderia ajudar se a rã-V estivesse lá e transmitisse todos aqueles pensamentos para você também, podia?

– Por isso o Armand perdeu a luta, pois sua mente estava sendo alvo de pensamentos de derrota – disse Lucky mortificado.

– Lembre-se, Lucky. Duas quedas traiçoeiras. Não era uma luta honesta.

– Sim, eu sei. Bem, talvez eu tenha precisado de ajuda naquele momento. – A campainha da porta acendeu nesse momento, e Lucky levantou as sobrancelhas. – Quem será? Estou curioso. – Comprimiu um botão e a porta retrátil abriu-se.

De pé à porta estava um homem corpulento, de cabelos finos e olhos azul-porcelana que os fitava sem pestanejar. Trazia numa das mãos um pedaço de metal brilhante de forma extravagante, que seus dedos viravam de uma a outra extremidade. Ocasionalmente a peça semi-encoberta entre os dedos do homem iam do polegar ao dedo mínimo, e vice-versa, como se tivesse vida própria. Bigman deu por' si, fitandoa fascinado.

– Chamo-me Harry Norrich – disse o homem. – Sou seu vizinho do lado.

– Bom dia – disse Lucky.

– Vocês são Lucky Starr e Bigman Jones, não? Incomoda-lhes virem ao meu apartamento passar algum tempo, visitar-me, tomar um drinque?

– É muita gentileza de sua parte – disse Lucky. – Ficaremos felizes em aceitar.

Norrich voltou-se um pouco inflexivelmente e guiou-os pelo corredor abaixo até a porta seguinte. Uma de suas mãos tocava a parede do corredor de vez em quando.

Lucky e Bigman seguiram-no, este último segurando a rã-V.

– Entrem, cavalheiros. – Afastou-se um pouco para deixá-los entrar. – Por favor, sentem-se. Já ouvi falar muito de vocês.

– Sobre o quê? – perguntou Bigman.

– Sobre a luta de Lucky com o brutamontes do Armand, e da sua pontaria com a pistola de agulhas. Só se comenta isso em toda a parte. Duvido que haja alguém em Júpiter Nove que não escute todo o dia um comentário a respeito. É uma das razões'

pelas quais os procurei. Queria conversar sobre isso.

Despejou cuidadosamente em dois copos pequenos um licor avermelhado e

ofereceu-lhes. Lucky estendeu a mão; após alguns segundos de espera sem resultados, esticou o braço e tirou o copo da mão de Norrich, pondo-o de lado.

– O que é aquilo em sua mesa de trabalho? – perguntou Bigman.

O quarto de Norrich, além da mobília costumeira, tinha algo semelhante a uma mesa de trabalho, com o comprimento de uma parede, tendo um banco junto dela.

Sobre a mesa havia uma série de utensílios metálicos que estavam espalhados esparsamente, e ao centro dela via-se uma estrutura esquisita, de cerca de quinze centímetros de altura e uma forma irregular.

– Isto? – A mão de Norrich deslizou suavemente ao longo da superfície da mesa e foi apoiar-se sobre a estrutura. – É um 3-D.

– Um o quê?

– Um quebra-cabeça tridimensional. Os japoneses já o conheciam a milhares de anos, mas nunca chegaram a tirar nenhum proveito dele. É um tipo de quebra-cabeça constituído de um certo número de peças que se ajustam entre si para formar um determinado tipo de estrutura. Esta poderia, por exemplo, ser o modelo de um gerador Agrav quando construído.· Eu mesmo o projetei e o fiz.

Levantou a peça de metal que estava segurando e colocou-a cuidadosamente num pequeno entalhe da estrutura. A peça deslizou suavemente e ajustou-se no lugar.

Bigman, fascinado, aproximou-se, então deu um salto para trás ao ouvir subitamente um latido animal vindo de sob a mesa.

Um cachorro saiu de sob a mesa e colocou sua pata no banco.

Era um cão pastor alemão enorme que agora ficava de pé olhando de forma amistosa para Bigman.

– Eu pisei nele sem querer – disse Bigman nervosamente.

– É apenas o Mutt – disse Norrich. – Ele não vai morder alguém só porque colocou o pé nele. É o meu cachorro. Meus olhos.

– Seus olhos?

– O SI. Norrich é cego, Bigman – murmurou Lucky.

• 6 •

A Morte entra no Jogo

Bigman recuou. – Lamento.

– Não há nada a lamentar – disse Norrich amigavelmente. – Tenho muita afeição por ele e não pode ficar sozinho. Sou o responsável por uma seção importante de técnicos e estou encarregado da construção de gabaritos experimentais. Não preciso de nenhuma ajuda; além disso, qualquer coisa que eu precise conto com os meus 3-Ds.

– Suponho que os 3-Ds são um bom exercício – disse Lucky.

– Você quer dizer que pode pôr essas coisas juntas mesmo sem poder vê-Ias? – falou Bigman. – Pelas Areias de Marte!

– Não é tão difícil quanto parece. Pratiquei anos a fio, por isso é que conheço as manhas do negócio. Esta, Bigman, é apenas uma. Tem exatamente o formato ov6ide.

Pode separá-Ia?

Bigman pegou a forma ovoide e girou-a nas mãos, observando as peças precisamente ajustadas. .

– Na verdade – prosseguiu Norrich – só preciso realmente de Mutt para guiar-me ao longo dos corredores. – Abaixou-se para acariciar os pelos do cão, detrás da orelha, e este cedia ao afago abrindo a boca num grande bocejo sonolento, deixando à mostra as enormes presas alvas e uma parte da língua cor-de-rosa pendente para fora da boca. Lucky podia sentir a cálida intensidade do afeto que Norrich nutria por seu cão projetadas pela rã-V.

– Não posso usar os corredores Agrav – disse Norrich –, já que eu não teria meios de dizer o momento certo de desacelerar, por isso tenho que andar pelos corredores comuns e o Mutt me guia. Damos uma longa volta, mas isso é um bom exercício, e depois de todas essas caminhadas, Mutt e eu ficamos conhecendo Júpiter Nove melhor do que ninguém, não é, Mutt? .. Já conseguiu, Bigman?

– Não – respondeu Bigman. – É uma peça só.

– Na verdade não é não. Agora dê-ma aqui.

Bigman entregou-a, e os dedos experientes de Norrich deslizaram pela superfície

– Vê este pequeno encaixe quadrado aqui? Você a pressiona e ela entra um pouquinho.

Segure a parte que ficou dê fora, na outra ponta, dê meia volta no sentido horário, e isso desfaz o conjunto todo. Viu? Agora o resto separa-se facilmente. Esta, depois esta, agora esta, e assim por diante. Arrume-as na ordem em que foram

separadas; são oito; agora arrume-as de volta na ordem inversa. Ponha a peça principal por último, e isso vai afixar todo o conjunto no lugar.

Bigman fitou dubiamente as peças separadas e curvou-se sobre elas.

– Creio que gostaria de falar sobre o comitê de recepção que eu tive quando cheguei, SI. Norrich – disse Lucky. – Você disse que queria saber algo a respeito de minha luta com o Armand .

– Sim, Conselheiro, sim. Quero que compreenda. Estou aqui em Júpiter Nove desde o início do Projeto Agrav e conheço os homens. Alguns deles partem quando aparece uma carona, outros permanecem, chegam novatos; mas todos eles estão com o mesmo problema. Sentem-se muito inseguros.

– Por quê?

– Por várias razões. Em primeiro lugar, o projeto é perigoso. Já tivemos uma série de acidentes e perdemos centenas de homens. Perdi a vista há cinco anos atrás e ainda tive sorte, de certo modo. Poderia ter morrido. Em segundo lugar, os homens ficam longe dos amigos e da família enquanto estão aqui. Realmente isolados.

– Imagino que haja algumas pessoas que gostam de isolamento – completou Lucky.

Sorriu inflexivelmente ao dizer isso. Não era o segredo o fato de que homens que, de uma forma ou de outra, haviam caído nas malhas da lei, às vezes procuravam trabalho em alguns dos mundos pioneiros. Sempre houve necessidade de mão-de-obra nos domos sob atmosferas artificiais com campos pseudograv, e aqueles que se apresentavam voluntariamente e não foram questionados sobre muita coisa. Nem havia algo de errado nesse procedimento. Tais voluntários ajudaram a Terra e sua gente sob condições difíceis, e isso, de certa maneira, foi uma forma de reparação por seus crimes.

Norrich aquiesceu com a cabeça às palavras de Lucky. – Vejo que está a par de tudo e isso me deixa contente. Tirando-se os oficiais e engenheiros, imagino que uma boa metade dos homens aqui tem antecedentes criminais na Terra, e a maioria dos restantes poderia também estar fichada, se a polícia os conhecesse a todos. Duvido que um dentre cinco dê seu nome verdadeiro. De qualquer maneira, você pode constatar que a tensão se instala quando um investigador após outro vem para cá.

Todos vocês estão procurando espiões sirianos; sabemos disso; mas cada homem pensa que seu problema particular será investigado e serão mandados de volta à Terra, para as grades. Todos eles querem voltar à Terra, mas querem fazê-lo anonimamente, não de punhos algemados. É por isso que Red Summers pôde sublevá-los daquela forma.

– E Summers é alguém especial assim, para liderá-los? Tem algum antecedente criminal particularmente na Terra?

Bigman levantou a vista rapidamente do seu 3-D para dizer amargamente: – Assassino, talvez?

– Não – replicou Norrich com súbita alegria. – Você precisa entender o Summers.

Ele tem passado por muitas coisas tristes em sua vida: um lar desfeito, não tem pais legítimos. Meteu-se com pessoas erradas. Esteve na prisão, realmente, mas por ter cometido pequenos furtos. Se tivesse permanecido na Terra, sua vida poderia ter-se tornado uma longa caminhada inútil. Contudo, veio para Júpiter Nove. Aqui começou vida nova. Chegou como um trabalhador comum e procurou se auto-educar. Aprendeu engenharia civil de baixas gravidades, mecânica de campo de força e técnicas Agrav. Foi promovido a uma posição responsável e tem feito um trabalho muito bom. É respeitado, admirado, benquisto. Descobriu o que representa ter honra e posição e tem horror só ao pensamento de voltar à Terra, e à sua vida de antes.

– Realmente. Ele odeia tanto essa idéia – disse Bigman – que tentou matar Lucky sabotando a luta.

– Sim – disse Norrich, carrancudo. – Ouvi dizer que ele estava usando um oscilador subfásico para anular a resposta de controle do Conselheiro. Foi estupidez dele, mas estava em pânico. Olhe, no fundo, o homem tem bom coração. Quando o meu velho Mutt morreu ...

– Seu velho Mutt? – perguntou Lucky.

– Eu tive um cão que era um "Olho Vivo", antes deste, a quem eu também chamava de Mutt. Morreu num curto-circuito de campo de força, junto com dois homens. Ele não deveria estar lá, naquele momento, mas às vezes um cão quer vagabundear por aí, em suas próprias aventuras. Esse que tenho agora também dá suas voltinhas, mas sempre retoma. – Curvou-se para alisar levemente o flanco de seu cão, e Mutt fechou um olho enquanto sacudia o rabo. – De qualquer forma, depois que o velho Mutt morreu, pareceu-me por um certo tempo que se eu não pudesse conseguir outro teria de ser mandado para casa. Não tenho nenhuma utilidade aqui sem um. Cães "Olho Vivo" estão raros; há listas de espera. A administração aqui no Júpiter Nove não quer mover um dedo porque estão ansiosos para tornar público o fato de empregarem um engenheiro civil cego. O grupo econômico no Congresso vive sempre à espera de algo semelhante para fazer má publicidade do fato. Portanto, foi o Summers quem conseguiu. Usou alguns contatos que tem na Terra e conseguiu trazer Mutt para mim. Não foi totalmente legal; diria que foi conseguido no mercado negro, mas Summers arriscou sua posição aqui para fazer um favor a um amigo e devo muito a ele. Espero que você tenha em mente que o Summers pode fazer, e tem feito, coisas como essa, e que você o trate com calma, apesar do que fez hoje cedo.

– Não vou tomar nenhuma atitude contra ele. Não tinha nenhuma intenção de fazer algo parecido antes de conversarmos. Além disso, estou certo de que o nome real e os registros de Summers são do conhecimento do Conselho e eu checarei os fatos.

Norrich animou-se. – Faça-o. Verá que ele não é tão mau assim.

– Espero que sim. Mas, diga-me uma coisa. Depois de tudo o que aconteceu, não houve nenhuma tentativa de interferência por parte da administração do projeto.

Não acha isso estranho?

Norrich deu um breve sorriso. – Não totalmente. Não creio que o Comandante Donahue ter-se-ia importado muito se você tivesse sido morto, a não ser pelo trabalho que isso daria para ser encoberto. Ele tem problemas maiores para cuidar do que você ou sua investigação.

– Problemas maiores?

– Sim. A direção deste projeto é mudada todo ano; política de rodízio da tropa. O Donahue é o sexto chefe que temos e de longe o melhor de todos eles. Tenho de confessar isso. Ele acabou totalmente com as burocracias e formalidades e não tentou transformar o projeto em zona militar. Deu aos homens liberdade de ação e permitiu que criassem uma briguinha de vez em quando, e assim obteve bons resultados.

Agora, a primeira nave Agrav estará pronta para a decolagem a qualquer momento.

Alguns deles dizem que isso é questão de dias.

– Tão cedo assim?

– Pode ser. Mas a questão é que o Comandante Donahue tem prazo de menos de um mês para ser substituído no cargo. Um atraso agora faria com que o lançamento da nave Agrav só fosse levado a cabo quando seu sucessor assumisse o cargo. Este, então, poderia conduzir o projeto, levar a fama, entrar para os livros de história, e Donahue deixaria escapar tudo isso.

– Não admira que ele não o quisesse em Júpiter Nove – disse Bigman com veemência.

– Não admira que ele não o quisesse aqui. – Não perca a calma, Bigman. – Lucky encolheu os ombros, impaciente.

– Que' víbora imunda! – disse Bigman. – Sirius pode engolir a Terra contanto que ele possa comandar essa nave miserável. – Levantou o punho cerrado e houve um rosnado surdo de Mutt.

– Que está fazendo, Bigman? – perguntou rispidamente Norrich.

– O quê? – Bigman ficou realmente atônito. – Não estou fazendo nada.

– Você está fazendo um gesto ameaçador?

Bigman abaixou sua arma rapidamente. – Na verdade, não.

– Você precisa tomar cuidado quando estiver perto do Mutt.

Ele foi treinado para cuidar de mim ... Olhe, vou mostrar-lhe. Dê um passo apenas em minha direção e faça de conta que vai dar-me um soco.

Lucky interveio. – Não é preciso. Nós entendemos.

– Por favor – disse Norrich –, não há perigo. Eu o faço parar a tempo. A bem da verdade é uma boa prática pra ele. Todos no projeto são muito cuidadosos comigo e por isso eu juro que não sei se ele ainda lembra do seu treinamento. Vamos, Bigman.

Bigman caminhou para a frente e levantou o braço de forma quase convincente.

Imediatamente as orelhas de Mutt ergueram-se, seu olhos faiscaram, e suas presas ficaram bem à mostra, os músculos da perna retesados como para um salto, e um rosnado áspero saiu do fundo de sua garganta.

Bigman recuou precipitadamente.

– Quieto, Mutt! – ordenou Norrich. O cão acalmou-se. Lucky pôde sentir, claramente, o aumento e a diminuição da tensão na mente de Bigman e o sentimento de triunfo de Norrich.

– E então, Bigman, conseguiu alguma coisa com o 3·D? – perguntou Norrich.

– Desisti. Tudo que eu pude conseguir foi colocar duas peças juntas – respondeu exasperado o pequeno marciano.

Norrich sorriu. – É só uma questão de prática. Olhe.

Tomou as duas peças da mão de Bigman e disse: – Não é de se estranhar. Você ajustou-as de maneira errada. – Separou com movimentos rápidos as duas peças, de uma extremidade à outra, colocou as duas novamente ajustadas, acrescentou uma outra peça, mais outra, até que por fim ajustou sete peças na forma aproximada ovoide com um furo no meio. Apanhou a oitava e principal peça, deslizou-a para dentro, deu-lhe uma meia volta em sentido anti-horário e apertou-a para finalizar o trabalho. – Pronto! – disse.

Atirou a forma ovoide completa para o ar e agarrou-a, enquanto Bigman observava, desapontado. .

Lucky aproximou-se. – Bem, Sr. Norrich , nos veremos novamente. Lembrarei de suas observações sobre Summers e o resto. Gratos pelo drinque. – Este ainda jazia intocado sobre a escrivaninha. – Prazer em conhecê-los – disse Norrich, levantando e agitando as mãos.

Isso foi um pouco antes de Lucky preparar-se para dormir.

Agora jazia na escuridão de seu quarto a centenas de metros abaixo da superfície de Júpiter Nove, ouvindo o leve ronco de Bigman no quarto ao lado, e pensou nos acontecimentos do dia. Repetidas vezes.

Estava preocupado! Algo que não deveria acontecer, aconteceu; ou algo que

deveria acontecer, não aconteceu.

Mas estava exausto e tudo lhe parecia quase irreal, agitando-se no torpor de um mundo semi-verdadeiro Algo pairava no limiar da inconsciência. Ele tentou definir o que' era, mas não foi capaz.

E quando a manhã chegou parecia que tudo havia se diluído no nada.

Bigman chamou seu nome do quarto vizinho enquanto Lucky enxugava-se sob os suaves jatos de ar aquecido após o banho.

O pequeno marciano gritou: – Ei, Lucky! Eu recarreguei o suprimento de dióxido de carbono da rã- V e abasteci o recipiente com mais erva. Você vai levá-Ia para o nosso encontro com o maldito Comandante, não vai?

–- Claro que sim, Bigman.

– Então está tudo pronto. Que acha de permitir que eu diga ao Comandante o que penso dele? – Ora, vamos, Bigman!

– Oba, vou tomar aquele banho agora.

Como todos os homens originários de outros planetas que não a Terra, Bigman sentia especial atração pela água, e, sempre que podia, deliciava-se com ela. Um banho para ele, então, tinha o sabor de uma experiência agradável, maravilhosa. Lucky preparou-se logo para ouvir uma sessão de tenor que mais parecia um miado ao que Bigman chamava de canto.

O intercomunicador soou logo após Bigman estar bem entretido num arremedo de melodia desafinada que chegava aos ouvidos de Lucky como o som de uma perfuradora enquanto ele terminava de se vestir.

Lucky caminhou' até ele e ativou a recepção. – Starr falando.

– Starr! – O rosto marcado do Comandante Donahue apareceu na visitela. Seus lábios se estreitaram e se comprimiram, e toda a sua expressão denunciava o antagonismo que havia em si ao olhar pasmado para Lucky. – Ouvi uma certa história sobre uma luta entre você e um de nossos trabalhadores.

– Sim?

– Vejo que não foi ferido.

Lucky sorriu. – Tudo bem.

Você se lembra que o preveni?

– Não estou fazendo nenhuma reclamação.

– Já que não está, e pelo interesse do projeto, gostaria de perguntar-lhe se tenciona fazer algum relatório a respeito do caso.

– A menos que isso tenha algo a ver com aquilo de que estou tratando no momento, o incidente jamais será mencionado por mim.

– Ótimo! -. Donahue pareceu aliviar-se subitamente. – Quero saber se poderia estender essa sua atitude ao nosso encontro desta manhã. Nosso encontro será gravado para fins de registros confidenciais e eu preferiria ...

– Não haverá necessidade alguma de falar no assunto, Comandante.

– Muito bem! – O comandante relaxou e assumiu um ar quase cordial. – Vê-hei, então, dentro de uma hora.

Lucky tinha a vaga impressão de que Bigman havia acabado de tomar seu banho e que sua cantaria havia se transformado num trinado baixo. Agora, esse som também tinha cessado, e houve um momento de silêncio.

Lucky disse ao transmissor: – Sim, Comandante, está bem – quando Bigman deu um grito selvagem, quase ininteligível.

– Lucky!

Lucky apressou-se, e com passos rápidos já estava nos calcanhares do amigo, na porta que interligava os dois aposentos.

Bígman, porém, estava na soleira da porta, diante dele, olhos arregalados de horror.

– Lucky! A rã-V! Está morta! Alguém a matou!

• 7 •

Um Robô entra no Jogo

O aquaterrarium plástico da rã-V jazia despedaçado e seco, e o chão estava molhado com a água que se projetara ao redor. A rã-V, semi coberta pelas ervas, jazia inerte, morta.

Agora que estava morta e com ela se fora a possibilidade de controlar emoções, Lucky podia contemplá-Ia sem o carinho forçado que ele, como todos os demais, que entravam em seu raio de influência psíquica, sentiam. Sentiu ódio, entretanto, mas de si mesmo por ter-se permitido um descuido tão grande.

Bigman, refrescado após o banho, vestido apenas com calções, abria e fechava os punhos. – A culpa é minha, Lucky, a culpa é toda minha. Eu estava gritando muito alto no banheiro, eu jamais ouviria alguém entrar.

O termo "entrar" não era muito adequado. O assassino simplesmente não entrara.

Abrira seu caminho a fogo. Os controles do fecho estavam fundidos e derretidos por algo que provavelmente fora um projetor de energia de grande calibre.

Lucky retomou ao interfone. – Comandante Donahue? – Sim, que aconteceu? Algo errado?

– Eu o verei dentro de uma hora. – Desligou e voltou ao pesaroso Bigman. Disse melancolicamente:

– Foi culpa minha, Bigman. O tio Hector disse que os sirianos ainda não haviam descoberto : fatos relacionados com os poderes telepáticos da rã-V, e eu aceitei isso totalmente. Se eu tivesse sido um pouco menos otimista a respeito da ignorância dos sirianos, nenhum de nós dois teria deixado fora do alcance da vista essa pequena criatura, por um segundo que fosse.

O tenente Nevsky chamou-os, de pé, atento, enquanto Lucky e Bígman deixavam seus alojamentos.

Falou com voz baixa: – Fico contente, senhor, por não se ter ferido no encontro de ontem. Eu não o teria abandonado, senhor, se não tivesse ordenado claramente para fazê-lo, – Esqueça isso, Tenente – Lucky falou, ausente. Seu pensamento voltara' ao exato momento em que, na noite anterior, antes de adormecer, por um breve instante, uma idéia fugidia havia se delineado em sua mente, antes de desvanecer-se. Mas esse pensamento não poderia ocorrer-lhe agora quando estava preocupado com outros assuntos.

Neste Ínterim haviam entrado no corredor Agrav, e desta feita, este pareceu-lhe cheio de· gente, movimentando-se de um modo ao mesmo tempo ordenado e confuso, em ambas as direções. Sentia-se no ar uma atmosfera de "começo de

trabalho diário".

Homens rudes trabalhavam aqui, debaixo da terra, e não havia dia ou noite apesar do esquema de trabalho mantido. A raça humana trouxe a rotação familiar da Terra a todos os mundos nos quais vivera. E embora o pessoal pudesse trabalhar em turnos, sem horário definido, a maioria deles trabalhava no esquema normal de nove às cinco, pelo Tempo Solar Padrão.

Eram quase nove agora, e via-se um corre-corre pelos corredores Agrav. Os homens apressavam-se a ocupar seus postos de trabalho. Podia-se sentir por toda a parte que a sensação de "dia nascendo" era quase tão real que se tinha a perfeita impressão do Sol levantando-se no horizonte e orvalho na grama .

Dois homens estavam sentados à mesa quando Lucky e Bigman adentraram o salão de conferências. Um deles era o Comandante Donahue , cujo semblante denunciava uma· tensão cuidadosamente controlada. Este levantou-se e apresentou de maneira glacial o outro:

James Panner, o engenheiro chefe e mentor civil do projeto. Panner era um homem robusto, de rosto moreno, olhos escuros e profundos e pescoço taurino. Trajava uma camisa aberta no colarinho e sem insígnia de qualquer tipo.

O Tenente Nevsky despediu-se e retirou-se. O Comandante Donahue fitou de relance a porta fechada e falou: – Já que estamos aqui, vamos ao trabalho.

– Nós quatro e mais um gato – disse Lucky, acariciando um pequeno bichano que esticava suas patas sobre a mesa e fitava-o de maneira solene. – Este não é o mesmo gato que eu vi ontem, é?

O Comandante franziu as sobrancelhas. – Talvez sim. Talvez não. Temos certo número de gatos no satélite. Mas tenho a impressão de que não viemos aqui para falar de animais de estimação.

– Pelo contrário, Comandante, penso que isso será um tópico pelo qual iniciarei a conversa e o escolhi deliberadamente. Lembra-se do meu animal de estimação, senhor?

– disse Lucky.

– Sua minúscula criatura venusiana? – respondeu- o comandante com súbita amabilidade.

– Lembro-me dele, sim, Era ... – interrompeu-se confuso como se procurasse descobrir à razão daquela admiração repentina pela. ausência da rã-V, como se tentasse explicar para si mesmo o motivo daquele entusiasmo.

– A pequena criatura venusiana – disse Lucky – tinha habilidades peculiares. Podia captar emoções. Podia transmitir emoções. Podia até influenciar telepaticamente os sentimentos de alguém.

Os olhos do comandante arregalaram-se, mas Panner disse com voz áspera: – Ouvi um certo rumor certa vez sobre esses poderes, Conselheiro. Achei ridículo.

– Enganou-se. São verdadeiros. Na verdade, Comandante Donahue, minha intenção ao solicitar esta entrevista foi estabelecer providências para entrevistar cada homem do projeto em presença da rã-V. Queria efetuar uma análise emocional.

O comandante parecia ainda um pouco aturdido. – O que isso poderia provar?

– Talvez nada. Até hoje cedo tencionava realizá-Ia.

Panner interveio. – .Tencionava por quê? Você usa o tempo passado, Conselheiro Starr ..

Lucky olhou solenemente para os dois oficiais do projeto.

Minha rã-V está morta.

Mataram-na esta manhã – disse Bigman furiosamente.

– Quem a matou? – perguntou o comandante.

– Não sabemos, Comandante.

O comandante voltou a sentar-se em sua poltrona. – Então, sua pequena investigação não tem mais razão de ser, acho eu, até que o animal seja substituído.

– Não haverá nenhuma espera. O simples fato de não poder mais contar com a rãV, já que está morta, deu-me um grande incentivo, e o assunto torna-se mais sério ainda – disse Lucky.

– O que quer dizer com isso?

Todos o fitaram. Até Bigman olhou para Lucky com profunda surpresa.

– Expliquei-lhe. Falei que a rã-V tem poderes para influenciar telepaticamente seres humanos projetando-lhes sentimentos – disse Lucky. – Você próprio, Comandante Donahue, teve essa experiência. Recorda do seu estado de espírito quando viu a rã-Vem minha nave ontem? Estava sob forte tensão, até que viu a rã-V. Lembra-se dos seus sentimentos, senhor?

– Eu estava a ponto de pedi-Ia para mim – falou o comandante atabalhoadamente.

Será que pode explicar por que, recordando esse fato, agora? – Não, vamos tentar lembrá-Ia. Uma criatura feia.

– Assim mesmo você gostou dela. Não estava no perfeito domínio de seus sentimentos.

Acha que poderia tê-Ia ferido? – Suponho que não.

– Estou certo de que não poderia fazê-lo. Ninguém que sinta emoções seria capaz.

Assim mesmo alguém o fez. Alguém a matou. – Tenciona buscar explicações para esse paradoxo? – disse Panner.

– É fácil de explicar. Ninguém dotado de sentimentos. Um robô, entretanto, não tem emoções. Imagine que em Júpiter Nove haja um robô, um homem mecânico, com a aparência idêntica de um ser humano. .

– Você quer dizer um humanoide? – explodiu o Comandante Donahue. – Impossível.

Tais coisas só existem em contos de fadas.

– Eu acho, Comandante – replicou Lucky –, que não está bem informado a respeito de quanto os sirianos estão adiantados em robótica. Acho que poderiam estar em condições de utilizar para isso, como modelos, alguns homens profundamente leais aqui de Júpiter Nove; construir um robô à sua imagem, e substituí-lo pelo verdadeiro.

Tal robô humanoide poderia ser dotado de sentidos especiais que poderiam capacítá-lo a ser um espião perfeito. Ele poderia, por exemplo, ser capaz de enxergar na escuridão, ou ver coisas através da matéria. Certamente seria capaz de transmitir informações pelo subetérico, usando algum tipo de dispositivo embutido.

O comandante sacudiu a cabeça. – Ridículo – disse. – Um 'homem poderia facilmente ter matado a rã-V. Um homem desesperado, aterrorizado ao extremo. poderia ter superado esse ... esse campo de influência mental que o animal exercia. Já pensou nisso?

– Sim, pensei – disse Lucky. – Mas por que deveria alguém estar tão desesperado assim, por que ficaria tão selvagem a ponto de eliminar uma rã-V inofensiva? A razão mais óbvia é que a rã-V representaria um perigo muito grande, que não fosse tão inofensiva assim. O único perigo que a rã-V poderia representar para o criminoso seria envolver a capacidade animal para captar ou transmitir as emoções deste. Agora imagine que essas emoções poderiam ser um disfarce para o fato de que o criminoso fosse um espião?

– Como poderia? – perguntou Panner.

Lucky voltou-separa ele: – Que tal se nosso homem não tivesse emoções verdadeiras?

Não poderia um homem sem emoções humanas ser imediatamente desmascarado como sendo um robô? .. Ou tentaria uma outra maneira, afinal. Por que mataria apenas a rã-V? Tendo entrado sorrateiramente em nossos aposentos, tendo-se arriscado tanto, verificado que um de nós estava no banho, e outro ao intercomunicador e ambos não desconfiavam de nada e estavam desprevenidos, por que razão não nos mataria ao invés da rã-V? Por que não nos matou juntamente com a rã-V?

– Pressa, provavelmente – retrucou o comandante.

– Há um outro motivo mais plausível – disse Lucky. – Você conhece as Três Leis da Robótica, as regras de comportamento que todos os robôs são construídos para seguir?

– Conheço-as superficialmente – disse o comandante. – Não saberia especificá-Ias.

– Eu posso – disse Lucky. – E com a sua permissão, o farei, para que possamos analisar determinado ponto. A Primeira Lei é esta: Um robô não pode ferir um ser humano, nem deixar de reagir ante a ameaça de agressão da parte de um deles. A Segunda Lei é a seguinte: Um robô deve obedecer às ordens dadas por seres humanos, salvo quando tais ordens possam entrar em conflito com a Primeira Lei. A Terceira Lei é: Um robô deve proteger sua própria existência desde que esse ato não entre em conflito com a Primeira ou Segunda Lei.

Panner aquiesceu com a cabeça. – Correto, Conselheiro, e que é que isso prova?

– Um robô poderia ter matado a rã-V, que é um animal. Ele. arriscaria sua existência, já que sua autopreservação está só na Terceira Lei, para obedecer ordens, que é.

a Segunda Lei. Mas não· pode receber ordens para matar Bigman ou mesmo eu, uma vez que somos humanos, e a Primeira Lei tem precedência sobre todas.

Um espião humano ter-nos-ia matado juntamente com a rã-V; um robô espião mataria apenas a rã-V. Tudo isso leva a uma só conclusão, Comandante.

O comandante considerou o fato por longos minutos, imóvel na cadeira, as rugas do rosto marcado tornaram-se mais profundas. Então falou: – O que propõe que façamos?

Analisar cada homem do projeto com raio X?

– Não – respondeu Lucky de chofre. – A coisa não é assim tão simples. A espionagem continua com êxito em algum outro lugar. Se houver um robô humano por aqui, existem provavelmente outros em alguma outra parte. Seria bom agarrar tantos humanóides quantos fosse possível. Todos eles, se pudermos. Se agirmos com ânsia e abertamente para ter esse aí em nossas mãos, os outros podem ser desativados para serem usados em outra oportunidade.

_. Então, que acha que devemos fazer?

– Trabalhar devagar. Uma vez' que suspeita de um robô, existem maneiras de desmascará-ló sem que ele perceba nada. E não começo sem ter já um ponto de partida.

Por exemplo, Comandante, sei que não é um robô, já que captei emoções em você ontem. Na verdade, o fiz sentir ódio deliberadamente, para testar minha rã-V, e por isso peço-lhe desculpas.

O rosto de Donahue esverdeou-se. – Eu, um robô?

– Como estava falando, usei-o para testar a minha rã-V, apenas. Panner disse secamente:

– Você não tem nenhuma base para emitir uma opinião sobre mim, Conselheiro.

Nunca estive frente a frente com sua rã-V.

– Certo – disse Lucky. – Você ainda não está livre de suspeitas. Tire a camisa.

– O quê? – Panner deu um grito indignado. – Por quê?

Lucky falou calmamente: – Você acabou de provar sua inocência. Um robô teria obedecido a essa ordem.

O comandante esmurrou violentamente a escrivaninha. – Pare com isso! Isso vai acabar aqui mesmo. Não vou permitir que fique testando e importunando meus homens, de forma alguma. Tenho uma tarefa a cumprir neste satélite, Conselheiro Starr; temos uma nave Agrav prestes a se lançada ao espaço, e vou lançá-Ia ao espaço.

Meus homens foram investigados e são inocentes. A sua história do robô é idiota, e não vou perder tempo com ela.

Avisei-o ontem, Starr, que não o queria neste satélite perturbando meus homens e pondo sua moral em dúvida. Ontem, por exemplo, você aproveitou para dirigir-me uma espécie de insulto. Agora me diz que foi apenas para testar seu animal, o que não diminui a ofensa em nada. Por esse motivo, não vejo necessidade alguma de cooperar com você e não o farei. Deixe que eu lhe diga exatamente o que fiz. Cortei toda comunicação com a Terra. Coloquei Júpiter Nove em estado de sítio. Tenho os poderes de um ditador militar agora. Entende?

Os olhos de Lucky estreitaram-se num gracejo: – Na qualidade de Conselheiro do Conselho de Ciência eu sou seu superior hierárquico.

– Como pretende exercer esse cargo aqui? Meus homens me obedecerão e eles têm suas ordens. Será impedido à força se tentar, de qualquer maneira, por palavras ou atos, interferir em minhas ordens.

– E quais são suas ordens?

– Amanhã – disse o Comandante Donahue – às seis da noite, Hora-Padrão Solar, a primeira nave Agrav, pela primeira vez, fará seu vôo inaugural de Júpiter Nove para Júpiter Um, o satélite Io. Depois que regressarmos, depois, Conselheiro Starr, nem uma hora antes disso, você poderá efetuar sua investigação. E aí, então, se quiser entrar em contato com a Terra e tomar providências para levar-me à corte marcial, estarei pronto a atendê-lo.

O Comandante Donahue fitou de modo enérgico Lucky Starr. Lucky perguntou a Panner: – A nave está pronta?

– Acho que sim – este respondeu.

– Partimos amanhã. Bem, Conselheiro Starr, você vem comigo ou terei de arrastá-l o à força? – disse com desprezo o comandante.

O silêncio que se seguiu era de tensão total. Bigman virtualmente parou de respirar.

As mãos do comandante abriam-se e fechavam-se, e seu nariz estava lívido e

apertado. Panner tirou vagarosamente do bolso da camisa uma goma de mascar, abriu seu recipiente de plastifólio com uma das mãos e atirou-o à boca.

E então Lucky apertou fracamente as mãos, sentou-se novamente na poltrona, e disse: – Ficarei feliz em cooperar com você, Comandante.

• 8 •
Cegueira

Bigman sentiu-se imediatamente ultrajado. – Lucky! Você vai permitir que ele interrompa a investigação assim dessa maneira?

– Não exatamente, Bigman. Estaremos a bordo da nave Agrave lá prosseguiremos com ela.

– Não, senhor – protestou o comandante. – Você não embarcará. Não pense nisso por enquanto.

– Quem vai estar a bordo, Comandante? Você, devo supor? – perguntou Lucky .

– Eu mesmo. Panner também, como engenheiro-chefe. Dois de meus oficiais, outros cinco engenheiros, mais cinco tripulantes. Todos eles foram escolhidos já há algum tempo. Eu e Panner, como mentores responsáveis pelo projeto; os cinco engenheiros para tripular a nave; e os restantes como recompensa por seus bons serviços prestados ao projeto.

– Que tipo de serviço? – perguntou Lucky.

– O melhor exemplo dos que o Comandante está falando interveio Panner – é Harry Norrich, que ...

Bigman retesou-se, surpreso: – Você se refere ao camarada cego?

Você o conhece, então? – perguntou Panner.

– Encontramo-nos na noite passada – respondeu Lucky.

– Bem – disse Panner –, Norrich está aqui desde o começo do projeto. Perdeu a visão quando se lançou entre dois contatos de campo de força para evitar que houvesse deformação no mesmo. Passou cinco meses no hospital e a única coisa que não recuperou foi a visão. Com esse ato de bravura evitou que houvesse aqui uma explosão do tamanho de unia montanha. Salvou a vida de centenas de pessoas e o projeto também, uma vez que um acidente dessa dimensão logo no início do projeto poderia ter tomado impossível a obtenção de verbas posteriores do Congresso. Coisas desse tipo é que fazem com que alguém tenha a honra de conseguir um lugar na viagem inaugural da nave Agrav.

– É uma pena que não possa contemplar Júpiter bem de perto – disse Bigman. Então, fechou os olhos. – Como irá se movimentar a bordo da nave?

– Levaremos o Mutt, estou certo. Ele é um cão muito bem comportado.

–- É tudo que quero saber no momento – disse Bigman, calorosamente. – Se vocês, bando de safados, podem levar um cão, também terão lugar para mim e para Lucky.

O Comandante Donahue consultava impacientemente seu relógio de pulso.

Então colocou as palmas das mãos sobre a mesa como se fosse levantar-se. – Então, terminamos nossos negócios, cavalheiros.

– Não totalmente – respondeu. Lucky. – Há um pequeno ponto que quero esclarecer.

Bigman tocou no assunto de maneira áspera, mas ele está certo. Ele e eu estaremos a bordo da nave Agrav quando ela partir.

– Não – disse o Comandante Donahue. – É impossível.

– Será que o peso de mais duas pessoas impediria a decolagem da nave?

Panner soltou uma gargalhada. – Poderíamos mover uma montanha.

– Então não há espaço físico a bordo?

O comandante fitou Lucky com evidente desprazer. – Não darei explicações. Não os levarei unicamente porque tomei essa decisão. Está claro agora?

Um brilho de satisfação percorreu seus olhos e não foi difícil para Lucky concluir que ele estava fazendo um ajuste de contas pelas palavras que este lhe dissera a bordo da Shooting Starr.

– É melhor levar-nos, Comandante – disse Lucky calmamente.

Donahue deu um sorriso sardônico. – Por quê? Será que estou obrigado a obedecer ordens do Conselho de Ciência? Você não pode comunicar-se com a Terra e até lá

já estarei desobrigado dela, se assim o desejarem.

– Acho que não pensou bem sobre o caso, Comandante – disse Lucky. – Eles poderiam conceder-lhe um indulto pelo não cumprimento do dever, retroativamente, até este momento apenas. Na verdade, eu garanto que farão isso. Pelo que sei sobre os registros do Governo, até esta data, está registrado oficialmente que a nave Agrav fez seu vôo inaugural não sob seu comando, mas do seu sucessor, seja ele quem for.

Os registros de viagem foram mesmo ajustados para mostrar oficialmente que você não estava a bordo.

O Comandante Donahue ficou lívido. Levantou-se e por um momento pareceu querer agredir fisicamente Lucky.

– Que decide, Comandante? – perguntou Lucky.

A voz de Donahue soou ainda menos natural, quando disse finalmente: – Pode vir.

Lucky passou o resto do dia na sala de registros estudando os arquivos de vários homens empenhados no projeto, enquanto Bigman, sob a orientação de Panner, era levado de um laboratório a outro, para exaustivos testes de laboratório.

Somente após a ceia, quando retomaram a seus alojamentos, é que tiveram a oportunidade de ficar a sós. Lucky mantinha-se em silêncio. Nada havia de extraordinário em seu silêncio, uma vez que o jovem conselheiro nunca fora homem de muitas palavras, na maior parte das vezes, mas via-se uma pequena ruga entre

seus olhos que não passou despercebida a Bigman como um sinal seguro de ansieade.

– Não estamos fazendo nenhum progresso, não é, Lucky? disse Bigman.

– É, nada de animador, admito.

Trouxera consigo um microfilme da biblioteca do projeto, e Bigman viu de relance este título: Robótica Avançada. Metodicamente, Lucky ia passando as imagens iniciais do microfilme e as assistia, concentrado, pelo visor.

Bigman, inquieto, andava de um lado para outro, nervosamente. – Você vai ficar pendurado nesse filme, Lucky?

– Receio que sim, Bigman.

– Importa-se se eu for até o alojamento do Norrich conversar um pouco?

– Claro que não. – Lucky tinha o visar acima dos olhos, estava inclinado para trás e os braços cruzados frouxamente à altura do tórax.

Bigman fechou a porta e permaneceu por um momento ainda de pé do lado de fora da sala, um pouco nervoso. Deveria tratar disso com Lucky primeiro, sabia que essa era a atitude correta, e, entretanto, a tentação ...

Disse para si mesmo que não ia fazer nada, só confirmar algo.

Se estivesse errado, para que incomodar Lucky? Mas, se pelo contrário, as suspeitas se confirmassem, teria realmente algo importante para dizer a ele.

Imediatamente após tocar a campainha, abriu-se a porta, e lá estava Norrich com o rosto voltado fixamente na direção do umbral da porta. Estava sentado diante de uma escrivaninha sobre a qual podia-se ver um tabuleiro de xadrez projetado com figuras bizarras.

Sim? – exclamou.

É Bigman – disse o pequeno marciano.

Bigman Entre, Sente-se. O Conselheiro Starr veio com você?

A porta fechou-se novamente, e Bigman olhou ao redor, o quarto muito bem iluminado.

Comprimiu os. lábios. ·-Ele está ocupado. Quanto a mim, passei o dia todo absorvido com o Projeto Agrav. O Dr. Panner mostrou-me em detalhes. toda a estrutura dele. Só há uma coisa que não consigo entender.

Norrich sorriu. – Você não faz parte da minoria, exatamente, mas se deixar a matemática de lado, uma parte disso não será difícil de entender.

– Não? Importa-se de explicá-Ia então? – Bigman sentou-se numa enorme cadeira curvando-se em seguida para dar uma espiada debaixo da bancada de trabalho de .Norrich. Mutt lá estava com a cabeça entre as patas, seus olhos brilhantes fitavamno fixamente.

Mantenha-o falando, pensou Bigman. Mantenha-o falando até que eu calcule um furo, ou faça algum.

– Olhe aqui – disse Norrich. Levantou uma das fichas arredondadas do jogo, que estivera segurando até então. – A gravidade é uma forma de energia. Um objeto, como esta peça que estou segurando, e que está sob influência de um campo gravitacional, mas não tem condições de mover-se, diz-se que tem uma energia potencial.

Se eu a soltasse, entretanto, essa energia potencial seria convertida em movimento ... ou energia cinética, como é chamada. Uma vez que continua sob a influência do campo gravitacional à medida que cai, sua velocidade tenderá a aumentar sempre mais e mais. Nesse momento, deixou cair a ficha de jogo.

– Vai bater agora – disse Bigman. A ficha arredondada bateu no piso e saiu rolando.

Norrich curvou-se como se fosse apanhá-Ia novamente e então falou: – Poderia pegá-Ia para mim, Bigman? Não sei bem para onde foi.

Bigman reprimiu seu desapontamento. Pegou-a e devolveu-a a Norrich.

Norrich falou: – Até recentemente era a única coisa que podia ser feita com a energia potencial – disse Norrich. – Podia ser convertida em energia cinética. É claro que a energia cinética pode ser utilizada posteriormente. Por exemplo, a água que é despejada pelas cataratas do Niágara pode ser usada para gerar eletricidade, mas isso é algo diferente. No espaço, a gravidade resulta em movimento e isso representa o fim dela.

– Considere o sistema de luas de Júpiter. Estamos em Júpiter Nove, longe, no caso.

A vinte e quatro milhões de quilômetros de distância . Com relação a Júpiter, temos uma quantidade de energia potencial tremenda.· Se tentarmos alcançar Júpiter Um, o satélite Io, que está a quatrocentos e sessenta mil quilômetros de Júpiter somente, estaremos de certo modo caindo todos aqueles milhões de quilômetros. Atingiremos velocidades formidáveis contra as quais teremos sempre que retroagir continuamente através de propulsão, no sentido oposto, com um motor hiper-atômico Isso exige uma tremenda energia. Então, se nos afastarmos um pouco que seja de nossa rota, estaremos no constante perigo de continuar caindo e, nesse caso, só há um lugar para onde ir, e esse lugar é Júpiter – que representa morte instantânea. Então, mesmo que aterrissemos a salvo em Io, existe o problema de como conseguir voltar a Júpiter Nove, o que significa erguer-nos ao longo de todos aqueles milhões de quilômetros contra a gravidade de Júpiter. A quantidade da energia exigida para manobrar a nave por entre as luas de Júpiter é absolutamente proibitiva.

– E o Agrav? – perguntou Bigman.

– Ah! Isso já é algo diferente. Desde que você use um conversor Agrav, a energia potencial pode ser convertida em formas de energia diferentes da energia cinética.

No corredor Agrav, por exemplo, a força de gravidade, numa direção, é utilizada para carregar o campo gravitacional na direção oposta, enquanto cai. Aqueles que caem numa dada direção fornecem a energia para pessoas que fazem um trajeto oposto ao seu. Através dessa forma de drenagem de energia, você, enquanto cai, não precisa acelerar. Pode fazer sua queda livre em qualquer velocidade inferior à velocidade verdadeira. Percebe?

Bigman não estava totalmente certo de que entendera tudo, mas respondeu:

– Continue.

– No espaço é diferente. Não existe um segundo campo gravitacional para mudar a direção da energia. Ao invés disso, ela é convertida num campo hiper-atômico de energia armazenada. Fazendo isso, uma espaçonave pode partir de Júpiter Nove em direção a Io, a qualquer velocidade que seja inferior à velocidade natural da queda sem necessidade de usar nenhum tipo de energia para desacelerar. Virtualmente, não há nenhum dispêndio de energia, exceto aquela exigida para o ajustamento final à velocidade orbital de Io. Por outro lado, a segurança é completa, já que a nave permanece durante todo esse tempo sob perfeito controle. A gravidade de Júpiter poderia ser completamente anulada, se necessário.

– Retomar a Júpiter, então, iria consumir energia. Não há nenhuma fonte ao redor.

Mas agora você pode utilizar a energia previamente armazenada no condensador hiper-atômico de campo gravitacional para trazê-lo de volta. A energia do próprio campo gravitacional de Júpiter é usada para impulsioná-Ia de volta.

– Isso me parece bom – comentou Bigman. Contorceu-se em seu assento. Não estava conseguindo nada. Subitamente perguntou: – O que é isso em sua escrivaninha?

– Um jogo de xadrez – respondeu Norrich. – Você sabe jogar?

– Mais ou menos – confessou Bigman. – Lucky ensinou-me, mas não tem graça jogar com ele. Ele sempre ganha. – Então perguntou repentinamente: – Como você pode jogar xadrez?

– Perguntou isso porque sou cego?

– Hã ...

– Tudo bem. Mas o fato de eu ser cego não me impede de jogar – É muito fácil de explicar. Este tabuleiro é magnetizado e as peças são feitas de uma liga magnética leve, de forma que ficam seguras onde são colocadas e não caem se por acaso eu, por descuido, bater nelas com o braço. Venha, tente esta, Bigman.

Bigman pegou uma das peças. Esta subiu como se estivesse grudada em melado por meio centímetro, mais ou menos, e então soltou-se.

Viu? – disse Norrich. – Não são peças comuns de xadrez. São mais parecidas com damas – grunhiu Bigman.

Vou tentar novamente sem derrubá-Ias. Elas não são totalmente chatas, contudo.

Possuem desenhos salientes que posso identificar facilmente com um simples toque e que lembram as peças comuns de xadrez o bastante para que outras pessoas possam aprender e jogar comigo. Veja você mesmo.

Bigman não sentiu nenhuma dificuldade. O círculo de pontos salientes era obviamente a rainha, enquanto que a pequena cruz ao centro de uma outra peça representava o rei. As peças que tinham ranhuras inclinadas transversais eram os bispos, o círculo elevado de quadrados, as torres, as orelhas de cavalo levantadas eram os cavaleiros, e os botões simples arredondados, os peões.

Bigman viu-se impedido de participar do jogo. Reclamou: – Mas o que é que está

fazendo? Jogando sozinho?

– Não, resolvendo um problema. Com as peças dispostas como estão, existe para as brancas uma única maneira de ganhar a partida em três lances, e é isso que procuro descobrir.

– Como pode distinguir uma branca de outra preta? – perguntou Bigman.

Norrich ·sorriu. – Se olhar com mais atenção, verá que as peças brancas têm uma ranhura ao longo das bordas, enquanto que as pretas não.

– Oh! Então terá que lembrar onde estão todas as peças, não é?

– Isso não é difícil – respondeu Norrich. – Isso soa como se você precisasse ter uma memória fotográfica, mas na verdade tudo que tenho de fazer é passar minha mão sobre o tabuleiro e verificar as peças a qualquer momento. Você irá perceber que os quadrados são demarcados por pequenas ranhuras, também.

Bigman sentiu faltar-lhe a respiração. Esquecera-se dos quadrados no tabuleiro de xadrez, e eles eram assinalados com pequenas ranhuras. Sentiu-se como se estivesse ele mesmo participando do jogo, numa partida em que estava perdendo feio.

– Importa-se se eu observar? – perguntou prontamente – Quem sabe eu possa descobrir a jogada certa.

– Pode tentar – disse Norrich. Espero que consiga. Passei uma meia hora tentando e estou começando a desistir.

Durante um minuto ou mais fez-se silêncio, e então Bigman levantou-se, seu corpo tenso movia-se felino no esforço de não fazer barulho. Tirou uma pequena lanterna do bolso e caminhou em direção à parede em pequenos movimentos. Norrich nem sequer mudara de posição, arqueado que estava sobre o tabuleiro de xadrez. Bigman olhou de relance para Mutt, mas este também não fez um movimento sequer.

Bigman alcançou a parede e, respirando com dificuldade, colocou uma das

mãos, levemente e sem ruídos, tapando o facho de luz da lanterna. Imediatamente a luz do aposento foi apagada e tudo ficou em profunda escuridão.

Bigman recordou a direção em que estava a poltrona de Norrich.

Levantou o facho de luz da lanterna.

Ouviu um golpe surdo e então a voz surpresa de Norrich indagando com evidente desprazer: – Por que apagou a luz, Bigman?

–Ora vejam! – gritou Bigman em triunfo. Deixou que o facho de luz permanecesse focalizado diretamente no rosto de Norrich. – Você não é cego, é um espião.

• 9 •
A Nave Agrav

– Não sei o que está fazendo, mas, pelo Espaço, homem, não faça nenhum movimento brusco ou faço Mutt cuidar de você! – gritou Norrich.

– Você sabe exatamente o que estou fazendo – disse Bigman – porque você pode enxergar o bastante para ver que estou sacando minha pistola de agulhas, e acho que já ouviu falar que tenho uma pontaria mortal. Se o seu cão fizer um só movimento na minha direção, é o fim da linha pra ele.

– Não fira o Mutt, por favor!

Bigman foi tomado de surpresa pela súbita angústia no tom de voz do outro.

– Mantenha-o quieto e venha comigo, e ninguém será ferido – disse. – Vamos falar com Lucky. E se encontrarmos alguém no corredor, não diga nada mais que um "bom dia". Estarei bem atrás de você, não se esqueça.

– Não posso ir sem o Mutt.

– É claro que pode – disse Bigman. – São só cinco passos até o corredor. Mesmo que você fosse realmente cego, poderia ir. É capaz de montar 3-Ds e outras coisas complicadas, não é verdade?

Ao ruído da porta se abrindo, Lucky levantou o visor da cabeça. – Bom dia, Norrich.

Cadê o Mutt?

– O Mutt está no quarto do Norrich e ele não precisa dele – interveio Bigman. – Pelas Areias de Marte, Lucky, o Norrich é tão cego quanto nós!

– O quê?

Norrich começou a falar: – Seu amigo está redondamente enganado, Sr. Starr. Quero dizer. ..

– Cale a boca! Eu falo e, só quando eu lhe pedir, pode fazer algumas observações – atalhou rispidamente Bigman.

Lucky cruzou 'os braços. – Se não se importa, Sr. Norrich, eu gostaria de ouvir o que Bigman tem a dizer. E enquanto isso, Bigman, suponho que vai afastar essa pistola de agulhas.

Bigman atendeu ao pedido resmungando. – Olhe, Lucky – disse _. suspeitei desse trapaceiro desde o começo. Aqueles 3-Ds que ele faz deixaram-me intrigado. Era bom demais. Comecei imediatamente a supor que ele poderia ser o espião.

– É a segunda vez que me chama de espião – gritou Norrich.

– Não vou tolerar isso.

– Escute, Lucky – disse Bigman, ignorando o berro de Norrich –, seria uma jogada muito inteligente ter um espião que todos julgassem cego. Ele poderia ver

muitas coisas e ninguém desconfiaria. Ninguém esconderia coisas ou fatos. Não iriam precaver-se. Poderia ver bem de perto um documento vital e, mesmo assim, pensariam: – É só o coitado do Norrich. Coitado, não enxerga. – Ninguém perderia tempo com ele.

Seria um disfarce perfeito!

Norrich assistia a tudo mais atônito do que nunca. – Mas eu sou cego. Se é pelos 3Ds ou por causa do jogo de xadrez, eu já expliquei ...

– Oh! Claro, explicou – disse Bigman com desprezo. – Você treinou isso durante anos a fio. Mas por que precisa ficar em seu quarto de luzes acesas? Quando eu entrei, Lucky, há uma meia hora atrás, as luzes estavam acesas. E não foi por que eu chegara, não. O interruptor estava muito longe de onde ele estava sentado. Por quê?

– Por que não? – interveio Norrich. – Para mim tanto faz se as luzes estão ou não acesas, portanto poderiam muito bem ficar acesas, enquanto eu estivesse de pé, para conveniência daqueles que . vêm visitar-me, como você, por exemplo ...

– Está bem – disse Bigman. -Isso prova como tem uma resposta na ponta da língua para tudo, prova como pode jogar xadrez, identificar as peças, tudo. Houve um momento em que ele quase se esqueceu da sua farsa; foi quando deixou cair ao chão uma das peças do jogo e ainda curvou-se para apanhá-Ia quando lembrou, bem a tempo, e pediu-me para juntá-Ia.

– Normalmente – disse Norrich – posso dizer o lugar onde caiu alguma coisa apenas pelo barulho que ouço. Essa peça rolou.

– Continue explicando – disse Bigman. – Isso não iria ajudá-lo muito porque há algo que não poderá explicar. Lucky, eu ia testá-lo; ia apagar as luzes e focalizar minha lanterna de bolso, com sua luz mais intensa, diretamente nos olhos dele. Se não fosse cego, seria forçado a desviar a vista, ou, de alguma forma, piscar os olhos. Eu teria certeza de tê-lo descoberto. Mas nem mesmo precisei ir tão longe. Assim que apaguei a luz, o imbecil esqueceu-se de si mesmo e perguntou por que eu havia apagado as luzes ... Como soube que eu apagara as luzes, Lucky? Como ele soube?

– Mas ... – Norrich tentava explicar-se.

Bigman novamente atalhou: – Ele pode sentir peças de xadrez e quebra-cabeças 3-Ds, mas não pode sentir a luz apagando-se. Teria que ver isso.

– Acho que já é tempo de permitir que o Sr. Norrich diga alguma coisa – disse Lucky.

– Obrigado- agradeceu Norrich. – Posso ser cego, Conselheiro, mas meu cachorro não o é. Quando desligo as luzes à noite, não faz nenhuma diferença para mim, como eu disse antes, mas para o Mutt, isso indica que é hora de dormir, e ele vai para seu próprio canto. Agora devo dizer que ouvi muito bem Bigman andando na ponta dos pés, para o lugar onde fica o interruptor. Ele procurou não fazer ruídos,

mas um homem como eu, que está acostumado à cegueira, há sete anos, pode perceber claramente o mais leve ruído. Um instante depois percebi que havia parado de andar e ouvi o Mutt pular para seu cantinho. Não precisei fazer muito esforço para saber o que acontecera. Bigman estava de pé junto ao interruptor enquanto Mutt ajeitava-se para dormir. Obviamente ele apagara as luzes.

O engenheiro virou-se, primeiro na direção de Bigman, e então para Lucky, como se seus ouvidos suplicassem por uma resposta.

– Sim, é verdade. Parece-me que lhe devemos uma desculpa – disse Lucky.

Bigman, rosto semelhante ao de um duende, contorceu-se numa clara demonstração de desapontamento. – Mas Lucky ...

Lucky meneou a cabeça. – Tire isso da cabeça, Bigman! Nunca teime em manter uma teoria depois de ter sido desacreditada. Espero que compreenda, Sr. Norrich, que Bigman fez só aquilo que achou seu dever fazer.

– Seria mais correto ele ter-me feito algumas perguntas antes de fazer o que fez – disse Norrich, glacial. – Agora posso ir? Importam-se?

– Pode ir. Peço-lhe como um oficial, todavia, a gentileza de não mencionar o ocorrido a ninguém. Isso é muito importante.

– Tudo aconteceu como uma falsa prisão, eu compreendo, mas vamos esquecer isso. Não tocarei mais nesse assunto – disse Norrich. Caminhou em direção da porta, alcançou o umbral e tateando um pouquinho, foi-se embora.

Bigman imediatamente virou-se para Lucky e disse: – Foi uma farsa. Você não deveria tê-lo deixado partir.

Lucky estava com o queixo apoiado na palma da mão direita, seus olhos castanhos serenos estavam absortos – Não, Bigman, ele não é o homem que estamos procurando.

– Mas tem de ser ele, Lucky. Mesmo sendo realmente cego, é um argumento contra ele. Tenho certeza, Lucky – afirmou Bigman novamente excitado, suas mãos pequenas de punhos cerrados. – Ele poderia ter estado junto da rã-V sem vê-Ia. Poderia tê-la matado.

Lucky meneou a cabeça. – Não, Bigman. A influência mental das rãs-V não depende do fato de serem ou não vistas. É um contato mental direto. É alguma coisa que não conhecemos ainda – disse lentamente. – Teria de ser um robô para consegui-lo. Tenho certeza, e Norrich não é um robô.

– Bem, como pode ... Bigman não completou a frase.

– Vejo que respondeu à sua própria pergunta. Captamos suas emoções durante o nosso primeiro encontro, quando a rã-V ainda estava conosco. Ele tem emoções, logo não é o robô, e por conseguinte, não é o homem que estamos procurando.

Mas, falando assim, havia sinais de profunda preocupação em seu rosto e

deixou de lado o microfilme sobre robótica avançada como se tivesse perdido todas as esperanças de nele encontrar algo que pudesse ajudá-Ia.

A primeira espaçonave Agravem construção era chamada jovian moon (Lua de Júpiter)

e não era parecida com nenhuma nave que Lucky vira até então. Esta era grande o bastante para ser um luxuoso transatlântico espacial, mas os alojamentos dos passageiros e da tripulação eram comprimidos na seção de proa de forma um tanto anormal, uma vez que nove décimos do volume da nave consistiam do conversor Agrav e dos condensadores de campo de força hiper-atômicos A partir da seção mediana da nave, aletas curvas, armadas em asas que davam a vaga lembrança de serem asas de morcego, estendiam-se de ambos os lados. Cinco de um lado, cinco do outro. Dez ao todo.

Lucky dissera que aquelas aletas, ao interceptar as linhas de força do campo gravitacional, transformavam a gravidade em energia hiper-atômica; elas eram bastante prosaicas, e além disso davam um ar quase sinistro à nave.

Nesse momento a nave estava estacionada em seu hangar no centro de uma depressão gigantesca que penetrava Júpiter Nove. A porta retrátil desse abrigo de concreto armado fora recolhida e toda a área estava agora sob a gravidade normal de Júpiter Nove e ao vácuo existente em sua superfície.

Jamais, em qualquer outra oportunidade, todo o pessoal integrante do projeto, cerca de mil homens, fora reunido neste anfiteatro natural. Lucky nunca vira antes tantos homens vestidos em trajes espaciais. Havia certa excitação natural pela ocasião; uma quase histeria, que se traduzia em brincadeiras rudes que a fraca gravidade do satélite ensejava.

É um daqueles homens vestidos de trajes espaciais; não é um ser humano normal, pensou Lucky sombriamente.

Mas qual deles? Como saberemos?

O Comandante Donahue fez seu breve discurso dedicado a um grupo de homens que se mantiveram em silêncio, impressionados a despeito de si mesmos; enquanto Lucky, contemplando Júpiter, fixou seu olhar num pequeno objeto próximo a ele que não era uma estrela, mas uma minúscula faísca de luz, de forma lunular, quase tão diminuta que sua curva não podia ser vista. Se houvesse qualquer percentual de ar na direção, ao invés do vácuo de Júpiter Nove, a pequena curva poderia transformar-se num ponto de luz sem uma configuração definida Lucky reconheceu a minúscula forma lunular como sendo Ganimedes, Júpiter Três, o maior satélite e lua de enorme valor para o planeta gigante. Tinha quase três vezes o tamanho da Lua da Terra; era maior que o planeta Mercúrio. Era quase tão grande quanto Marte. Com a frota Agrav completa, Ganimedes poderia facilmente tornar-se o maior mundo do sistema solar.

O Comandante Donahue formalmente batizou a nave, com Urna voz rouca de emoção, e então os homens que estavam ali reunidos, em grupos de cinco e seis, retomaram ao interior repleto de ar do satélite através de várias portas.

Somente aqueles que estariam a bordo da jovian moon permaneceram. Um após o outro subiram a rampa da entrada principal, o Comandante Donahue à frente.

Lucky e Bigman foram os últimos a entrar a bordo da nave.

O Comandante Donahue, assim que os viu entrar, afastou-se da entrada de ar, de forma ríspida e inamistosa.

Bigman inclinou-se na direção de Lucky para dizer de forma mordaz: – Você reparou, Lucky, que Red Summers está a bordo?

– Eu sei.

– É o patife que tentou matá-lo.

– Eu sei, Bigman.

Nesse instante, a nave levantava vôo de forma majestosa, a princípio lentamente.

A gravidade da superfície de Júpiter Nove era apenas um oitavo da gravidade da Terra, e embora o peso da espaçonave fosse de apenas algumas centenas de toneladas, essa não era a causa da lentidão inicial. Mesmo que não houvesse nenhuma gravidade, ainda assim a nave manteria o seu conteúdo total de matéria e toda a inércia referente a ela. Seria ainda tão difícil transformar toda essa matéria em movimento quanto, se porventura ela chegasse a isso, pará-Ia ou mudar sua rota de viagem, uma vez que começara a deslocar-se.

A princípio lentamente, depois mais e mais rapidamente, a depressão foi deixada para trás. Júpiter Nove reduzira-se de tamanho abaixo deles e tornara-se visível nas visitelas como urna rocha grosseira cinzenta. As constelações polvilhavam o céu negro e Júpiter era como uma estrela de mármore brilhante.

James Panner aproximou-se deles e colocou os braços no ombro de. cada um dos homens. – Poderiam os gentis cavalheiros acompanhar-me à minha cabina para a refeição?

Não haverá nada que se possa ver por enquanto daqui da sala de observação.

– Sua boca enorme abriu-se num arremedo de sorriso que fez suas cordas vocais saltarem e seu pescoço parecia não ser realmente um pescoço, mas uma simples continuação da cabeça.

– Obrigado – disse Lucky. – É muita gentileza sua.

– Bem – disse Panner – , o Comandante não vai ainda, e os homens estão um pouco ressabiados com você, também. Não quero que fique muito sozinho. Será uma longa viagem.

– Você não está chateado comigo, Dr. Panner? – perguntou Lucky secamente.

– É claro que não. Você testou-me, lembre-se, e fui inocentado.

A cabina de Panner era tão pequena que mal comportava três.

Era óbvio que os alojamentos, nesta primeira nave Agrav, foram dispostos de maneira tão amontoada quanto o talento da engenharia pôde fazer. Panner abriu as três latas de ração de bordo, a comida concentrada que era universalmente consumida em naves espaciais. Para Bigman e Lucky aquilo tudo parecia-lhes sua própria casa; o cheiro das rações aquecidas, a sensação de paredes superlotadas fora dos quais havia o infinito vazio do espaço e, ressoando através dessas paredes, ouvia-se o zumbido constante dos motores hiperatômicos convertendo energia do meio em empuxo direcional ou, apenas, fornecendo energia para o consumo interno da nave.

Se se pode ·dizer que alguma vez a crença antiga na "música das esferas" tornouse realidade, esse momento poderia ser considerado literalmente verdadeiro, no zumbido hiper-atômico que era algo essencial para um vôo espacial.

– Passamos agora o limite de atração de Júpiter Nove, o que significa que poderemos seguir uma rota próxima à órbita do satélite, a qual não apresentará perigo de cairmos de volta à sua superfície – disse Panner.

– Isso quer dizer que estamos em queda livre rumo a Júpiter -retrucou Lucky.

– Sim, com vinte e quatro milhões de quilômetros à nossa frente. Já que atingimos velocidade suficiente para termos sucesso, mudaremos os controles para Agrav.

Tirou um relógio do bolso enquanto falava. Era um disco grande de metal brilhante e inexpressivo. Premiu um botão pequeno e números luminosos surgiram no mostrador. Uma linha brilhante branca traçou um círculo em sua volta, tomando-se vermelha num arco completo até que a cor vermelha completou o círculo e o arco novamente tornou-se branco.

– Está programada a ativação do Agrav assim tão cedo? perguntou Lucky.

– Não irá demorar muito – disse Panner. Colocou o relógio sobre a mesa, e comeram silenciosamente.

Panner levantou o relógio novamente. – Em pouco menos de um minuto. Tudo deverá

ser completamente automático. – Embora o engenheiro-chefe falasse com bastante calma, a mão que portava relógio tremeu ligeiramente.

Panner disse: – Agora. – E fez-se silêncio. Completo silêncio.

O zumbido dos motores hiper-atômicos parara. Toda a energia que mantinha as luzes da nave acesas e seu campo pseudo-gravitacional em funcionamento eram agora provenientes do campo gravitacional de Júpiter Nove.

Panner vibrou: – Na mosca! Perfeito! – Afastou o relógio e apesar do sorriso largo, familiar, seu rosto estava contraído, como a clamar por ajuda. – Estamos realmente a bordo de uma nave Agrave em plena operação Agrav.

Lucky também sorria. – Parabéns! Estou feliz por estar a bordo. – Imagino que esteja.

Deu um duro danado para conseguir isso. Pobre Donahue.

– Lamento ter importunado tanto o Comandante, mas eu não tinha escolha – disse Lucky gravemente. De uma maneira ou de outra, tinha de estar a bordo.

Os olhos de Panner comprimiram-se ante a súbita gravidade na voz de Lucky – Tinha de estar?

–Tinha de estar! Tenho a impressão de que é quase certo que a bordo desta nave, neste momento, está o espião que estamos procurando.

• 10 •
Nos Compartimentos Vitais da Nave

– Por quê? – perguntou Panner, estupefato.

– Os sirianos iriam certamente querer saber como funciona realmente a espaçonave.

Se seu método de espionagem é perfeitamente seguro, como até agora tem sido, por que não dar continuidade a ele a bordo da nave?

– O que você está dizendo então é que um dos quatorze homens que estão a bordo da jovian moon é um robô?

– É exatamente o que quero dizer.

– Mas os homens que estão a bordo da nave foram escolhidos há muito tempo.

– Os sirianos saberiam as razões pelas quais foram escolhidos e os critérios de escolha exatamente como sabem tudo mais a respeito do projeto e poderiam tomar providências no sentido de fazer com que seu robô humanoide fosse escolhido.

Isso dando-se-lhes bastante crédito – resmungou Panner. Admito isso – disse Lucky. – Há uma alternativa.

– Qual é?

– A de que o robô humanoide seja um passageiro clandestino a bordo.

– Muito improvável – disse Panner.

– Mas bem plausível. Ele poderia muito bem ter entrado a bordo facilmente, antes do Comandante fazer seu discurso de batismo da nave. Tentei observá-Ia naquele momento, mas foi impossível. Além disso, nove décimos dela parecem-me ser constituídos de compartimentos do motor, portanto deve haver bastante dependências para alguém se esconder.

Panner refletiu sobre o fato. – Não tantos compartimentos quanto imagina.

– Ainda devemos empreender uma busca em toda a nave. Você gostaria de ajudarnos, Dr. Panner?

– Eu?

– Certamente. Como engenheiro-chefe, você poderia nos colocar a par de tudo aquilo que existe no interior da casa das máquinas, coisa que conhece melhor que ninguém. Iremos com você.

– Esperem. Seria perda de tempo.

– Se não há nenhum clandestino, Dr. Panner, já temos algum ponto a nosso favor.

Teremos a certeza de que poderemos limitar nossa atenção-aos homens que

estão legalmente a bordo da nave.

– Só nós três?

– De quem poderíamos esperar ajuda confiável quando sabemos que qualquer um a quem perguntemos algo pode ser o robô que estamos procurando? – disse Lucky calmamente. – Não prolonguemos mais este assunto, Dr. Panner. Quer ajudar-nos a fazer uma busca pela nave? Peço sua ajuda na condição de membro do Conselho de Ciência.

Relutantemente Panner acompanhou-o. – Supondo que tenho essa obrigação, então.

Subiram com dificuldade apoiando as mãos nos suportes da coluna estreita que conduzia ao nível do primeiro motor. A iluminação era atenuada e naturalmente indireta, de forma que não havia sombras projetadas de ambos os lados das enormes estruturas.

Não havia qualquer tipo de som, nem o mais leve zumbido que indicasse atividade ou mostrasse as forças imensas que estavam sendo utilizadas. Bigman olhava em volta receoso por não ver nada que lhe parecesse familiar: nada tinha a menor semelhança com o equipamento de uma nave vulgar, como, por exemplo, a Shooting Starr.

– Tudo funciona com perfeição – disse.

. Panner assentiu com a cabeça e murmurou: – é tudo tão automático quanto possível.

A necessidade de interferência humana foi reduzida ao mínimo.

– E quanto a consertos?

– Não haverá necessidade deles – respondeu o engenheiro inflexivelmente. – Temos circuitos alternados e equipamentos duplos em cada um dos estágios, todos eles permitindo uma substituição automática no caso de avaria.

Panner seguiu em frente, guiando-os através das aberturas estreitas, porém sempre caminhando como se a qualquer momento alguém ou algo desconhecido fosse aparecer à sua frente.

Metodicamente, nível por nível, caminhando da coluna central ao longo dos canais laterais, Panner verificava cada área dos compartimentos, por menor que fosse, com a experiência de um perito.

Eventualmente chegaram até a metade da seção inferior, onde estavam alojados os enormes jatos da cauda através dos quais as forças hiper-atômicas telúricas (quando a nave estava em vôo normal) exerciam pressão para trás a fim de impulsionar à frente a espaçonave.

De dentro da nave os jatos de teste mostravam-se como quatro tubos lisos, cada um duas vezes mais grosso que um homem, penetrando na estrutura da nave e terminando em estruturas enormes que abrigavam os motores hiper-atômicos – Ei!

Os jatos! Dentro deles! – exclamou Bigman. – Não – disse Panner.

– Por que não? Um robô poderia muito bem esconder-se lá dentro. É espaço sideral, mas o que é isso para um robô?

– Jatos hiper-atômicos – respondeu Lucky. – Poderiam estar cheios demais para ele, e houve vários jatos até uma hora atrás. Não, os jatos estão descartados.

– Bem –, disse Panner – então não há ninguém em nenhuma parte dos compartimentos das máquinas. Nada mesmo.

– Tem certeza?

– Sim. Não há um lugar que não tenhamos verificado, e o caminho que seguimos torna impossível que qualquer coisa tenha passado despercebida.

Suas vozes produziam ecos breves no interior das colunas detrás deles.

– Pelas Areias de Marte, isso nos deixa com os quatorze membros da tripulação – disse Bigman.

– Menos que isso – retrucou Lucky pensativamente. – Três dos homens a bordo da nave revelaram ter emoções: o Comandante Donahue, Harry Norrich e Red Summers, o que faz sobrarem apenas onze.

– Não se esqueça de mim – observou Panner. – Desobedeci a uma ordem. Isso faz com que restem dez.

– O que nos leva a uma pergunta interessante – disse Lucky.

– Sabe algo de robótica?

– Eu? – perguntou Panner. – Nunca lidei com um robô em minha vida.

– Exatamente – disse Lucky – Nós, terráqueos, inventamos o robô positrônico e ainda desenvolvemos-a maioria dos aperfeiçoamentos e, salvo poucos especialistas, os técnicos da Terra nada conhecem de robótica, simplesmente porque não usamos robôs em nenhuma área de importância. Não é ensinado nas escolas, e não se transforma em prática. Eu mesmo conheço apenas as Três Leis e nada mais. O Comandante Donahue nem mesmo soube enunciá-las. Os sirianos, por outro lado, com uma economia saturada pela robotização, devem ser atualmente mestres consumados em todas as sutilezas da robótica.

– Passei grande parte do dia de ontem e de hoje estudando um microfilme sobre robótica avançada que achei na biblioteca do projeto. Por falar nisso, era o único livro sobre o assunto.

– Portanto? – fez Panner.

– Tomou-se óbvio para mim que as Três Leis não são assim tão simples quanto parecem ... por falar nisso ... continuemos. Em nosso retorn, podemos fazer nova verificação nos níveis do motor – Enquanto falava, caminhava através do nível mais baixo, olhando com vivo interesse em volta.

Lucky prosseguiu: – Por exemplo, eu poderia pensar que seria preciso apenas dar uma ordem ridícula a cada um dos homens a bordo da nave e verificar se

eles a obedeceriam.

Para ser sincero, realmente pensei nisso. Mas, não é necessariamente verdade.

É teoricamente possível ajustar o cérebro positrônico de um robô para obedecer apenas àquelas ordens que naturalmente fazem parte das suas obrigações. As ordens que são contrárias às suas obrigações ou irrelevantes para eles, assim mesmo podem ser obedecidas conquanto sejam precedidas de determinadas palavras que atuem como código ou pela pessoa que dê as ordens identificando-se de algum modo.

Dessa maneira um robô pode ser manipulado de todas as maneiras por seus devidos operadores e ainda ser insensível a estranhos.

Panner, que colocara as mãos em apoios que possibilitavam a subida para o nível superior seguinte, largou-os. Virou-se para olhar Lucky .

– Quer dizer então que quando você me pediu para tirar a camisa e não obedeci, isso não representa nada?

– Digo que poderia não ter representado nada, Dr. Panner, já que tirar a sua camisa naquela ocasião não fazia parte dos seus deveres normais, e minha ordem pode ter sido dada de forma imprópria.

– Então está me acusando de ser um robô?

– Não. Provávelmente não o é. Os sirianos, ao escolher algum membro do projeto para substituir por seu robô, dificilmente escolheriam o engenheiro-chefe. Para o robô executar essa tarefa de maneira adequada, teria que conhecer assuntos de uma maneira que os sirianos não tivessem condições eles mesmos de saber tais coisas.

Ou, se pudessem, não teriam necessidade alguma de espionagem.

– Obrigado – disse Panner, de maneira azeda, segurando-se novamente nos apoios de mão, mas a voz de Bigman fez-se ouvir outra vez.

– Espere, Panner – O pequeno marciano já empunhava sua pistola de agulhas. – Espere um minuto, Lucky, como podemos saber que ele conhece algo sobre o Agrav?

Estamos apenas considerando que sabe. Ele nunca demonstrou qualquer conhecimento.

Quando a jovian moon começou a operar em Agrav, onde estava ele? Sentado displicentemente em seu alojamento conosco, era lá que estava.

– Pensei nisso também, Bigman – disse Lucky – e essa é uma das razões pelas quais trouxe Panner até aqui. Ele obviamente está familiarizado com motores. Observei-o inspecionando tudo e ele não poderia ter feito isso com toda segurança demonstrada se não fosse um perito nesse tipo de operações.

– Isso basta para você, marciano? – perguntou Panner com ódio contido.

Bigman afastou sua pistola de agulhas, e sem mais uma palavra Panner subiu com dificuldade a escada.

Pararam no nível seguinte, para começar a segunda parte de sua investigação.

– Correto, isso deixa dez homens: dois oficiais do exército, quatro engenheiros, quatro operários. O que sugere fazer? Submetê-los separadamente ao raio X? Algo assim? – perguntou Panner.

Lucky balançou a cabeça. – Seria arriscado demais. Aparentemente os sirianos têm sabido empregar um truque muito engenhoso para proteger-se. Têm sabido usar robôs para transportar mensagens ou realizar tarefas nas quais o indivíduo dá as ordens que devem ser mantidas em segredo. Agora, no caso, é claro que um robô não pode manter um segredo se um humano o questionar a respeito, da maneira adequada, para que ele o revele. O que os sirianos fazem nesse caso é instalar um dispositivo explosivo no robô, o qual é acionado mediante qualquer tentativa no sentido de obrigar o robô a revelar o segredo.

– Você quer dizer que se submeter um robô ao raio X ele explodirá?

– Haveria muitas chances de que isso acontecesse. Seu maior segredo é sua identidade, e eles podem ser destruídos se houver qualquer tentativa de descobri-los, pois isso implicaria os sirianos. Eles não contavam com a rã-V; não havia nenhum tipo de dispositivo acionador para isso. Tiveram que transmitir uma ordem diretamente ao robô para matá-Ia. Ou, de algum modo, devem ter optado por isso a fim de manter o robô incógnito.

– O robô não poderia ferir seres humanos que estivessem por perto em caso de explosão?

Não estaria ele desobedecendo à Primeira Lei? – perguntou Panner com um toque de sarcasmo.

– Isso não seria uma desobediência. Ele não teria controle algum sobre a explosão.

O acionamento poderia ser o resultado do som de certa pergunta ou a visão de determinada ação, e não consequ¨.ncia de qualquer coisa que ele mesmo pudesse ter feito.

Subiram com certa dificuldade para mais um outro nível.

– Então o que tenciona fazer, Conselheiro? – inquiriu Panner.

– Não sei – respondeu Lucky com franqueza. – Devemos fazer com que o robô denuncie-se de algum modo. As Três Leis, entretanto, devem aplicar-se já modificadas e adaptadas. É apenas uma questão de estar suficientemente familiarizado com robótica para saber como tirar proveito dessas leis. Se eu soubesse como forçar um robô a fazer algo que revelasse sua condição não-humana sem ativar seu dispositivo explosivo ... se eu pudesse usar as Três Leis de forma a induzi-lo irreversivelmente entrar em conflito com relação a elas, a fim de paralísá-lo

completamente; se eu ...

Panner interveio impacientemente: – Bem, se espera a minha ajuda, Conselheiro, desista. Já lhe disse antes que não sei nada de robótica. – Voltou-se rapidamente. – Que foi isso?

Bigman olhou ao redor também. – Não ouvi nada.

Sem dizer uma palavra, Panner apertou-se atrás deles abaixando-se através do tubo metálico curvado de ambos os lados.

Foi o mais longe que pôde, os outros dois acompanhando-o, quando praguejou:

– Alguém deve ter-se metido entre os retificadores. Deixem-me passar de novo.

Lucky fitou, carrancudo, o interior do que lhe parecia uma floresta de cabos enrolados por toda a parte que os colocava praticamente num beco sem saída.

– Parece claro para mim – disse Lucky.

– Podemos testá-los para termos a certeza – disse Panner firmemente. Abriu um painel que havia na parede junto a eles e cautelosamente alcançou-o, olhando por cima dos ombros.

– Não se mexam – disse.

– Não aconteceu nada. Não há nada aqui – falou Bigman desafiadoramente.

Panner mostrou-se à vontade. – Sei disso. Pedi que não se mexessem porque não queria retalhar um braço quando ligasse o campo de força.

– Que campo de força?

– Preparei um campo pequeno de força através do corredor.

Vocês não podem movimentar-se muito além do que o fariam se estivessem envolvidos por uma sólida barreira de aço de um metro de espessura.

– Pelas Areias de Marte, Lucky. Ele é o robô! – gritou Bigman, empunhando a arma.

Panner gritou subitamente: – Não tente usar a pistola de agulhas. Matem-me e jamais sairão daqui. – Fitou-os, lembrem-se, a energia pode atravessar um campo de força, ao passo que a matéria não, nem mesmo as moléculas de ar. Vocês estão hermeticamente isolados aí. Matem-me e morrerão lentamente por asfixia antes que alguém se dê ao trabalho de vir salvá-los.

– Eu disse que ele era o robô – gritou Bigman profundamente exasperado.

Panner sorriu ironicamente. – Você está enganado. Não sou um robô. Mas, se há algum, eu sei quem é.

• 11 •
Na Linha de Luas

– Quem? – perguntou imediatamente Bigman.

Mas foi Lucky quem respondeu à sua pergunta. – É evidente que ele pensa que pode ser um de nós.

– Obrigado! – disse Panner. – Como explicariam isso? Vocês mencionaram clandestinos a bordo; falaram de indivíduos que entraram na jovian moon sem autorização para tal. Falam de coragem! Não são na verdade dois clandestinos a bordo? Será que eu mesmo não presenciei o processo todo? Vocês dois!

– Muito convincente – disse Lucky.

– E vocês me trouxeram até aqui para que assim pudessem investigar cada centímetro dos compartimentos da nave. Tentaram manter-me ocupado com histórias de robôs esperando que eu não percebesse que estavam usando um microscópio em suas pesquisas.

– Temos o direito de fazer isso. Lembre-se que este é Lucky Starr! – disse Bigman.

– Ele diz ser Lucky Starr. Se é um membro do Conselho de Ciência, pode provar isso, e sabe como. Se eu tivesse um pouco de juízo, teria pedido a identificação antes de trazê-los até aqui.

– Ainda há tempo – disse Lucky calmamente. – Pode ver nitidamente dessa distância?

– Levantou um dos braços, a palma da mão para a frente, enrolou a manga da camisa.

– Não vou chegar mais perto – disse, irritado.

Lucky nada respondeu. Seu punho falou por ele. A pele ao longo da superfície interna do seu pulso à vista parecia simplesmente pele normal, porém anos antes fora submetida a um tratamento à base de hormônios, tratamento este bastante complicado.

Agora, em resposta a nada menos que sua força de vontade disciplinada, um ponto oval em seu punho tornou-se escurecido e lentamente transformou-se em negro.

Em seu interior formaram-se pequenas manchas amarelas com a configuração familiar característica da Ursa Maior e de Órion.

Panner ofegava como se sua respiração tivesse sido extraída à força de seus pulmões.

Poucas pessoas haviam tido oportunidade de ver este sinal do Conselho, mas todos que fossem de maior idade sabiam seu significado: a inesquecível e derradeira

insígnia de identificação do Conselheiro de Ciência.

Panner não teve alternativas. Silenciosamente, relutantemente, desligou o campo de força e retrocedeu.

Bigman saiu, vociferando. – Eu devia quebrar sua cabeça, seu imbecil – disse.

Lucky deteve-o. – Esqueça, Bigman. O cara tinha tanto direito de suspeitar de nós quanto nós dele. Controle-se.

– Pareceu-me lógico – disse Panner, dando de ombros.

Admito que sim. Penso que podemos confiar uns nos outros, agora.

Em você, talvez – disse o engenheiro-chefe incisivamente. – Identificou-se. E esse pequeno linguarudo? Quem o identifica?

Bigman gritou de forma incoerente e já caminhava na direção de Panner quando Lucky se interpôs entre os dois. – Eu o Identifico e assumo toda a responsabilidade por ele ... Agora sugiro que voltemos aos alojamentos de passageiros antes que organizem uma busca para nos encontrar. Tudo que aconteceu aqui, é claro, é altamente confidencial.

Então, como se nada tivesse acontecido, retomaram a subida.

O alojamento destinado a eles tinha dois beliches e um lavatório onde podia-se ter um pequeno fluxo de água para qualquer fim necessário. Nada mais. Até os alojamentos apertados e espartanos da Shooting Starr eram mais luxuosos que este.

Bigman estava sentado de pernas cruzadas na cama de cima, enquanto Lucky molhava o pescoço e os ombros com uma esponja. Murmuravam, conscientes de que no outro lado das paredes poderia haver ouvidos atentos a escutá-los.

– Olhe, Lucky , imagine que eu me dirija a qualquer uma das pessoas a bordo; quero dizer, a cada um dos dez que não conhecemos – disse Bigman. – Imagine que eu deliberadamente provoque uma briga com cada um deles, diga uns palavrões pra eles, algo assim. Não seria fácil concluir que o cara que não reagir com um murro seria o robô?

– Não creio. Ele poderia não querer desobedecer a disciplina de bordo da nave, apenas, ou poderia saber o quanto você é perigoso com uma pistola de agulhas nas mãos, ou ainda poderia não desejar provocar rixas com o Conselho de Ciência, ou apenas não querer bater num homem menor que ele próprio.

– Pô, que é isso, Lucky! – Bigman ficou calado um momento, e então falou cautelosamente:

– Estive pensando: Como é que você pode estar certo de que o robô está a bordo da nave? Continuo pensando que ele permaneceu lá em Júpiter Nove. É bem possível.

– Sei que é possível, mas mesmo assim tenho plena certeza de que esse robô está a bordo. Apenas isso. Tenho certeza disso e não sei por que tenho tanta certeza

– disse Lucky, olhos imersos em seu pensamento. Apoiou-se à cama e tapou os dentes com o nó dos dedos. – Naquele primeiro dia em que pousamos em Júpiter Nove, aconteceu algo.

– O quê?

– Quem me dera saber! Cheguei quase a conseguir; sabia o que era, ou acho que sabia, pouco antes de deitar-me, naquela noite, mas sumiu da memória. Ainda não consegui recordar-me o que seja ao certo. Se eu estivesse na Terra, me submeteria a um teste hipnótico. Pela Grande Galáxia, juro que faria isso!

– Já tentei de todas as maneiras possíveis. Pensei bastante, afastando de minha mente todos os demais pensamentos. Quando estávamos com o Panner lá embaixo na sala de reatores, tentei lembrar-me do fato. Pensei que se ficasse falando sobre cada aspecto do assunto, a idéia viria à tona em minha cabeça, mas isso não ocorreu.

– Mas é isso mesmo. Acho que é devido a esse pensamento que eu tenho tanta certeza de que um dos homens a bordo pode ser o robô. É uma dedução subconsciente.

Se eu pudesse pôr as mãos nele, teria então toda a resposta. Se eu pudesse pôr as mãos nele ...

Sua voz era um tanto desalentadora.

Bigman nunca vira antes Lucky com esse aspecto de derrota frustrada no rosto.

– É melhor dormirmos um pouquinho – disse, preocupado.

– Sim, é melhor.

Minutos depois, na penumbra, Bigman murmurou: – Ei, Lucky, o que o faz ter tanta certeza de que eu mesmo não seja um robô?

Lucky sussurrou em resposta: – porque os sirianos não poderiam agu¨entar um robô com uma cara tão feia assim – e levantou o cotovelo para ajeitar o travesseiro macio.

Passaram-se os dias. A meio caminho de Júpiter, passaram pelo cinturão mais interno e escassamente povoado de pequenas luas, das quais apenas a Seis, a Sete e a Dez eram numeradas. Júpiter Sete era visível como uma estrela brilhante, mas as outras estavam tão afastadas que se fundiam no fundo de constelações.

Júpiter crescera até atingir o diâmetro da Lua vista da Terra.

Como a nave se aproximava com o Sol por trás,Júpiter apresentava-se totalmente visível e iluminado. Não se viam sombras ou sinais de noite em toda a sua superfície.

Mesmo assim, apesar de aparecer do tamanho da Lua, esta não era tão brilhante quanto o satélite da Terra, por vários motivos. Sua superfície refletia oito vezes, quando muito, da luz recebida, como o fazem as poeirentas rochas nuas da

superfície lunar. A questão é que Júpiter só recebia um vinte e sete avos por quilômetro quadrado do total recebido pela Lua. Consequentemente, tinha um terço do brilho, naquele momento, em comparação à intensidade luminosa que a Lua tinha quando observada da Terra.

Ainda assim era mais deslumbrante do que a Lua. Seus cinturões haviam se tomado bem distintos, camadas de tons acastanhados com extremidades levemente difusas contra um fundo branco leitoso. Era mesmo fácil perceber a tonalidade cor de palha ovoide que a Grande Mancha Vermelha apresentava em uma de suas bordas; essa coloração cruzava a face do planeta, e desaparecia na outra.

– Ei, Lucky – disse Bigman –, Júpiter dá a impressão de não ser totalmente redondo.

E apenas ilusão de óptica?

– Não totalmente – respondeu Lucky. – Júpiter realmente não é redondo. Tem um achatamento nos polos Já deve ter ouvido falar que a Terra é achatada nos polos, não?

– Sim. Mas não tanto que se possa notar.

– É claro que não. Veja bem! A Terra tem cerca de quarenta mil quilômetros de circunferência no equador e seu movimento de rotação dura vinte e quatro horas, de forma que um ponto em seu equador movimenta-se apenas mil e quinhentos quilômetros em uma hora. A força centrífuga resultante provoca uma dilatação na linha do equador, de forma que o diâmetro da Terra em sua parte mediana é cerca de quarenta e três quilômetros maior que o diâmetro do Polo Norte ao Polo Sul. A diferença entre os dois diâmetros é de apenas cerca de um terço de um por cento, de maneira que, do espaço, a Terra parece uma esfera perfeita.

– Oh!

– Agora consideremos Júpiter. Mede cerca de quatrocentos e quarenta mil quilômetros na linha do equador, onze vezes a circunferência da Terra, embora sua rotação em tomo de seu eixo dure apenas dez horas; cinco minutos menos, para sermos exatos. Um ponto em seu equador move-se a uma velocidade de aproximadamente quarenta e cinco mil quilômetros por hora, ou vinte e oito vezes mais rápido que qualquer ponto na Terra. Há a presença de uma poderosa força centrífuga e um abaulamento equatorial maior ocorre então, especialmente devido ao fato de que o material que compõe as camadas mais externas de Júpiter é mais leve que aquele que compõe a crosta terrestre. O diâmetro de Júpiter, em seu equador, mede aproximadamente nove mil e seiscentos quilômetros mais que seu diâmetro Norte-Sul. A diferença entre diâmetros é de quinze por cento, e isso pode ser facilmente observado.

Bigman fitou o círculo luminoso achatado de Júpiter, e resmungou: – Pelas Areias de Marte!

O Sol permanecia encoberto atrás deles enquanto mergulhavam em direção a Júpiter.

Cruzaram a órbita de Calisto, que era chamado de Júpiter Quatro, o mais externo dos satélites principais do astro gigante, mas suas proporções enormes não podiam ser notadas. Era um mundo a um milhão de quilômetros de Júpiter, tão grande quanto Mercúrio, mas achava-se no outro extremo de sua órbita, uma pequena ervilha próxima ao Planeta Vermelho, que começava a eclipsar-se em sua sombra.

Ganimedes, conhecido como Júpiter Três, estava perto o bastante para mostrar-se como um disco com um terço da área da Lua. vista da Terra. Sua posição era tal que se podia ver uma parte de sua superfície que se achava envolta nas sombras da noite.

A despeito disso, três quartos de sua superfície podiam ser vistos completamente, num tom branco-pálido, e sem traços característicos.

Lucky e Bigman viram-se ignorados pelo resto da tripulação. O comandante nunca falava com eles, e nem mesmo os olhava, passava por eles com os olhos fixos no nada. Norrich, quando os encontrava, guiado por Mutt, acenava alegremente como sempre fazia quando em presença de outras pessoas. Mas, quando Bigman respondia ao cumprimento, o sorriso desaparecia de seu rosto. Com um movimento leve e rápido, puxava a coleira de Mutt e sumia de vista.

Os dois acharam melhor e mais confortável fazer suas refeições em seus próprios alojamentos.

– Quem, pelo Espaço, eles pensam que são? – resmungou Bigman. – Aquele cara, o tal do Panner, finge está ocupado sempre que estou por perto.

– Em primeiro lugar, Bigman, a partir do momento em que o Comandante tornou claro que não éramos bem-vindos, seus subordinados não quiseram entrar em desacordo agindo amigavelmente. Em segundo lugar, nosso procedimento com relação a alguns deles não foi nada amigável.

Bigman disse pensativamente: – Hoje topei com Red Summers, aquele patife. Ele vinha saindo da sala de reatores e eu estava lá; encarei-o.

– Que aconteceu? Você não ...

– Não fiz nada. Apenas fiquei esperando que ele fizesse algo, torcendo pra que fizesse alguma coisa, mas só deu um sorriso e passou perto de mim.

Todos a bordo da jovian moon aguardavam o dia em que Ganimedes eclipsaria Júpiter.

Não seria uma eclipse verdadeira. Ganimedes encobria apenas uma pequena parte de Júpiter, e achava-se a uma distância de novecentos mil quilômetros, não tendo nem a metade da Lua vista da Terra. Júpiter estava duas vezes mais distante, mas era agora um globo intumescido, quatorze vezes o tamanho de Ganimedes, de

aparência ameaçadora.

Ganimedes alinhava-se com Júpiter um pouco abaixo da linha do equador deste último, e lentamente os dois globos pareciam fundir-se num só. No local onde Ganimedes penetrara, delineou-se um círculo de luz ofuscante, em virtude da atmosfera de Ganimedes ser muito mais rarefeita do que a de Júpiter e refletir uma porcentagem consideravelmente menor da luz recebida. Mesmo que isso não ocorresse, ele teria sido visível quando cruzasse os cinturões de Júpiter.

O detalhe digno de nota era a escuridão crescente que envolvia a parte posterior de Ganimedes enquanto este se movia na direção de Júpiter. Conforme os homens explicavam uns aos outros, em sussurros excitados, era a sombra de Ganimedes projetando-se em Júpiter.

A sombra, apenas a parte visível, movia-se com Ganimedes, mas lentamente ganhava sua dianteira. A região sombreada estreitava-se mais e mais, até a região central do eclipse, quando Júpiter, Ganimedes e o jovian moon, juntos, alinharam-se com o Sol, a sombra desapareceu completamente, encoberta pelo mundo que a projetara.

Consequentemente, enquanto Ganimedes continuava sua trajetória, a sombra também avançava, surgindo diante dele primeiro uma fração, então sua espessura foi crescendo, até que ambos deixaram o globo do Planeta Gigante.

O eclipse total durou três horas.

A jovian moon atingiu e ultrapassou a órbita de Ganimedes quando este satélite estava no outro extremo de sua órbita de sete dias em volta de Júpiter Houve uma comemoração especial quando isso aconteceu.

Homens viajando em espaçonaves comuns (poucas vezes, para sermos exatos) haviam chegado a Ganimedes e pousado nele, mas ninguém, nenhum ser humano, jamais chegara mais perto de Júpiter do que isso. E desta feita o jovian moon o conseguira.

A nave passara a cento e cinquenta mil quilômetros do Europa, cognominado de Júpiter Dois. Era o menor dos satélites principais de Júpiter com apenas trinta mil quilômetros de diâmetro. Ligeiramente menor que a Lua, mas sua proximidade fazia com que aparentasse ter duas vezes o tamanho dela, se vista da Terra. Podia-se perceber marcas escuras do que outrora teriam sido cordilheiras. Os telescópios da nave provaram que lá existiram realmente. Lembravam as de Mercúrio, e não havia sinais da existência de crateras semelhantes às da Lua. Havia áreas de brilho intenso, também, lembrando geleiras.

E continuaram em seu mergulho, deixando a órbita do Europa para trás.

Io era o mais interno dos satélites principais de Júpiter, de tamanho quase igual ao da Terra. Sua distância de Júpiter era de quatrocentos e cinquenta e cinco mil quilômetros, ou pouco maior do que a distância da Lua à Terra.

Mas as similitudes terminavam aí. Enquanto o campo gravitacional moderado da Terra fazia com que a Lua orbitasse em volta de seu próprio eixo num espaço de quatro semanas, Ia, atraído pela gravidade de Júpiter, girava em tomo de si mesmo, numa órbita um pouco maior em quarenta e duas horas. Enquanto a Lua girava em tomo da Terra numa velocidade pouco maior que mil e quinhentos quilômetros por hora, Io, por seu turno, girava em volta de Júpiter a uma velocidade de trinta e cinco mil quilômetros por hora, e uma aterrissagem nele seria muito mais difícil.

A nave, contudo, manobrou com perfeição. Iniciou sua trajetória de aproximação a Io, e desativou o sistema Agrav exatamente no momento adequado.

Com um pequeno abalo, o zumbido dos reatores hiper-atômicos fez-se ouvir novamente, ecoando através da nave, substituindo o silêncio das últimas semanas.

A jovian moon finalmente teve sua trajetória curva submetida uma vez mais ao efeito de aceleração do campo gravitacional de Io. Assumiu uma órbita em volta do satélite a uma distância de menos de dezesseis quilômetros, de forma que Ia tomava totalmente o céu.

Orbitaram em volta do satélite, do lado iluminado para o lado obscurecido, descendo cada vez mais. As aletas semelhantes a asas de morcegos da nave foram recolhidas a fim de que não fossem arrancadas pela atmosfera rarefeita de Io.

Então, uma vez ou outra ouvia-se o silvo agudo originado pela fricção da nave contra as camadas daquela atmosfera.

A velocidade diminuía progressivamente juntamente com a altitude. Os jatos laterais da nave curvaram-na a fim de voltar sua parte posterior na direção de Io, e os jatos hiper-atômicos foram acionados para amortecer o impacto da descida. Finalmente, com um derradeiro abalo encerrando a descida, o jovian moon encontrava-se agora sobre a superfície de Io.

Houve uma alegria contagiante a bordo da jovian moon. Até Lucky e Bigman receberam tapinhas nas costas de homens que os haviam evitado constantemente ao longo de toda a viagem.

Uma hora depois, na escuridão, da noite de Io, com o Comandante Donahue à frente, os homens da jovian moon, em seus devidos trajes espaciais, emergiam um por um em direção à superfície de Júpiter Um.

Dezesseis homens. Os primeiros seres humanos a pisar o solo de Io.

Corrigindo, pensou Lucky. Quinze homens. E um robô!

• 12 •

Céus e Neve de Io

Pararam para contemplar Júpiter. Era Júpiter que os mantinha congelados. Não se ouviu nenhum comentário sobre isso, nenhuma tagarelice através dos rádios de capacete.

Era algo que não podia ser descrito em palavras.

Júpiter era um globo gigante, de uma extremidade a outra, estendendo-se um oitavo da mesma direção através do céu visível. Se estivesse na plenitude de sua iluminação, poderia ser duas mil vezes mais brilhante que a Lua da Terra em sua fase cheia, mas a sombra da noite reduzia essa luminosidade em um terço.

As zonas brilhantes e cinturões escuros que o cruzavam não eram agora meramente marrons. Estavam próximos o bastante para permitir que se distinguissem perfeitamente suas cores: rosa, verde, azul e púrpura, com um brilho deslumbrante.

As extremidades das faixas eram denteadas e mudavam sua forma à medida que iam sendo observadas, como se a atmosfera estivesse sendo assolada por gigantescos e turbulentos temporais, coisa que muito provavelmente estava ocorrendo. A atmosfera clara e rarefeita de Io não obscurecia o menor detalhe de sua superfície de cores cambiantes.

A Grande Mancha Vermelha apresentava-se pesadamente à vista.

Dava a impressão de um funil de gás, girando preguiçosamente.

Observaram por muito tempo, e Júpiter não mudara de posição.

As estrelas deslocavam-se por trás dele, mas este permanecia fixo onde estava, baixo no céu poente. Não poderia mover-se, já que Io mostrava apenas um lado enquanto girava. Júpiter nunca nascia em aproximadamente metade da superfície de Io, e em cerca de sua metade ele nunca se punha. Numa região intermediária do satélite, uma área que perfazia cerca de um quinto de sua superfície total, Júpiter permanecia sempre no horizonte, uma parte oculta, outra visível.

– Mas que belo lugar para um telescópio! – murmurou Bigman no comprimento de uma onda destinado a Lucky durante a reunião de instruções antes do pouso.

– Eles terão um brevemente e uma porção de outros equipamentos – respondeu Lucky.

Bigman tocou na viseira de Lucky para chamar sua atenção e apontou rapidamente.

– Olhe o Norrich. Pobre coitado, não pode ver nada disto!

– Já o havia notado antes. Está com o Mutt – disse Lucky.

– Sim. Eles vão ter problemas com o Norrich! O traje daquele cachorro

requer um trabalho especial. Estive observando quando estavam vestindo o cachorro no momento em que você estava controlando a aterragem. Eles tiveram que fazer um teste para checar se ele podia ouvir as ordens e obedecê-Ias e também se seria possível ao Norrich usá-lo, já que este vestia um traje espacial. Aparentemente, tudo funcionou a contento.

Lucky meneou a cabeça. Com um impulso deslocou-se rapidamente na direção de Norrich. A gravidade de Io era pouco maior que a da Lua, e ambos sabiam muito bem como movimentar-se nela.

Poucas e largas passadas fizeram o trabalho. – Norrich – disse Lucky, mudando para o comprimento de onda dos engenheiros.

Não podemos dizer qual a direção de um som, quando ele é proveniente de um fone de .ouvido, é claro, e os olhos cegos de Norrich procuraram em volta, desamparados.

– Quem é?

– Lucky Starr. – Encarava o cego, e através da viseira pôde perceber claramente a expressão de intenso contentamento que o rosto de Norrich aparentava. – Sente-se feliz por estar aqui?

– Feliz? Pode chamar isso de felicidade. Júpiter é realmente muito bonito?

– Sim. Não quer que o descreva para você?

– Não. Não precisa. Vi-o pelo telescópio quando ... quando ainda podia ver, e agora imagino-o em minha mente. Só que ... não sei se me faço entender. Somos daquelas poucas pessoas a colocarem os pés num novo mundo pela primeira vez. Percebe a classe especial de pessoas a que pertencemos?

Abaixou a sua mão para acariciar a cabeça de Mutt e tocou só o metal de seu capacete, é claro. Através da viseira curva, Lucky podia ver a língua do cão pendente para fora da boca, e seus olhos apreensivos virando sem descanso de um lado para o outro, como se perturbados pelos arredores estranhos, ou por ouvir a voz de seu dono sem no entanto ver sua figura costumeira, devido ao traje espacial.

– Pobre Mutt! – disse Norrich, carinhoso. – A baixa gravidade deixou-o confuso.

Não vou deixá-lo aqui fora por muito tempo.

Então, num crescendo de paixão novamente: – Pense nos trilhões de pessoas existentes na galáxia. Agora pense em quão poucos deles tiveram a sorte de ser os primeiros a pisar o solo de um mundo. Você pode até citá-los individualmente. Janofski e Sterling foram os primeiros na Lua, Ching o primeiro em Marte, Lubell e Smith em Vênus. Some-os todos. Mesmo incluindo todos os asteroides e planetas fora do sistema solar. Some-os todos e verá que existem bem poucos. E estamos incluídos entre eles. Eu estou entre esses privilegiados. .

Atirou os braços para fora como se quisesse abraçar o satélite inteiro. – E eu

devo isso ao Summers também. Quando descobriu uma nova técnica para a fabricação da ponta de contato de chumbo – que era apenas parte de um rotor curvado, mas economizou milhões de dólares em um ano, e ele não era nem mesmo um mecânico treinado – ofereceram-lhe um lugar na expedição como recompensa. Você sabe o que ele respondeu? Disse que eu merecia aquilo em seu lugar. Disseram-lhe, então, que eu era cego, e ele os fez lembrar da razão pela qual fiquei cego e disse que não viria sem mim. Por isso nos trouxeram a ambos. Sei que vocês dois não pensam assim de Summers, mas isso é o que acho quando penso nele.

A voz do comandante soou estridentemente em todos os capacetes: – Vamos trabalhar, homens. Júpiter não vai mudar de lugar. Mais tarde poderão admirá-lo.

Em quatro horas a nave estava descarregada, o equipamento em seu devido lugar, e as tendas armadas. Garrafas herméticas para uso temporário em possíveis emergências como unidades de suprimento de oxigênio fora da nave.

Porém, os homens não deviam permanecer observando o panorama incomum.

Enquanto isso, todos os outros três maiores satélites de Júpiter surgiram no céu.

O Europa era o mais próximo, parecendo ser um pouco menor que a Lua. Estava numa fase crescente, na direção do horizonte ocidental. Ganimedes, menor ainda, apresentava-se perto do zênite como uma meia-lua. Calisto, com apenas um quarto do tamanho da Lua, pairava próximo a Júpiter e, de forma semelhante a este, tinha cerca de dois terços de sua superfície iluminada. Os três juntos não davam um quarto da luminosidade da Lua, quando esta se apresenta como lua cheia, e todos eles eram completamente imperceptíveis na presença de Júpiter.

Bigman disse exatamente isso.

Lucky olhou para seu pequeno amigo marciano após ter estudado pensativamente o horizonte ocidental.' – Você acha que nada pode ser mais grandioso que Júpiter, não é?

– Nada daqui – respondeu Bigman resolutamente.

– Então continue observando – replicou Lucky.

Na atmosfera rarefeita de Io, não havia nenhum crepúsculo para se observar, nenhum sinal de advertência. Havia uma cintilação semelhante à de um diamante ao longo da crista coberta de gelo dos cumes das colinas baixas, e sete segundos mais tarde elevava-se acima do horizonte.

Era um crepúsculo diminuto semelhante a uma ervilha, um pequeno círculo de luminosidade branca, e superava em muito, muito mesmo, toda a luminosidade do planeta gigante.

Levantaram o telescópio a tempo de verem Calisto desaparecendo atrás de Júpiter.

Um a um, todos os três satélites iriam fazer o mesmo. Io, a despeito de

manter sempre a mesma face voltada para Júpiter, girava em volta deste em cerca de quarenta e duas horas. Parecia que o Sol e todas as estrelas bordejavam em volta dos céus de Io, naquelas quarenta e duas horas.

Quanto aos satélites, Io era o que se deslocava mais rápido dentre eles, de forma'

que os superava na rotação em volta de Júpiter. Ultrapassava o mais afastado e menor deles, Calisto, com mais rapidez; portanto Calisto completava um círculo em volta de Io em dois dias. Ganimedes levava quatro dias, e o Europa, sete dias, Cada um deles efetuava uma trajetória de oeste para leste, e cada um por seu turno passava por trás de Júpiter.

A excitação relacionada com o eclipse de Calisto, o primeiro a ser observado, foi extrema. Até mesmo Mutt pareceu afetado por ele. Ia a pouco e pouco acostumandose à gravidade menor, e Norrich deixava-o solto algumas vezes, momentos em que ele andava aos tropeções tentando inutilmente fuçar diversas coisas estranhas que encontrava. E ao final do eclipse, quando Calisto alcançou Júpiter e passou por trás de sua curva luminosa, todos ficaram em silêncio e Mutt, também, sentado em suas ancas, fitou os céus.

Mas era o Sol que estavam realmente esperando. Seu movimento aparente era mais rápido do que o de qualquer um dos satélites. Era mais rápido que o Europa (cujo crescente tornou-o quase imperceptível) e passou atrás dele, permanecendo eclipsado por um período menor que trinta segundos. Ele apareceu, e então o Europa novamente entrou em fase crescente, com suas bordas posicionadas agora em outra direção.

Ganimedes havia se colocado atrás de Júpiter antes que o Sol pudesse alcançá-lo , e Calisto, tendo emergido da parte posterior de Júpiter, situava-se abaixo do horizonte.

Agora era o Sol e Júpiter que se alinhavam entre si.

Os homens assistiam avidamente enquanto o Sol, semelhante a uma pérola, elevava-se mais e mais no céu. Após isso, Júpiter entrou em minguante, estreitando-se nas áreas iluminadas, é claro, voltadas para o Sol. Júpiter tornou-se meia-lua, atingiu a fase crescente, e então quarto-minguante.

Na atmosfera rarefeita de Io, o céu apresentava-se iluminado de púrpura-escuro, e só as estrelas de brilho intenso podiam ser vistas no céu. Contra o fundo chamejante, um gigantesco crescente no céu empurrava na direção do inexorável Sol que se aproximava.

Era como se a luta de Davi e Golias fosse revivida no espaço cósmico; a pedra da tunda de Davi contra a fronte de Golias.

A luminosidade de Júpiter reduziu-se ainda mais e acabou tornando-se um filete curvo de cor amarelada. O Sol estava a ponto de tocá-Ia.

Tocou, realmente, Júpiter, e os homens exultaram. Haviam colocado coberturas em suas viseiras para poderem assistir ao espetáculo, mas agora já não eram necessárias em virtude da intensidade da luz solar ter-se reduzido a um grau fácil de ser suportado.

Não desaparecera de todo ainda. Sua trajetória fê-lo esconder-se atrás de Júpiter, mas assim mesmo brilhava obscuro através da espessura do planeta gigante, cuja atmosfera pesada constituía-se. de hidrogênio e hélio.

Júpiter agora apresentava-se como um espaço completamente vazio, mas sua atmosfera tornara-se vívida, refrangindo e curvando os raios solares através de si mesmo, e ao redor da curva do planeta havia uma película de luminosidade leitosa ligeiramente curva-o A película luminosa atingia maiores proporções à medida que o Sol continuava sua trajetória afastando-se mais e mais por trás de Júpiter, Curvou-se sobre si mesmo fracamente, muito fracamente, os dois filetes luminosos sobre o lado oposto de Júpiter. O corpo quase imperceptível de Júpiter era delineado luminosamente e um dos seus lados abaulara-se. Era um anel de diamante no céu, grande o bastante para comportar dois mil globos do tamanho da Terra.

E o Sol prosseguia ainda em sua trajetória oculto por Júpiter, de forma que a luz começou a desvanecer-se, tomando-se gradualmente mais opaca, até que finalmente desapareceu por completo, e salvo pela pálida fase crescente do Europa, o céu tomara-se negro e agora pertencia às estrelas.

– Vai permanecer assim durante cinco horas – disse Lucky a Bigman. – E então, tudo irá repetir-se de forma contrária assim que o Sol aparecer.

– E isso acontece a cada quarenta e duas horas? – perguntou Bigman, admirado.

– Exatamente – respondeu Lucky.

Panner acercou-se deles no dia seguinte e cumprimentou-os. – Como vão? Estamos quase terminando nossa missão. – Abriu os braços num círculo amplo para mostrar o vale ioano, agora literalmente tomado de equipamento. – Partiremos logo, sabem, e deixaremos a maior parte destas bugigangas aqui.

– Faremos isso? – perguntou Bigman surpreso.

– Por que não? Não existem formas de vida no planeta para causar algum desarranjo nos equipamentos, nem tampouco condições ambientais que o prejudiquem.

Tudo é revestido com uma proteção contra a amônia da atmosfera e vai se conservar perfeitamente bem até que uma outra expedição seja enviada. – Sua voz baixou subitamente. – Há alguém mais em seu comprimento de onda, Conselheiro?

– Meus receptores não detectam ninguém.

– Quer dar uma volta comigo? – Começou a caminhar, saindo do vale baixo, em direção à suave inclinação das colinas dos arredores_ Os dois o acompanharam.

Panner desculpou-se: – Devo pedir suas desculpas se fui descortês a bordo da nave. Pensei melhor no caso.

– Não há nenhum ressentimento de minha parte – garantiu Lucky.

– Pensei em tentar uma investigação por minha própria conta, entende? Pensei que seria prudente não parecer muito íntimo seu. Tinha certeza de que poderia agarrar alguém que desse com a língua dos dentes, alguém que fizesse algo não-humano, compreende o que quero dizer? Mas receio ter falhado.

Alcançaram o cume da primeira colina e Panner olhou para trás.

Disse, divertido: – Olhem só o cachorro, gente! Está começando a entender o sentido real da gravidade fraca.

Mutt aprendera bastante no decorrer dos últimos dias. Seu corpo arqueava-se e endireitava-se conforme suas investidas, seus saltos de sessenta metros, e parecia alegrar-se pelo puro prazer que proporcionava aos homens.

Panner sintonizou seu rádio no comprimento que fora reservado para uso de Norrich em chamados ao seu cão, e gritou: – Ei, Mutt, ei, rapaz, venha cá, Mutt! – e assobiou.

O cão ouviu, é claro, e saltou para o ar. Lucky sintonizou o comprimento de onda do cão e ouviu seu latido de contentamento.

Panner acenou com um dos braços e o cachorro dirigiu-se a eles, parou por um momento então, e voltou-se para trás, como se tentasse saber se agira corretamente ao deixar seu dono. Aproximou-se mais lentamente.

Os homens seguiram em frente novamente. Lucky comentou: – Um robô siriano construído para fazer se passar por um homem seria um trabalho muito meticuloso.

Um exame superficial jamais faria descobrir a fraude.

– O exame a que fui submetido não foi superficial – protestou Panner.

A voz de Lucky tinha algo mais que um tom de mágoa. – Começo a acreditar que um exame feito por alguém que não uma pessoa experiente em robótica é nada mais que um exame descuidado.

Caminhavam agora sobre montes de uma substância semelhante à neve, que cintilava sob a luz de Júpiter. Bigman fitava a substância sob si, deslumbrado.

– Essa coisa derrete só de você olhar para ela – disse. Apanhou uma porção com sua mão, agora provida de luvas, e a mesma derreteu-se toda e escorreu feito manteiga num fogão. Olhou à sua retaguarda e viu marcas profundas nos locais onde os três haviam pisado.

– Não é neve – observou Lucky –, é amônia congelada, Bigman. A amônia derretese numa temperatura dezoito graus mais baixa que a da água, e o calor irradiado por nossos trajes derrete-a assim ainda mais rápido.

Bigman adiantou-se até onde os montes semelhantes a neve tornavam-se mais

profundos, e em toda parte em que pisava, havia furos. – Isso é uma diversão! – gritou.

Lucky chamou-o. – Verifique se seu aquecedor está ligado, se pretende brincar na neve.

– Está ligado! – gritou Bigman, e atirou-se encosta abaixo com saltos longos, até que caiu de ponta-cabeça num banco. Movia-se imitando um mergulhador em câmara lenta, batia nos montes de amônia, e, por um momento, desapareceu. Sentia dificuldade para equilibrar-se.

– É como mergulhar numa nuvem, Lucky. Está me ouvindo?

Vamos, tente. É mais divertido que esquiar nas dunas de areia da Lua.

– Mais tarde, Bigman – respondeu Lucky. Então virou-se para Panner. – Por exemplo, tentou de algum modo testar qualquer um dos homens?

Pelo canto dos olhos podia ver Bigman mergulhando pela segunda vez num banco de amônia, e depois de alguns momentos, seus olhos fixaram-se atentamente naquela direção. Mais um minuto de espera e gritou ansiosamente: – Bigman! – Então, mais alto e com ânsia ainda maior: – Bigman!

Começou a correr.

A voz de Bigman chegou até eles, fraca e ofegante: – Respiração ... pancada ... batida na rocha ... aqui rio abaixo ...

– Espere, vou até aí. – Lucky e Panner também pareciam engolir o espaço com suas passadas largas.

Lucky sabia o que acontecera, é claro. A temperatura da superfície de Io não era tão diferente da temperatura do ponto de fusão da amônia. Debaixo dos montes de amônia, a amônia liquefeita poderia ter formado rios ocultos dessa substância sufocante e de cheiro horrível, que existia abundantemente nos planetas mais exteriores e seus satélites.

Havia um ruído da tosse de Bigman em seu ouvido. – Rompeu o tubo de ar ... amônia entrando ... sufocante ...

Lucky aproximou-se do buraco feito pelo corpo de Bigman, ao mergulhar, e olhou para baixo. O rio de amônia era perfeitamente visível, borbulhando devagar colina abaixo por sobre as escarpas íngremes. Deve ter sido numa delas que Bigman havia danificado seu tubo de ar.

– Onde está você, Bigman?

E apesar de Bigman haver respondido debilmente, não havia sinais dele em lugar algum.

• 13 •
Queda!

Lucky jogou-se temerariamente ao rio à mostra, flutuando suavemente para baixo sob a ação da fraca gravidade de Io. Sentia-se chateado com a vagareza de sua queda, com Bigman também, por seu entusiasmo infantil surgido tão inesperadamente, e – por não ter medido as consequências – do ato de Bigman quando podia facilmente tê-lo feito parar a tempo.

Lucky debatia-se na correnteza, e a amônia pulverizada levantava-se, no ar, e aí caía novamente com surpreendente rapidez. A gravidade rarefeita de Io não podia suster por mais tempo as gotículas, mesmo sob uma gravidade fraca.

Não havia qualquer condição de flutuabilidade no rio de amônia. Lucky não esperava que tal fato era possível. A amônia líquida era menos densa que a água e tinha menor poder de sustentação. Nem tampouco era grande a força da correnteza sob o em puxo da fraca gravidade de Io. Se Bigman não tivesse danificado seu tubo de ar, seria apenas uma questão de sair caminhando do rio e atravessar um dos montes de amônia que poderiam té-lo envolvido.

É ... seria ...

Lucky empenhava-se furiosamente correnteza abaixo. Em algum lugar à frente o pequeno marciano deveria estar debatendo-se debilmente contra a venenosa amônia.

Se a ruptura no conduto de ar fosse muito grande, ou tivesse aumentado o bastante para permitir a entrada de amônia líquida, poderia ser tarde demais, pensava Lucky.

Também poderia ser tarde demais, àquela altura, e só de pensar no fato, sentia o peito comprimir-se.

Um vulto irrompeu atrás de Lucky , cavando também um caminho através da amônia pulverizada. Logo desapareceu, deixando um túnel que era lentamente fechado pela amônia.

– Panner – Lucky chamou numa tentativa.

– Estou aqui. – O braço do engenheiro tocou o ombro de Lucky, vindo de trás. – Era o Mutt. Vinha correndo quando você gritou. Estávamos ambos em seu comprimento de onda.

Juntos avançavam gradualmente através da amônia na pista do cachorro. Encontraram-no e retomaram.

–- Ele encontrou o Bigman! – gritava Lucky impulsivamente. Os braços de Bigman seguravam debilmente as ancas do cão, cobertas pelo traje espacial, e apesar de embaraçar seus movimentos, a gravidade fraca possibilitou ao animal fazer

consideráveis progressos usando apenas os músculos dianteiros.

Até no instante que Lucky curvou-se para ajudar Bigman, este, exausto pelo esforço dispendido, relaxou os braços e caiu.

. Lucky amparou-o ao levantá-lo. Não perdeu tempo com perguntas desnecessárias.

Só havia uma coisa a fazer. Colocou o fluxo de oxigênio de Bigman na sua capacidade total e atirou-o nos ombros, correndo em seguida para a nave. Mesmo considerando a gravidade de Io, admitiu que jamais, em sua vida, correra assim de forma tão temerária. Sua pressa era tamanha que pisava celeremente no chão e suas largas passadas davam a impressão de que estava voando um pouco acima do solo.

Panner vinha logo atrás bombeando oxigênio, e Mutt permanecia excitado nos calcanhares de Lucky.

Lucky usou o comprimento de onda coletivo para alertar os outros enquanto ainda corria, e uma das câmaras herméticas de suprimento de oxigênio foi preparada.

Lucky precipitou-se para dentro da unidade pressurizada de ar, mal conseguindo parar. O flape fechou-se atrás dele e o interior da câmara encheu-se com o ar adicional pressurizado, a fim de compensar a perda ocorrida durante a abertura do flape.

Com mãos velozes retirou o capacete de Bigman e, em seguida, lentamente, o resto de seu traje.

Auscultou o coração do amigo e, para seu alívio, ainda havia sinais de vida em seu corpo inerte. A unidade pressurizada estava equipada com um serviço de primeiros socorros, é claro. Fez as aplicações de oxigênio necessárias para uma re-estimulação geral e esperou que o oxigênio tépido abundante fizesse o resto.

E vez por outra os olhos de Bigman animavam-se e tentavam com enorme esforço fitar Lucky. Seus lábios moviam-se e Lucky percebeu que tentava dizer seu nome, porém não se ouviu nenhum som.

Lucky sorriu aliviado e finalmente encontrou tempo para tirar seu traje espacial.

A bordo do jovian moon Harry Norrich parou à porta do compartimento onde Bigman completava sua recuperação, a qual estava aberta. Seus olhos opacos, de um cor azul-porcelana, e todo seu semblante alegraram-se pela falta de sorte do rival.

– Como vai o inválido?

Bigman ergueu-se com grande esforço do leito e gritou: – Vou muito bem! Pelas Areias de Marte, nunca me senti tão bem! Se não fosse Lucky querer me manter aqui, eu já estaria de pé e andando por aí.

Lucky manifestou sua incredulidade.

Bigman não deu atenção. Disse: – Ei, deixe o Mutt entrar. O velho amigo Mutt!

Aqui, rapaz, aqui!

Mutt, sentindo afrouxar-se sua coleira, Correu na direção de Bigman, rabo agitando-se vivamente, e na mudez de seus olhos inteligentes lia-se um cumprimento.

Os braços curtos de Bigman envolveram seu pescoço num forte abraço. – Rapaz, este sim é um amigo. Ouviu falar do ele fez, Norrich, não ouviu?

– Todo o mundo ouviu. – Era fácil perceber que Norrich orgulhava-se sobremodo da ação que seu cachorro realizara.

– Lembro-me de tudo vagamente – disse Bigman – antes de ficar completamente inconsciente. Respirei aquela rajada de amônia e senti que não conseguiria ficar de pé. Rolei colina abaixo, atravessando os montes de amônia como se nem existissem.

Então percebi sons se aproximando e tinha plena certeza de que era Lucky quando escutei o barulho de alguma coisa movendo-se. Com suas patas cavou o bastante para que a luz de Júpiter penetrasse e então pude ver que era o Mutt. Lembro-me que a última coisa que fiz foi agarrá-lo rapidamente.

– E foi a sua salvação, também – comentou Lucky. – O tempo que eu perderia em vão tentando encontrá-lo poderia representar o seu fim.

Bigman encolheu os ombros. – Ah, Lucky, você agiu corretamente. Nada aconteceria se o tubo de ar não se prendesse na pedra e não tivesse sido perfurado. Mesmo assim, se eu tivesse usado a cabeça e aumentasse a pressão do meu oxigênio, poderia ter evitado a ação da amônia. Foi a primeira inalação de amônia, parece-me, que me fez sentir mal, Não podia raciocinar, Panner, que passava por perto exatamente naquele instante, olhou. – Como vai, Bigman?

– Pelas Areias de Marte, parece que todo mundo pensa que fiquei inválido ou algo assim. Não há nada errado comigo, Até o Comandante parou por perto e aproveitou a oportunidade para mostrar sua língua ferina, resmungando algo com relação a mim.

– Bem – disse Panner –, talvez esteja só mostrando um pouco da sua loucura.

– Nunca! – disse Bigman. – Acho que só quer ter certeza de que seu primeiro vôo não será estragado por uma baixa. Ele quer seu registro totalmente limpo, é tudo.

Panner deu uma gargalhada, – Está tudo pronto para a decolagem?

– Vamos deixar Io? – perguntou Lucky.

– A qualquer momento. Os homens estão embarcando o equipamento que levaremos conosco e colocando proteções naqueles que vão permanecer por aqui, Se vocês dois puderem chegar até a sala do piloto, já que estamos a caminho, venham. Teremos uma bela vista de Júpiter.

Afagou Mutt atrás da orelha e saiu.

Transmitiram pelo rádio a Júpiter Nove que estavam de partida de Io, da mesma forma como dias antes informaram que haviam pousado no solo do satélite.

– Por que não informamos a Terra? – perguntou Bigman. – O Conselheiro-chefe Conway precisa saber do feito que realizamos.

– Oficialmente – ponderou Lucky – não chegamos ao fim da nossa missão até que retomemos a Júpiter Nove.

Não acrescentou nada sobre sua completa falta de vontade de retomar a Júpiter Nove e muito menos de falar com Conway. Afinal de contas não fizera nenhum progresso nessa viagem, Seus olhos castanhos procuraram a sala de controle. Os engenheiros e a tripulação estavam a postos para a decolagem. Entretanto, o comandante e seus dois oficiais estavam na sala de controle.

Lucky observou os oficiais diversas vezes tentando descobrir qual daqueles dez homens tivera a oportunidade de eliminar a rã-V. Havia .conversado com cada um deles, certa feita, e Panner o fizera também, só que com mais frequência Efetuara buscas em seus alojamentos. Ele e Panner, juntos, examinaram seus registros. Nada de positivo foi conseguido.

Poderia estar de regresso a Júpiter Nove sem haver descoberto o robô, e sua localização posterior poderia ser ainda mais difícil, e nesse caso teria que enviar um relatório de volta ao quartel-general do Conselho cientificando que falhara em sua missão.

Uma vez mais, desesperadamente, lhe veio à mente a lembrança do raio X, ou algum outro meio de investigação mais eficaz. Como de costume, pensou imediatamente na probabilidade de acionar uma explosão, provavelmente uma explosão nuclear.

Esta poderia destruir o robô. Também poderia matar uns trinta homens e lançar pelos ares uma espaçonave de valor incalculável. Pior de tudo, isso provaria que não dispunham de um meio seguro de descobrir os robôs humanóides que certamente, pensou Lucky, agiam incólumes em outros lugares da Confederação Solar.

Surpreendeu-se com o inesperado grito de Panner. – Aqui vamos nós!

Houve um ruído familiar meio distante do impulso inicial, a compressão para trás da aceleração e a superfície de Io se afastando cada vez mais rapidamente.

Pela visitela não se podia centrar Júpiter de forma a vê-Ia em sua totalidade: era grande demais. Ao invés disso, foi centrada a Grande Mancha Vermelha, a qual foi acompanhada em seu movimento de rotação em volta do planeta gigante.

–- Vamos usar o sistema Agrav novamente, sim, mas é apenas por algum tempo, só

para escaparmos à atração de Io – observou Panner.

– Mas ainda estamos em queda livre na direção de Júpiter ponderou Bigman.

– Certo, mas é só até que chegue o momento oportuno. Aí, seremos impulsionados pelos reatores hiper-atômicos e atingiremos Júpiter numa órbita hiperbólica. Uma vez conseguido isso, eles serão desligados e deixaremos que Júpiter se encarregue de fazer o resto. Nossa abordagem mais aproximada será de cerca de duzentos e cinquenta mil quilômetros. A gravidade de Júpiter vai nos projetar qual a pedra de um estilingue, outra vez em direção ao espaço. Na hora certa nossos reatores hiper-atômicos anularão essa força .novamente. Tirando proveito do efeito do estilingue, estaremos realmente poupando bastante energia optando por essa alternativa em vez de adotar uma rota diretamente de Io, e, além disso, conseguimos alguns super closes de Júpiter.

Consultou seu relógio. – Cinco minutos – disse.

Estava se referindo, como Lucky soube depois, ao momento em que a nave passaria a empregar os reatores hiperatômicos em substituição ao sistema Agrav, e iniciaria então a órbita planejada em volta de Júpiter.

Com os olhos ainda fixos em seu relógio, Panner disse: – Escolhemos uma tal hora que nos permita a aproximação com a proa na direção de Júpiter Nove de forma tão perpendicular quanto possível. Quanto menos correções laterais do curso tivermos que efetuar, menor a quantidade de energia que iremos despender. Temos que voltar a Júpiter Nove com o máximo possível de energia armazenada. Quanto mais dessa energia armazenarmos, tanto melhor será o funcionamento do sistema Agrav. Fixei meu objetivo em oitenta e cinco por cento. Se pudermos retomar com uma percentagem de noventa, será excelente.

Bigman lançou uma hipótese. – Suponham que voltem com mais energia do aquela que tinham quando iniciaram a viagem. Que achariam disso?

– Bom demais, Bigman, porém impossível. Existe algo chamado a segunda lei da termodinâmica que diz ser impossível a transformação completa de uma energia térmica em outro tipo de energia. Temos que ter alguma perda. – Deu um largo sorriso.

– Um minuto.

E no momento exato o som dos reatores hiper-atômicos inundaram a nave, com seu timbre surdo, e Panner recolocou o relógio no bolso com uma expressão satisfeita.

– Daqui em diante – disse –, até o momento das manobras reais de aterrissagem, na aproximação para Júpiter Nove, tudo é completamente automático.

Explicou, então, que, quando o zumbido cessou novamente, as luzes da sala piscariam e se apagariam.

Quase imediatamente, acenderam-se de novo, mas agora havia um pequeno sinal vermelho no painel de controle indicando emergência.

Panner retrocedeu. – Mas, pelo Espaço ... ?

Saiu da sala de controle em desabalada carreira, deixando os demais que o observavam estupefatos. O comandante ficara lívido, seu rosto marcado transformou-se numa máscara cansada.

Lucky tomou uma decisão rápida; seguiu Panner, e Bigman, é claro, também acompanhou-os.

Encontraram um dos engenheiros subindo com grande dificuldade Estava ofegante. – Senhor!

O que aconteceu, homem? – perguntou rispidamente Panner. O sistema Agrav está

desligado, senhor. Não pode ser ativado. E os reatores hiper-atômicos?

A reserva principal está reduzida. Desativamos bem na hora de evitar que explodisse.

Se mexermos nela, toda a nave poderá ir pelos ares. Cada partícula de energia armazenada explodirá.

– Então estamos operando com tanque de emergência?

– Exatamente.

O rosto moreno de Panner congestionou-se de ódio. – E de que adianta isso? Não podemos estabelecer uma órbita em volta de Júpiter com o tanque de reserva. Está

fora de cogitação. Leve-me lá.

O engenheiro caminhou junto a ele, e Panner moveu-se para o mastro. Lucky e Bigman os acompanharam. .

Lucky e Bigman não voltaram à sala dos reatores desde o primeiro dia em que embarcaram na jovian moon. Agora a cena era bem diferente. Não havia o silêncio majestoso, nem qualquer sensação de forças poderosas trabalhando silenciosamente.

Em vez disso, o som débil dos homens superava tudo.

Panner correu em direção ao terceiro convés. – O que há de errado agora? O que exatamente está errado?

Homens apressavam-se em fazer alguma coisa direito, e todos eles precipitavamse pelas estreitas passagens existentes na parte interna de um complexo mecanismo, apontando coisas que poderiam ser a causa do problema, num misto de desespero e raiva.

Ouviram-se sons que provinham de outras pessoas andando na direção em que estavam, e então surgiu o comandante.

Dirigiu-se a Lucky, de pé, a um canto, com expressão grave. – O que é isso, Conselheiro?

– Era a primeira vez que se dirigia a Lucky desde que haviam deixado Júpiter Nove.

– Algum tipo de problema sério, Comandante.

– Como aconteceu? Panner!

Panner levantou a vista de algo que examinava detidamente e que antes não tivera tempo de verificar. Gritou, contrariado: – Pelo Espaço, que quer?

As narinas do comandante dilataram-se. – Por que permitiram que algo errado acontecesse?

– Não fomos nós que permitimos que algo errado acontecesse.

Então como chama isso?

Sabotagem, Comandante. Sabotagem deliberada e assassina!

– O quê?

Cinco relês gravitacionais foram completamente destruídos e as peças sobressalentes necessárias foram retiradas e não podem ser localizadas. O controle de empuxo hiper-atômico foi fundido e sofreu um curto-circuito que não estamos em condições de reparar. Nada disso aconteceu acidentalmente.

O comandante fitou seu engenheiro-chefe. – Pode-se fazer alguma coisa? – perguntou sem esperança.

– Talvez as peças sobressalentes dos cinco relês possam ser localizadas ou desmontadas do resto da nave. Não estou certo. Talvez possamos usar um controle de empuxo provisório. De qualquer maneira, perderíamos alguns dias e não garanto que funcione a contento.

– Dias! – gritou o comandante. – Isso não pode levar dias.

Estamos caindo na direção de Júpiter!

Fez-se completo silêncio por alguns instantes, e então Panner expressou em palavras algo que todos sabiam inevitável. – Está bem, Comandante. Estamos caindo na direção de Júpiter e não temos a menor chance de evitar o acidente. Isso quer dizer que estamos no fim, Comandante. Estamos todos perdidos!

• 14 •

Close-Up de Júpiter

Foi Lucky quem, de forma incisiva e aguda, rompeu o silêncio mortal que se seguiu.

– Ninguém está morto enquanto tem ainda uma mente capaz de raciocinar.

Quem pode manejar o computador da nave com mais rapidez?

– O Major Brant. Ele é o homem encarregado da trajetória normal.

Está lá em cima da sala de controle? – Sim.

– Vamos procurá-lo. Quero as Efemérides Planetárias em detalhes. .. Panner, você fica aqui com os homens e comece a desmontar as máquinas e fazer consertos provisórios.

– Quanta força de vontade! – comentou Panner.

Lucky interrompeu rapidamente. – Talvez não de todo. Se pensarmos assim, em pouco tempo estaremos nos chocando com Júpiter, e vocês morrerão após terem perdido algumas horas de trabalho. Agora receberam uma ordem minha. Ao trabalho!

– Mas – o Comandante Donahue pareceu paralisado após as últimas palavras de Lucky.

– Como conselheiro científico – disse Lucky – assumo o comando desta nave. Se deseja contestar, ordenarei a Bigman para mantê-lo trancado em sua cabina e pode tomar as providências de praxe, levar-me à corte marcial, supondo que consigamos sobreviver.'

Virou-se rapidamente e caminhou apressado em direção ao mastro central. Bigman brincou com o Comandante Donahue dando-lhe um leve tapinha e seguiu seu caminho.

Panner olhou para eles resmungando, virou-se selvagemente para os engenheiros e disse: – Muito bem, seu bando de molengas. Não adianta nada ficar chupando os dedos. Mãos à obra!

Lucky adentrou a sala de controle, a passos largos.

– O que há de errado lá embaixo? – perguntou o oficial nos controles, lábios pálidos.

– Você, Major Brant – disse Lucky. – Não fomos apresentados formalmente, mas nunca esqueça o que vou lhe dizer. Sou o Conselheiro David Starr, e você receberá

ordens minhas. Utilize o computador e faça tudo o que sabe com a maior rapidez que puder.

Lucky tinha diante de si as Efemérides Planetárias. Como todos os trabalhos que exigiam consultas importantes, estas eram em forma de livro ao invés de filme.

Afinal de contas, o fato de virar páginas permitia encontrar mais facilmente um dado informático específico do que com o enrolamento moroso das bobinas, de uma extremidade a outra do filme.

Virou as páginas, agora já com mais prática, procurando entre as fileiras e colunas de números que indicavam a localização de qualquer pedaço de matéria no sistema solar com diâmetro maior que quinze quilômetros (e alguns até menores que isso)

em certos padrões de tamanho, juntamente com seus planos de rotação e velocidade de trajetória.

– Tomemos as seguintes coordenadas – disse –, juntamente com a trajetória referente, e calculemos as características da órbita e posição do ponto neste momento e nos momentos subsequentes num período de quarenta e quatro horas.

Os dedos experientes do major trabalhavam agilmente enquanto os algarismos eram convertidos através· do dispositivo especial de perfuração em fitas codificadas que alimentaram o computador.

Neste ínterim, Lucky pediu: – Calcule a partir da nossa posição e velocidade atuais nossa órbita em relação a Júpiter e o ponto de interseção com o objeto cuja órbita acabou de calcular.

Novamente o major fez seus cálculos.

O computador digeriu estes dados em fita codificada que era enrolada em uma bobina e originava pequenos impulsos sobre uma . máquina de escrever,. a qual apresentava os resultados em números.

– No ponto de intersecção, qual a diferença de tempo entre nossa nave e o objeto?

Novamente o major introduziu estes dados no computador.

Nós o perdemos por quatro horas, vinte e um minutos e quarenta e quatro segundos – informou.

– Calcule de que forma devemos alterar a velocidade da nave para que possamos atingir o ponto perpendicularmente. Considere para isso uma hora a contar deste momento.

O Comandante Donahue interrompeu: – Não podemos fazer nada assim, tão perto de Júpiter, Conselheiro. A energia de emergência não poderá nos sustentar. Não compreende?

– Não é isso que estou pedindo ao major, Comandante. Estou pedindo a ele para acelerar a nave na direção de Júpiter, para o que nossa força de reserva é suficiente.

O comandante girou nos calcanhares. – Na direção de Júpiter? O computador estava processando os dados para o cálculo e as respostas estavam sendo apresentadas.

Lucky perguntou: – Pode acelerar usando a energia de que dispomos?

– Acho que sim – respondeu o Major Brant.

– Então faça-o.

O Comandante Donahue novamente inquiriu: – Na direção de Júpiter?

– Sim. Exatamente. Io não é o mais interior dos satélites de Júpiter. Amaltéia é o mais próximo de Júpiter Cinco. Se pudermos interceptar sua órbita de modo correto, poderemos pousar nele. Se não conseguirmos isso, bem, nesse caso teremos antecipado nosso fim em duas horas.

Bigman sentiu renascer a esperança dentro de si. Não poderia jamais desesperarse completamente enquanto Lucky procurava encontrar um meio de salvá-los. Só

que até aquele momento não sabia ao certo ainda o que este tencionava fazer. Recordava-se agora da sua conversa inicial com Lucky sobre o assunto. Os satélites foram numerados de acordo com a ordem de suas descobertas. Almatéia era um pequeno satélite, com apenas cento e sessenta quilômetros de diâmetro, e só foi descoberto depois dos outros quatro satélites principais. Por esse motivo, apesar de ser o satélite mais próximo de Júpiter, era chamado de Júpiter Cinco. De alguma forma havia uma tendência para esquecer esse fato. Devido Io ser chamado de Júpiter Um, havia sempre a tendência para se pensar . que não existia nada entre ele e o planeta propriamente dito.

E uma hora mais tarde a jovian moon começou uma aceleração cuidadosamente planejada com destino a Júpiter, ganhando velocidade em direção a urna armadilha mortal.

Não tardou para que centrassem a visitela em urna parte qualquer de Júpiter. Embora este último aumentasse de tamanho de hora em hora, o centro de visão permanecia numa parte do céu sob grandeza máxima. Naquele ponto deveria estar Júpiter Cinco apressando-se para um encontro com uma nave que se arremessava e era atraída com força para baixo, teluricamente, na direção de Júpiter. A nave poderia ter sua queda amortecida pelas manchas cristalinas ou errar o alvo, e estaria perdida para sempre.

– Lá está ela – disse Bigman excitado. – Aquela estrela é um disco visível.

– Calcule a posição observada e o movimento – ordenou Lucky – e cheque com a rota computada.

As operações foram feitas.

Alguma correção? – perguntou Lucky. – Teremos que reduzir a velocidade por...

– Não dê importância aos números. Faça-o!

Júpiter Cinco completava uma volta em tomo de Júpiter num período de doze horas, a uma velocidade de aproximadamente cinco mil quilômetros por hora. Isso

representava uma vez e meia a velocidade de Io e seu campo gravitacional era apenas um vigésimo deste. Por ambas as razões, tornava-se mais difícil atingir o alvo.

As mãos do Major Brant tremiam nos controles no momento em que a ativação de todos os principais empuxos laterais fizeram uma ligeira correção curva em sua órbita de forma a ajustá-lo à órbita do célere Júpiter Cinco, então deslizou por trás e em volta do mesmo, casando as velocidades exatamente naqueles momentos vitais que poderiam permitir que a gravidade do satélite tornasse estável a órbita da nave em sua volta.

Júpiter Cinco era agora um objeto grande e brilhante. Se permanecesse assim, ótimo.

Se, pelo contrário, começasse a afastar-se, significava que haviam fracassado em sua tentativa.

O Major Brant murmurou: – Conseguimos! – e largou os controles e deixou pender a cabeça entre as mãos trêmulas.

Até Lucky fechou os olhos momentaneamente respirando aliviado e exausto.

De certo modo, a situação em Júpiter Cinco era completamente diferente daquela que ocorreu em Io. Lá, toda a tripulação era literalmente um grupo de visitantes.

Aqui, a atenção voltada para o auxilio dos Céus tornara-se prioritária em comparação aos preparativos ociosos no vale.

Aqui, no Júpiter Cinco, contudo, ninguém saiu da jovian moon.

O que havia para ver ninguém viu.

Os homens permaneceram a bordo da nave e trabalhavam no conserto dos reatores.

Nada mais importava. Se tivessem fracassado, a aterrissagem em Júpiter Cinco seria tão-somente sua desgraça derradeira e sua última agonia.

Nenhuma nave comum poderia pousar em Júpiter Cinco para resgatá-los, e dentro de um prazo de um ano, no mínimo, não haveria condições de construir uma outra nave, já que só esta fora construída. Se tivessem falhado haveria tempo de sobra para contemplar a imponência de Júpiter e a vastidão do infinito enquanto aguardavam pela morte inevitável.

Mesmo sob as condições mais adversas de sobrevivência, como. aquela que haviam experimentado algumas horas atrás, seria maravilhoso contemplar tudo que se apresentava ante seus olhos. Era Io enchendo completamente o espaço com suas dimensões duplicadas ou triplicadas.

Do ponto em que a nave jovian moon aterrissou, a margem inferior de Júpiter parecia varrer o horizonte plano e poeirento. O gigante planeta parecia tão perto no vazio que um observador poderia imaginar que seria capaz de tocá-lo com as mãos e

encerrá- Io naquele círculo de luz.

Do horizonte, Júpiter estendia-se verticalmente, a meio caminho do zênite. No momento que a jovian moon pousou, Júpiter estava quase cheio, e poder-se-ia dizer que dentro do círculo imponente de listras brilhantes e cores, urna variedade de aproximadamente mil luas cheias da Terra poderia ser colocada. Quase um vigésimo da abóbada celeste era ocupado por Júpiter.

E em virtude de Júpiter Cinco completar urna órbita em volta de Júpiter em doze horas, as luas visíveis – havia quatro aqui em vez das três visíveis em Io, uma vez que a própria Io era agora uma lua moviam-se três vezes mais rápido que lá em Io. Também notava-se esse fato a respeito de todas as estrelas e tudo o mais no céu, exceto o gélido Júpiter, ao qual o satélite mostrava somente um dos lados eternamente, e, portanto, nunca se movimentava.

Dentro de cinco horas o Sol estaria nascendo e teria exatamente a mesma aparência de quando foi visto de Io; seria a única coisa que não mudaria. Mas este poderia alcançar Júpiter quatro vezes maior numa velocidade três vezes mais rápida e ocasionar um eclipse de uma beleza centenas de vezes mais extraordinária.

Mas ninguém o viu. Ele ocorreu duas vezes enquanto a jovian moon lá permaneceu e, mesmo assim, ninguém o observou. Não havia tempo para isso. Não havia ânimo para tal.

Panner finalmente sentou-se e levantou a vista inflamada. Seus olhos estavam inchados e com profundas olheiras. Sua voz era um rouco murmúrio.

– Muito bem. Todos em seus postos de costume. Teremos pela frente um vôo de prova. – Não dormia há quarenta horas. Os outros haviam trabalhado em turnos de revezamento, Panner, porém, não parara nem para comer ou dormir.

Bigman, que se limitara a fazer tarefas não-especializadas, como por exemplo trazer e carregar apetrechos e outros, leitura de mostradores sob a orientação de pessoal habilitado, e a segurar alavancas sob instruções, não tinha função definida numa situação dessas, nem posto ou obrigações. Em virtude disso, vagava pela nave tristemente à procura de Lucky até que o encontrou na sala de controle com o Comandante Donahue.

Lucky estava sem camisa, enxugava os ombros, rosto e antebraços com uma grande toalha felpuda.

Logo que viu Bigman, falou animadamente: – Os reatores da nave foram consertados, Bigman. Vamos decolar logo.

Bigman ergueu os olhos. – Estamos fazendo um vôo de teste apenas, Lucky.

– Dará certo. Esse Jim Panner faz milagres.

– Conselheiro Starr, você salvou minha nave – comentou inflexivelmente o Comandante Donahue.

– Não, não. Quem merece os méritos é o Panner. Acho que metade do reator

foi ajustada usando-se fios de cobre e cola, mas funcionará.

– Você sabe a que me refiro, Conselheiro. Você nos trouxe em segurança a Júpiter Cinco quando praticamente todos estavam a ponto de desistir e entrar em pânico.

Salvou minha nave, e incluirei isso em meu relatório na íntegra, quando for submetido à corte marcial na Terra, por não ter cooperado com você em Júpiter Nove.

Lucky ruborizou-se embaraçado ao ouvir a declaração. – Não posso permitir tal coisa, Comandante. É importante àqueles que desempenham a função de Conselheiro evitar publicidade. Com respeito ao registro oficial, o que me consta é que permaneceu no comando da nave durante todo o decorrer da missão. Não haverá menção alguma sobre quaisquer ações minhas.

– Impossível. Jamais aceitaria elogios que por direito cabem a você pelos atos que realizou.

– Terá de ser assim. É uma ordem. E vamos esquecer o assunto corte marcial.

O Comandante Donahue aprumou-se com uma ponta de orgulho – Eu mereço a corte marcial. Você avisou-me da presença de agentes sirianos. Não lhe dei ouvidos e o resultado é que minha nave foi sabotada.

– A culpa também é minha – disse Lucky calmamente. – Eu estava a bordo da nave e não pude evitar isso. Entretanto, se agarrarmos o sabotador na volta, não haverá

razão para corte marcial.

– Está claro que o sabotador é o robô, sobre o qual avisou-me – acrescentou o comandante.

– Não sei como pude ser tão cego.

Receio que não tenha ainda percebido tudo. Não foi o robô. – Como não foi o robô?

– Um robô não poderia ter sabotado a nave. Isso implicaria causar danos a seres humanos e agindo dessa maneira estaria violando a Primeira Lei.

O comandante franziu as sobrancelhas considerando o fato. – Ele poderia não ter consciência de que estaria causando prejuízos.

– Todos a bordo da nave sabem o que representa o sistema Agrav. O robô poderia estar ciente de que sua ação causaria prejuízos. Em todo caso, penso que temos a identidade do sabotador, ou a teremos muito em breve.

– Oh? Quem é, Conselheiro Starr?

– Bem, considerem isto por um momento. Se alguém sabota dessa maneira uma nave, ciente de que ela explodiria ou iria chocar-se contra a superfície de Júpiter, seria ou um louco, ou alguém com uma dedicação sobre-humana para

permanecer a bordo.

– É. Acho que sim.

– Desde o momento que partimos de Io, as entradas de ar não foram abertas. Se o tivessem sido, haveria ligeiras quedas de pressão do ar, e o barômetro da nave não indica nada. Pode-se concluir daí que o sabotador nem chegou a embarcar na nave em Io. Ainda está lá, a menos que tenha partido.

– Corno poderia ter levantado vôo? Nenhuma nave poderia alcançar 1.0, exceto esta.

– Nenhuma nave da Terra – sorriu Lucky asperamente.

Os olhos do comandante arregalaram-se. – Certamente, nenhuma nave siriana tampouco.

– Está certo disso?

– Sim, estou – O comandante franziu o cenho. – E quanto a isso, espere um momento.

Todos se apresentaram antes de deixarmos Io. Não poderíamos ter decolado sem a presença de algum dos integrantes da tripulação.

– Nesse caso, todos ainda estariam a bordo. – Diria que sim.

– Bem – disse Lucky –, Panner ordenou a todos que ocupassem seus postos sob condições de emergência. O paradeiro de cada um dos homens deve ser determinado durante este vôo de prova. Chame o Panner e pergunte a ele se não está faltando ninguém.

O Comandante Donahue pegou o intercomunicador e chamou Panner.

Houve certa demora, então a voz de Panner, terrivelmente cansada, fez-se ouvir – Já ia chamá-lo , Comandante. O vôo foi bem sucedido. Podemos decolar. Se tivermos sorte, conseguiremos retornar sãos e salvos a Júpiter Nove.

– Ótimo. Seu trabalho será devidamente reconhecido, Panner.

Enquanto isso, todos estão em seus postos? – perguntou o comandante O rosto de Panner na visitela pareceu endurecer-se imediatamente. – Não! Pelo Espaço, queria informar-lhe! Não conseguimos localizar Summers.

– Red Summers! – gritou Bigman numa súbita excitação. – Aquele patife assassino, Lucky ...

– Um momento, Bigman – ponderou Lucky. – Dr. Panner, quer dizer que Summers não está em seu alojamento?

– Não está em parte alguma. Se não algo impossível, eu diria que não estava a bordo.

– Obrigado. – Estendeu-se para desligar O intercomunicador – Bem, Comandante ...

Bigman interveio. – Escute, Lucky. Lembra-se quando lhe falei que o vi saindo da sala dos reatores? Que estava fazendo lá?

– Agora sabemos – respondeu Lucky.

– E o que sabemos é suficiente para desmascará-lo – disse o comandante, rosto lívido.

– Estamos pousando em Io e ...

– Espere! – contemporizou Lucky: – Primeiro as coisas mais urgentes. Há algo muito mais importante que um traidor.

O quê?

– O problema do robô.

– Isso pode esperar.

– Talvez não. Comandante, disse-me que todos foram relacionados no relatório a bordo da jovian moon antes de deixarmos Io. Se isso aconteceu, o relatório era sem dúvida falso.

– Sim?

– Penso que deveríamos tentar descobrir a origem desse relatório falso. Um robô, pelas leis da robótica, não sabotaria uma nave, mas se um homem tivesse feito a sabotagem, sem o conhecimento do mesmo, este facilmente o ajudaria a permanecer fora da nave, desde que esse elemento solicitasse seu auxílio.

– Você quer dizer que o responsável pelo relatório falso que relacionava Summers como um dos presentes a bordo da nave é o robô?

Lucky refletiu por um momento. Tentou evitar que urna demasiada confiança ou excessivo sentimento de triunfo o dominasse, e seu raciocínio pareceu perfeitamente lógico.

–Parece-me que sim – disse.

• 15 •
Traidor!

– O Major Levinson, então – disse o Comandante Donahur ...Seus olhos tornaramse sombrios. – E ainda acho impossível acreditar.

– Acha impossível acreditar no quê? – perguntou Lucky.

– Que ele seja um robô. É o homem que fez o relatório. Cuida dos nossos registros.

Conheço-o a fundo e acredito piamente que não pode ser um robô.

– Vamos perguntar a ele, Comandante. E só mais uma coisa. – A expressão de Lucky tornou-se sombria. – Não o acuse de ser um robô; não pergunte a ele nada a respeito disso e nem tampouco deixe-o perceber o que pensa a respeito dele. Evite qualquer coisa que possa fazê-Io perceber que está sob suspeita.

O Comandante olhou atônito. – Por que não?

– Os sirianos dispõem de uma maneira de proteger seus robôs.

Uma suspeita declarada pode acionar algum dispositivo explosivo dentro do major se for de fato um robô.

– Pelo Espaço! – exclamou explosivamente o comandante.

o Major Levinson aprumou-se deixando perceber a disciplina que era universal entre os homens a bordo da jovian moon, mas permaneceu numa atitude atenta e ágil caracteristicamente militar. – Sim, senhor.

– O Conselheiro Starr tem algumas perguntas a fazer-lhe – disse cautelosamente o comandante .

Virou-se para Lucky. Era bastante alto, superando mesmo em altura a Lucky, cabelos louros, olhos azuis e rosto estreito.

. Lucky começou: – Todos os homens foram relacionados a bordo da jovian moon na hora da decolagem de Io, e você elaborou esse relatório. Certo, Major?

Sim, senhor.

– Viu cada um dos homens individualmente?

– Não, senhor. Usei o intercomunicador. Cada um deles respondeu de suas cabinas ou postos na hora da decolagem.

– Cada homem? Você escutou a voz de cada um deles? Cada uma delas em particular?

O Major Levinson mostrou-se atônito. – Acho que sim. Na verdade, isso é o tipo da coisa que a gente não consegue recordar. – Mas isso é algo de fundamental importância e peço-lhe que tente lembrar-se.

O major franziu as sobrancelhas e curvou a cabeça. – Bem, espere um pouco. Lembro-me que Norrich respondeu por Summers porque este estava no

banheiro. – Então, com um arroubo súbito de excitação, acrescentou: – Espere, ainda há pouco estavam procurando o Summers.

Lucky gesticulou de forma característica. – Não ligue, Major.

Poderia encontrar o Norrich e trazê-lo até aqui?

Norrich entrou apoiado num dos braços do Major Levinson.

Parecia desnorteado. – Comandante, parece que ninguém consegue encontrar o Red Summers. Que aconteceu a ele? – perguntou.

Lucky antecipou-se à resposta do comandante. – Estamos tentando descobrir.

Você afirmou que Summers estava presente quando o Major Levinson fez a checagem dos que estavam a bordo antes de deixarmos Io?

O engenheiro cego ruborizou-se. Respondeu firmemente: – Sim.

Segundo o Major, você disse que Summers estava no banheiro. Ele estava?

– Bem ... Não, não estava, Conselheiro. Havia saído da nave por alguns momentos para apanhar parte do equipamento que deixara. Não queria ser repreendido pelo Comandante – perdoe-me, senhor – pelo descuido, e pediu-me que respondesse por ele. Disse que estaria de volta bem antes da decolagem.

– Voltou mesmo?

– Eu ... Eu pensei... tive a impressão que sim. O Mutt latiu... -acho, e eu tive a certeza que estava de volta, mas nada havia para eu fazer no momento da decolagem, e por isso preparei-me para tirar uma soneca e acho mesmo que não dei muita importância ao caso na ocasião. Então aconteceu quase que imediatamente o problema na sala dos reatores, e depois disso não havia tempo para pensar em mais nada.

A voz de Panner soou no intercomunicador central com um tom inesperadamente alto. – Aviso a todos. Vamos decolar. Todos a postos!

A jovian moon estava no espaço outra vez, elevando-se contra a ação da gravidade de Júpiter com poderosos empuxos ascensionais. Despendia energia a uma taxa que teria partido ao meio cinco naves comuns e apenas um leve tremor no som hiperatômico deixava perceber que o mecanismo da nave, em parte, dependia dos dispositivos introduzidos provisoriamente.

Panner conjecturava de maneira um tanto sombria sobre a quantidade de energia que a nave poderia acumular. – Desse jeito, voltarei com apenas setenta por cento da energia original, quando poderíamos conseguir oitenta e cinco ou noventa. Se pousarmos em Io e decolarmos novamente, voltaremos só com cinquenta por cento. E não sei se podemos resistir a outra decolagem.

– Precisamos pegar o Summers, e você sabe por quê – justificou Lucky.

À medida que Io aumentava de tamanho uma vez mais na visitela, Lucky falou pensativamente: – Acho que não podemos ter certeza absoluta de que o encontraremos, Bigman.

– Não está pensando que os sirianos o levaram realmente, está? perguntou Bigman, incrédulo.

– Não, mas Io possui uma área enorme. Se se escondeu em algum lugar, talvez jamais o localizemos. Acredito que permaneceu no local do pouso. Se se afastasse de lá, teria que transportar reservas de ar, água e alimentos. Sua atitude mais racional seria permanecer lá. Principalmente porque não teria a mínima razão para suspeitar da nossa volta.

– Desde o começo deveríamos ter desconfiado do jogo duplo que aquele patife estava fazendo, Lucky – disse Bigman. – Primeiro tentou matá-lo. Por que motivo faria isso se não estivesse a serviço dos sirianos?

– É bem plausível, Bigman, mas lembre-se disto: estávamos à procura de um espião.

Summers não poderia sê-lo. Não teve nenhum acesso às informações que transpiraram.

Desde o momento que para mim ficou patente que o espião era um robô, ele foi inocentado de certa forma. A rã-V detectou suas emoções, portanto não poderia ser um robô, logo, não era o espião que procurávamos. É claro que isso não afastava a hipótese de que fosse um traidor ou sabotador, e eu não deveria ter deixado que as investigações sobre o robô tivessem desviado minha atenção dessa possibilidade.

Meneou a cabeça e acrescentou: – Este caso deixou-me totalmente desapontado.

Se em vez do Norrich alguma outra pessoa tivesse ajudado o Summers, já teríamos apanhado nosso robô. O problema é que Norrich é o único homem que poderia ter usado da mais completa boa-fé ao cooperar com o Summers. Era grande amigo deste; sabemos disso. Ademais, Norrich inocentemente estaria longe de imaginar que Summers jamais retomaria à nave antes da decolagem. Afinal de contas, é cego.

– Além disso, mostrou ter emoções, também, portanto não pode ser o robô – acrescentou Bigman Lucky aquiesceu com a cabeça. – Realmente. – Contudo, franziu o cenho e manteve-se em silêncio.

Descendo gradualmente, tocaram a superfície de Io, aterrissando quase nas mesmas marcas da decolagem anterior. Os pontos e . sombras manchadas existentes no vale, de acordo com a aproximação, foram se tornando mais distintos e podia-se ver que eram o equipamento montado por ocasião da primeira descida.

Lucky examinava atentamente a superfície do satélite, pela visitela. – Foram deixadas algumas unidades pressurizadas em lo? – Não – respondeu o comandante.

– Então podemos pegar nosso homem. Corno podem observar, urna unidade pressurizada está totalmente estendida atrás daquela formação rochosa. Você tem a lista do material que desapareceu de bordo?

O comandante entregou-lhe urna folha de papel, sem comentários, e Lucky examinou-a. Disse: – Bigman e eu iremos atrás dele. Duvido que precisemos de ajuda.

O minúsculo sol ia alto no céu, e Bigman e Lucky caminhavam sobre as próprias sombras. Júpiter apresentava-se como um delgado círculo de luz em fase crescente.

Lucky falou com Bigman usando o comprimento de onda deste.

– Ele deve ter visto a nave, a menos que esteja dormindo.

– Ou a menos que tenha partido – conjecturou Bigman.

– Duvido que tenha partido.

E quase imediatamente Bigman gritou: – Pelas Areias de Marte, Lucky, olhe lá em cima!

Um vulto surgiu na crista da linha rochosa. Recortava-se ameaçadoramente contra a delgada linha amarela de Júpiter.

– Não se mexa – falou uma voz baixa e cansada no mesmo comprimento de onda de Lucky. – Tenho um explosivo comigo.

– Summers, desça daí e renda-se – ordenou Lucky.

A voz fatigada do outro soou num tom de amargo escárnio. – Adivinhei o comprimento de onda certo, não foi, Conselheiro? No entanto, foi fácil devido ao tamanho do seu amigo ... Volte à sua nave ou matarei os dois.

– Não perca tempo com blefes inúteis – disse Lucky. – Dessa distância não poderia nos atingir mesmo que tentasse uma dúzia de vezes.

Bigman acrescentou com fúria aguda: – E eu também estou armado, e posso acertá-lo mesmo a esta distância. Lembre-se bem disso e nem sequer mexa o dedo na direção do botão de acionamento.

– Deixe cair ao chão seu explosivo e renda-se – ordenou Lucky.

– Nunca! – respondeu Summers.

– Por que não? A quem está sendo leal? – perguntou Lucky.

– Aos sirianos? Eles prometeram vir buscá-Io aqui? Se fizeram isso, mentiram e o traíram. Não merecem nenhuma lealdade. Diga-me onde está localizada a base dos sirianos no sistema de Júpiter.

– Você sabe o bastante. Descubra você mesmo.

– Que combinação de sub-onda você usa para comunicar-se com eles?

– Descubra isso também ... Não se aproximem!

_ Dê-nos sua ajuda agora, Summers, e prometo-lhe dar o melhor de mim para que receba um tratamento ameno na Terra – disse Lucky.

Palavra de Conselheiro? – Summers soltou uma débil gargalhada.

– Sim.

Eu não confiaria em você. Voltem à sua nave.

– Por que voltou-se contra seu próprio mundo, Summers? O que lhe ofereceram os sirianos? Dinheiro?

– Dinheiro! – Sua voz tornou-se subitamente furiosa.

Querem saber o que me ofereceram? Contarei a vocês. Uma chance de vida decente.

– Podiam perceber o som quase inaudível que Summers produzia ao rilhar os dentes. – Que tive na Terra? Miséria a vida inteira. Um planeta superpovoado onde não havia chance alguma de ter um nome respeitável e uma posição. Em qualquer lugar que eu fosse era cercado por milhões de pessoas ferindo-se umas às outras, e quando tentei também fazer o mesmo, fui para as grades. Decidi que se algum dia pudesse fazer algo contra elas, eu o faria.

– Que espera obter dos sirianos em troca de uma vida decente?

– Convidaram-me a emigrar para os planetas sirianos, se quer saber. – Fez uma pausa, sua respiração produzia pequenos ruídos semelhantes a silvos. – Mundos novos.

Limpos. Onde há um cantinho para se viver honestamente; precisam de homens capazes. Lá eu terei uma chance.

– Você jamais chegará lá. Quando virão buscá-lo? Summers emudeceu.

– Encare a realidade, homem – disse Lucky. – Eles não virão buscá-lo. Não têm qualquer possibilidade de oferecer-lhe uma vida honesta; nada que se possa chamar de vida, realmente. Apenas a morte. Espera que venham antes disso, não é?

– Não.

– Não minta. Não vai melhorar a sua situação. Verificamos os suprimentos que estavam faltando na jovian moon. Sabemos exatamente quanto oxigênio você tirou às escondidas da nave. Os cilindros de oxigênio são difíceis de transportar mesmo sob a gravidade de Io, considerando que agiu sorrateiramente, às pressas, e temendo ser apanhado. Sua reserva de oxigênio está quase no fim agora, não é?

– Tenho bastante oxigênio – respondeu Summers.

– Digo-lhe que está quase acabando – replicou Lucky. – Não vê que os sirianos não vêm buscá-Io? Não podem vir sem a nave Agrav, e eles não a têm. Pela Grande Galáxia, homem, deixou que essa ânsia pelos mundos sirianos fosse tanta, permitindolhes matá-lo assim, com uma mentira tão fácil de perceber, como eu percebi? Agora, diga-me, de que maneira ajudou-os?

– Fiz o que me pediram que fizesse e não foi muita coisa. E se lamento alguma coisa – gritou num desafio súbito, sem fôlego – é apenas por não ter derrubado a jovian moon. Como conseguiram escapar? De que modo? Preparei tudo. Preparei a sujeira, a imundície toda ... – concluiu num misto de ódio e desespero.

Lucky cutucou Bigman para avisá-lo e os dois iniciaram uma corrida com largas passadas, típica de mundos onde há gravidades fracas. Bigman seguia-o,

mudando de direção a fim de não serem um alvo fácil.

A bomba de Summers explodiu com um silvo característico, e anéis de fumaça esparsos formaram-se na atmosfera rarefeita de Io. Aqui e acolá, a areia levantava-se em jatos, e a alguns metros do vulto ágil de Lucky formou-se uma cratera.

– Vocês não me pegarão! – gritou Summers com débil violência. – Não voltarei à Terra. Eles virão me buscar. Os sirianos virão me buscar!

– Suba, Bigman – disse Lucky. Havia atingido a formação rochosa. Saltando mais para cima, fumou-se numa saliência de pedra e lançou-se ainda mais alto. Em um sexto da gravidade normal, um homem, mesmo em traje espacial, pode escalar uma montanha mais facilmente que um cabrito montês.

Summers gritava fracamente. Suas mãos seguraram o capacete e saltou para trás, desaparecendo.

Lucky e Bigman alcançaram o cume. A formação rochosa no outro lado projetavase quase a prumo com salientes arestas pontiagudas intercalando a superfície rochosa.

Summers era um vulto semelhante a uma águia, braços abertos frouxamente, caindo lentamente, chocando-se de encontro às rochas e ricocheteando.

– Vamos pegá-lo, Lucky – disse Bigman. E atirou-se para fora do alcance dos penhascos.

Lucky o acompanhou.

Na Terra ou mesmo em Marte, teria sido um salto mortal. Em Io, porém, era diferente.

Atingiram o solo com os joelhos dobrados e rolaram a fim de amortecer a força do impacto. Lucky levantou-se primeiro e foi em direção a Summers, que jazia de bruços, imóvel.

Bigman aproximou-se, ofegante. – Ei, esse não foi o salto mais fácil que eu ... Que há com o pilantra?

– Está morto. Eu sabia que o oxigênio dele estava no fim pela sua maneira de falar.

Estava quase inconsciente. Foi por isso que investi contra ele – disse Lucky.

– Mesmo semi-inconsciente ainda pôde resistir por muito tempo – aventou Bigman.

Lucky meneou a cabeça. – Ele estava certo. Realmente não queria ser apanhado.

Exatamente antes de saltar, abriu seu capacete respirando ar venenoso de Io, o que sem dúvida fez com que batesse no penhasco.

Pôs-se de lado e Bigman lançou um olhar de relance àquele rosto cheio de equimoses.

– Pobre diabo! – comentou Lucky.

– Pobre traidor! – replicou Bigman violentamente. – Ele sabia a resposta e não quis contar-nos. Agora é tarde demais.

Ele não precisava fazer isso, Bigman. Acho que já sei a resposta.

• 16 •
Robô!

– Sabe? – A voz do pequeno marciano transformou-se quase num chiado. – Qual é, Lucky?

Lucky respondeu evasivamente: – Agora não. – Fitou Summers, cujos olhos inanimados contemplavam um estranho céu. Disse: – Summers merece uma distinção em sua epígrafe. Foi o primeiro homem a morrer em Io Levantou os olhos. O Sol movia-se por trás de Júpiter. O planeta começara a tornar-se apenas um círculo prateado indistinto ao crepúsculo.

– Está anoitecendo. Vamos voltar à nave – disse Lucky.

Na cabina, Bigman caminhava compassada e nervosamente. Dava três passos para cá, três para lá. Disse: – Mas se você sabe, Lucky, por que ...

– Não posso me precipitar e correr o risco de uma explosão – respondeu Lucky. – Deixe-me agir à minha maneira, e na hora que julgar oportuno, Bigman. – Havia uma firmeza em seu tom de voz que subjugou Bigman completamente.

– Bem, então por que perder mais tempo em Io por causa daquele patife lá fora?

Ele está morto. Não há mais nada a fazer com respeito a ele.

– Há uma coisa – respondeu Lucky. O sinal da porta acendeu-se e ele acrescentou: – Abra, Bigman. Deve ser Norrich.

E era mesmo. O engenheiro cego entrou, seu cão Mutt à frente. Os olhos azuis opacos de Norrich piscaram ligeiramente. Disse: – Ouvi algo a respeito do Summers, Conselheiro. É terrível pensar que ele tentou ... tentou ... Terrível saber que era um traidor. Assim mesmo sinto muito por ele.

Lucky aquiesceu com a cabeça. – Eu sabia que iria lamentar o fato. Foi por esse motivo que lhe pedi para vir aqui. Agora está escuro lá fora. Há um eclipse do Sol.

Quando terminar, virá comigo sepultar o Summers?

– Com prazer. É nosso dever agir assim com qualquer ser humano, não? – Sua mão abaixou-se tateando o focinho de Mutt, como se o consolasse, e este ficou mais perto, enroscando-se docilmente em seu dono, como se experimentasse, no íntimo, uma necessidade quase imperceptível de mostrar simpatia em retribuição ao gesto daquele.

– Achei que iria agir desse modo – comentou Lucky. – Afinal, era amigo dele. Poderia querer reverenciá-Ia pela última vez.

– Obrigado. Eu gostaria, sim. – Lágrimas furtivas umedeceram seus olhos opacos. .

Pouco antes de colocar seu capacete, Lucky falou ao Comandante Donahue: – Esta será nossa última saída. Quando retomarmos, vamos decolar com destino a Júpiter Nove.

– Ótimo – admitiu o comandante, e quando os olhos de ambos se encontraram, pareceu haver um entendimento mútuo.

Lucky ajeitou seu capacete e em outro canto da cabina do piloto, os dedos sensíveis de Norrich percorriam delicadamente o traje espacial flexível de Mutt, procurando certificar-se de que todos os fixadores estavam ajustados. Dentro do capacete de forma esquisita de Mutt, cuja viseira era de vidro, suas mandíbulas moviam-se num latido quase inaudível. Era óbvio que ele sabia que estava sendo levado para uma excursão sob uma fraca gravidade, e essa expectativa era motivo de grande alegria.

E assim foi feita a primeira sepultura em Io. Cavada em solo firme e rochoso com o auxílio de escavadeiras, foi preenchida com um montículo de cascalho, encimado por uma rocha oval, à guisa de marco.

Os três permaneceram em volta dela enquanto Mutt perambulava à distância, tentando em vão, como sempre, examinar os arredores apesar do metal e vidro que o impediam de usar seu olfato canino.

Bigman, que sabia da trama de Lucky e o que deveria fazer, mas não sabia por que, aguardava, tenso.

Norrich permaneceu com a cabeça curvada numa atitude de reverência, e disse suavemente: – Este foi um homem que com todas as suas forças desejou algo, agiu erradamente para conseguir seu intento, e pagou por isso.

– Ele fez o que os sirianos pediram que fizesse – acrescentou Lucky. – Esse foi o seu crime, praticar sabotagem e ...

Norrich enrijecia-se à medida que a pausa de Lucky, após sua observação, tornava-se mais prolongada. Perguntou: – E o quê?

– E colocar você a bordo da nave. Recusou-se a integrar a tripulação sem você.

Você mesmo contou-me que foi só pela interferência dele que o aceitaram a bordo da jovian moon.

A voz de Lucky tornou-se inflexível. – Você é um robô espião colocado aqui pelos sirianos. Sua cegueira o faz parecer inocente perante aqueles que participam do projeto, mas você não precisa usar a visão. Você matou a rã-V e protegeu a escapada de Summers, para fora da nave. Sua própria morte não representa nada para você, em vista das ordens que a Terceira Lei estabelece. E, para terminar, ludibriou-me ao mostrar as emoções que captei por intermédio da rã-V, uma emoção sintética que lhe foi incorporada pelos sirianos.

Essa era a deixa que Bigman estivera esperando. Erguendo o cabo de sua

arma precipitou-se sobre Norrich, cujos protestos incoerentes eram apenas uma confusão monossilábica.

– Eu sabia que era você! – gritou Bigman quase num guincho.

– Vou quebrá-lo todinho.

– Não é verdade! – Norrich gemia, na tentativa de dizer alguma coisa. Atirou os braços para cima e tropeçou, caindo de costas.

E inesperadamente Mutt surgiu rápido como um raio, sob a pálida luz esbranquiçada.

Percorreu furiosamente a distância de aproximadamente quinhentos metros que o separava do homem, visando alcançar Bigman, numa explosão de cólera.

Bigman não prestara atenção. Uma das mãos segurava o ombro de Norrich, enquanto a outra balançava o explosivo para cima.

Então Mutt paralisou-se!

Quando estava a apenas três metros de distância do par de contendores suas pernas enrijeceram-se inutilmente e ele rolou aos tropeções atrás deles, indo parar em um local congelado. Pelo vidro do seu capacete, podiam-se ver suas mandíbulas abertas, como se o mesmo tentasse latir.

Bigman manteve-se numa posição ameaçadora sobre Norrich como se ele, também, estivesse congelando.

Lucky aproximou-se do animal a passos rápidos. Utilizou sua pá como uma espécie de faca improvisada e fez um corte longitudinal no traje espacial de Mutt, do pescoço à cauda.

Então, nervosamente, efetuou uma incisão atrás do pescoço do cão, e explorou habilidosamente a região com seus dedos revestidos pela malha do traje espacial. Tocou uma pequena esfera percebendo que não era osso. Tentou levantá-Ia e encontrou resistência. Rebentou os fios que a mantinham no lugar e levantou-se, bastante cansado pelo esforço dispendido. O lugar óbvio para um mecanismo a ser ativado pelo cérebro, era a sua base, e ele o encontrara. Mutt já não poderia mais colocar em perigo a vida de ninguém.

Norrich chorava como se soubesse instintivamente de sua perda. – Meu cachorro!

Que estão fazendo com ele?

– Não é um cachorro, Norrich – respondeu Lucky suavemente.

– Nunca foi. Era um robô. Venha, Bigman, ajude-o a voltar à nave.

Levarei o Mutt.

Lucky e Bigman achavam-se agora no alojamento de Panner. A jovian moon cruzava o espaço novamente, e Io distanciava-se rapidamente, apresentando-se àquela altura já quase como uma moeda brilhante no infinito.

– Como descobriu tudo? – perguntou Panner.

Lucky explicou de forma sombria: – Uma série de coisas que presenciei desde a minha chegada. Todos os indícios apontavam diretamente para o Mutt, mas eu estava tão seguro de que iria encontrar um robô humanóide, tão intimamente certo de que o robô tinha uma aparência humana que deixei de lado a verdade, embora ela estivesse o tempo todo na palma da minha mão.

– Quando percebeu realmente toda a verdade?

– Na hora em que o Summers suicidou-se, atirando-se do penhasco. Contemplei seu corpo que jazia lá embaixo, e pensei em Bigman, na queda que sofreu através da neve de amônia, quase morrendo em consequ¨.ncia. Então pensei: Não há Mutt algum para salvar esse pobre-diabo ... E aí, esse fato fez-me ver claramente tudo.

– Como? Não compreendo.

– De que modo, exatamente, o Mutt salvou Bigman? Quando ele veio correndo atrás de nós, o Bigman estava em algum lugar sob o gelo, impossível de ser visto.

Mesmo assim, Mutt cavou na direção em que ele estava, sem hesitação, e arrastou-o para cima. Até certo ponto, aceitamos o fato sem pensar, porque sabemos que os cães podem localizar coisas que não vêem, só através do seu olfato. Mas acontece que a cabeça do Mutt estava dentro de um capacete. Ele não poderia nem ver ou sentir Bigman. Apesar disso, não teve nenhuma dificuldade em localizá-lo. Deveríamos ter percebido que algum tipo de percepção incomum foi utilizado. Descobriremos exatamente qual quando nossos especialistas em robótica examinarem a carcaça.

– Agora que explicou – disse Panner – parece-me bastante claro. O cachorro foi obrigado a denunciar-se porque, conforme a Primeira Lei, não lhe era permitido ferir seres humanos.

– Certo – enfatizou Lucky. – Uma vez que comprovamos finalmente que as suspeitas sobre o Mutt eram verdadeiras, uma série de outras coisas começam a encaixarse.

Por exemplo, Summers providenciou para que o Norrich estivesse a bordo, sim, pois. fazendo isso, também teria conseguido que o Mutt o acompanhasse. Ademais, devemos lembrar, antes de tudo, que foi o Summers quem trouxe o Mutt para Norrich.

Há probabilidades de que exista na Terra uma rede de espionagem cuja única tarefa é a distribuição destes cães-robôs às pessoas que trabalhem em centros de pesquisa ultra-secretas, ou mesmo perto deles.

– Os cães são espiões perfeitos. Se encontrar um cachorro farejando seus papéis ou perambulando ao longo de uma seção altamente secreta de um laboratório, importa-lhe o fato? É bem provável que faça uns afagos nele e ainda lhe dê um

biscoito.

Verifiquei totalmente o Mutt da melhor maneira que pude, e acho que dispõe de um transmissor subetérico integrado, que lhe permite manter contato com seus donos sirianos. Estes podem ver o que ele vê, ouvir o que ele ouve. Por exemplo, viram a rã-V através dos olhos do Mutt, reconheceram seu perigo e instruíram-no para matá-la. Ele poderia ter sido feito para usar um projetor de energia, o qual usaria para fundir a fechadura de uma porta. Mesmo que fosse surpreendido em flagrante, haveria uma boa chance de que o fato fosse considerado apenas acidental, como se este estivesse brincando com uma arma que encontrara ao acaso.

– Mas, quando tudo isso havia me ocorrido, eu estava só no início do problema, do ponto de vista prático. Tinha que tentar uma maneira de apanhá-lo intacto. Estava certo de que qualquer suspeita declarada contra o Mutt poderia ativar sua implosão.

Por isso fiz com que Norrich e Mutt viessem até uma distância segura da nave, com o pretexto que iríamos cavar a sepultura do Summers. Desse modo, se o Mutt explodisse realmente, ao menos a nave e seus homens escapariam. Naturalmente deixei com o Comandante Donahue um lembrete para ser aberto no caso de não regressar, para que a Terra pelo menos investigasse os cães em centros de pesquisa.

– Então acusei o Norrich ...

Bigman interrompeu bruscamente: – Pelas Areias de Marte, Lucky, pensei por um momento que estivesse mesmo falando sério quando acusou Norrich de haver matado a rã-V e nos enganado com sua emoção sintética integrada.

Lucky meneou a cabeça. – Não, Bigman Se ele pudesse nos enganar com emoção sintética integrada, por que iria dar-se ao trabalho de matar a rã-V? Não, eu estava só me certificando de que os sirianos, caso estivessem ouvindo tudo através do Mutt, acreditassem que eu estava na pista errada. Além disso, a situação que eu criara só iria beneficiar o Mutt.

– Veja, o Bigman, sob instruções, atacou Norrich. Como um cão "Olho Vivo", Mutt foi construído com ordens enérgicas de defender seu dono contra ataques, em obediência à Segunda Lei. Geralmente, aqui não ocorrem problemas. Poucas pessoas atacariam um cego e mesmo aqueles que o fazem, param ao simples latido do cão, ou ao verem suas mandíbulas.

– Mas Bigman continuou atacando Norrich, e Mutt, pela primeira vez desde que fora construído, viu-se sem saber o que fazer Mas como poderia agir? Não poderia ferir Bigman Primeira Lei. Nem tampouco deixar que Norrich fosse ferido. Era um dilema total e Mutt desistiu. Quando aconteceu isso, eu pensei que alguma bomba que estivesse dentro dele poderia a qualquer momento ser acionada. Por isso a removi e então sentimo-nos a salvo.

Panner respirou fundo. – Muito hábil.

Lucky retrucou: – Hábil? Eu devia ter feito isso no primeiro dia que pousei em Júpiter Nove, se eu fosse um pouquinho mais esperto. Quase fiz isso, lá. A idéia esteve o tempo todo em minha cabeça, só que nunca consegui decifrá-Ia totalmente.

O que era, Lucky? Eu ainda não entendi – perguntou Bigman.

Foi algo muito simples. A rã-V captava tanto emoção animal quanto humana. Tivemos uma demonstração disso quando pousamos pela primeira vez em Júpiter Nove.

Captamos fome na mente de um gato. Então, pouco depois, encontramos o Norrich que lhe pediu para simular um ataque contra ele, para demonstrar-nos a habilidade do Mutt em defendê-lo. Você fez o que ele pediu. Captei, naquela ocasião, as emoções de Norrich e as suas, por meio da rã-V, porém muito embora o Mutt externasse todos os sinais característicos da raiva, não pude captar o menor sinal desse sentimento em sua mente. Essa foi a mais absoluta prova, bem cedo mesmo, da ausência total de sentimentos no Mutt, mostrando portanto que não era um cão e sim um robô. A despeito disso, eu tinha plena convicção da aparência humanoide do robô que inconscientemente recusava-se a aceitar outra teoria ... Bem, vamos jantar e depois aproveitemos para visitar o Norrich. Quero prometer-lhe trazer um outro cachorro, mas um de verdade.

Subiram ao convés imediato, e Bigman comentou: – De qualquer forma, Lucky, talvez tenha levado algum tempo, mas paramos os sirianos.

– Não sei se conseguimos isso ... disse Lucky calmamente –, mas certamente os atrapalhamos bastante.

FIM

Table of Contents